

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA, ENSINO E NARRATIVAS

JOSÉ RIBAMAR SANTOS DE ALMEIDA

**O FILME NAS AULAS DE HISTÓRIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
SÃO LUÍS DO MARANHÃO: entre práticas e desafios**

SÃO LUÍS
2017

JOSÉ RIBAMAR SANTOS DE ALMEIDA

**O FILME NAS AULAS DE HISTÓRIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
SÃO LUÍS DO MARANHÃO: entre práticas e desafios**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Corrêa.

SÃO LUÍS
2017

Almeida, José Ribamar Santos de.

O filme nas aulas de história em escolas públicas de São Luís do Maranhão: entre práticas e desafios. / José Ribamar Santos de Almeida. – São Luís, 2017.

113f.

Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Prof. Dr^a. Helidacy Maria Muniz Côrrea.

1. Ensino de história. 2. História e cinema. 3. Filmes
2. Maranhenses.

I.Título.

CDU 93/94 (812.1): 7915.5

JOSÉ RIBAMAR SANTOS DE ALMEIDA

**O FILME NAS AULAS DE HISTÓRIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
SÃO LUÍS DO MARANHÃO: entre práticas e desafios**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Corrêa (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Profa. Dra. Cláudia Cristina Azeredo Atallah (Membro Externo)
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (Membro Interno)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Profa. Dra. Viviane de Oliveira Barbosa (Suplente)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

À meus pais Severo e Beatriz Santos (in memoriam),
pelos seus ensinamentos e exemplos de luta e
persistência.

AGRADECIMENTOS.

A minha esposa Suzana e meus filhos Jefferson e Beatriz pelo apoio e compreensão.

A Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Corrêa, que me orientou com sabedoria e paciência, ingredientes sem o qual não teria conseguido concluir esta produção.

Ao Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pacheco Filho e ao Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho pelas contribuições na qualificação que possibilitaram o afinamento deste trabalho. À Profa. Dra. Cláudia Atallah pelo aceite ao convite para participar desta banca.

Aos professores das disciplinas, que contribuíram com os seus ensinamentos e aprofundamento do conhecimento: Profa. Dra. Adriana Zierer, Prof. Dr. Fábio Henrique, Profa. Dra. Viviane Barbosa, Prof. Dr. Antônio Evaldo e Profa. Dra. Sandra Regina. Em especial, à Profa. Dra. Mônica Piccolo, pela sua condução na coordenação do curso, sempre incentivando a produção.

Agradeço ao companheirismo dos colegas da turma 2015 pelo fortalecimento na caminhada; os mestrandos: Francineia Pimenta, Ana Raquel, Marcio Henrique, Ilma de Jesus, Maria Aparecida, Peterson Passion, Flavia Santos, Aldina da Silva, Clécia Assunção e Ilma do Socorro.

Quero agradecer também a todos os colegas professores do Ensino básico que colaboraram com entrevistas e/ou incentivos, vocês somaram muito para o meu crescimento intelectual e como professor/pesquisador.

As colegas professoras Ligia Maria Pinheiro e Nezimar Madeira, pelo apoio e incentivo e a Saulo e Alexandre Bruno, do DARC/UFMA, pela contribuição na lista de filmes desta pesquisa.

O filme, compreendido como objeto de análise, traz consigo aspectos, que ultrapassam os objetivos de quem o criou, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica. Sua utilização como recurso didático pressupõe um exercício crítico, no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para a discussão de comportamentos, visões de mundo, valores e identidades de uma sociedade em um dado momento histórico.

Franco & Ferreira

RESUMO

A presente pesquisa analisa a utilização de filmes em aulas de História, nas escolas públicas de São Luís do Maranhão, entre os anos de 2015 e 2016. Nesse sentido, perceber qual a formação dos docentes e com quais perspectivas estes utilizam o filme, torna-se essencial a este trabalho, assim como localizar cronologicamente como o filme começou a ser usado como fonte histórica e como ferramenta em sala de aula. Em seguida nos deteremos na coleta de dados, para tal utilizaremos dois métodos: questionários e entrevistas, com vistas a uma pesquisa qualitativa para deprendermos sobre as práticas e os desafios do professor trabalhar com filmes. Dessa forma, dialogaremos com a Lei 13.006/14, que estabelece a exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais de filmes nacionais nas escolas públicas; os Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1998), e as Diretrizes Curriculares do Estado do Maranhão (2014). Por fim, apresentaremos um guia de filmes maranhenses com a finalidade de atender aos conteúdos estruturados e que poderá ser utilizado na sala de aula com os alunos.

Palavras-chave: Ensino de História. História e Cinema. Filmes Maranhenses.

ABSTRACT.

The present research analyzes the use of films in History classrooms, in the public schools of São Luís do Maranhão, between the years of 2015 and 2016. In this sense, to understand the teacher training and with what perspectives these use the film, is essential to this work, as well as to find chronologically how the film began to be used as historical source and as a tool in the classroom. We will then focus on the data collection, using two methods: questionnaires and interviews, with a view to a qualitative research to show the practices and challenges of the teacher working with films. In this way, we will dialogue with Law 13.006 / 14, which establishes the mandatory exhibition for at least 2 (two) hours per month of national films in public schools; The National Curricular Parameters of History (1998), and the Curricular Guidelines of the State of Maranhão (2014). Lastly, we will present a guide to Maranhão movies in order to meet the structured content that can be used in the classroom with the students.

Key Words: History Teaching. History and Cinema. Movies Maranhenses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: APRENDENDO COM A SÉTIMA ARTE.....	11
CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA VAI AO CINEMA.....	16
1.1 Linguagem cinematográfica: significado e natureza.....	16
1.2 O processo de construção de um filme.....	19
1.3 Etapas da produção fílmica ou narração.....	24
1.4 Leitura histórica e produção cinematográfica.....	26
1.5 Novos artefatos da História.....	28
1.6 PCN's e uso de filmes em sala de aula.....	30
1.7 O uso de filmes em sala de aula.....	34
CAPÍTULO 2 PRÁTICA DOCENTE: USO DE FILMES.....	38
2.1 O cinema vai as escolas...mas elas estão preparadas?.....	38
2.2 Os desafios do uso do filme em sala de aula.....	58
2.3 A decisão de não usar o filme em sala de aula.....	60
CAPÍTULO 3 GUIA TEMÁTICO DE FILMES MARANHENSES.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
APÊNDICE.....	95
ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO: aprendendo com a Sétima Arte

A presente pesquisa está inserida no campo da reflexão a respeito do ensino de História, nas escolas públicas de São Luís do Maranhão. O Nosso ponto de análise é o uso de filmes nas aulas de História. Sabemos que os professores no seu fazer em sala de aula, estão sempre procurando uma maneira de ensinar os conteúdos programáticos e consegui atingir o aprendizado dos alunos de maneira satisfatória. Para alcançar tal objetivo, utilizam diversas linguagens como o uso de imagens, objetos de museus, fotografias, quadros, sites, blogs, filmes, músicas, entre outros. Ao fazer uso destas opções metodológicas, ampliam-se as possibilidades de estudo, e de produção de conhecimento de maneira dinâmica e prazerosa¹.

A relação entre cinema e história não é recente. Como fonte histórica², assim como a tentativa de uso em sala de aula, remete há algumas décadas, Jonathas Serrano, professor do Colégio Pedro II, desde 1912, incentivava os professores a utilizarem o filme, para facilitar o aprendizado³. Mas o uso do filme em sala de aula passou por um período de muitas desconfianças e ainda hoje é concebido por muitos como mero instrumento de lazer e, muitas vezes, é utilizado para substituir textos e aulas expositivas e para dar credibilidade ao tema que está sendo estudado⁴.

Abordaremos, assim, em nosso trabalho, o alargamento na concepção de História a partir da Escola dos Annales (1929), que modificou a visão sobre fontes de pesquisa e seus desdobramentos no ensino de história, bem como o conceito de tempo, representação e narrativas, que ao longo da trajetória desse movimento, criou uma nova história. A influência dos Annales foi marcante na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1998), e seus desdobramentos em diretrizes e normas. Pretendemos entender os efeitos dessa concepção de ensino vigente em São Luís, bem como as diretrizes Estaduais, que determinam o uso de diferentes linguagens no ensino de História.

¹ FONSECA, Selva Guimarães. O Uso de Diferentes Linguagens no Ensino de História e Geografia. **Ensino em Revista**, 2010.p.53

² BARROS, José D.'Assunção. Cinema e história—Considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 55, 2011.p.177

³ BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Ed Cortez, 2004. p. 371

⁴ ABUD, K. M.; SILVA, A. C. M.; ALVES, R. C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 170

Nesse sentido, nossa pesquisa foi pensada a partir da inquietação em perceber como o professor da educação básica da rede estadual utiliza o filme em suas aulas. Quais as condições que as escolas lhes oferecem? Participaram de cursos de qualificação para entender o filme como mais uma linguagem que pode ser explorada no ensino-aprendizagem? Essas inquietações surgiram a partir da nossa experiência como professor da educação básica. Inicialmente não tínhamos preocupação com o uso de recursos, a não ser o livro didático, o giz, o quadro e o diálogo bastavam e até recebiam questionamentos, de certa forma elogiosos, tipo “como você sabe tanta coisa sem estar com o livro aberto?”

Por outro lado, a partir do momento em que participamos de cursos de qualificação e que começamos a refletir mais intensamente sobre a prática em sala de aula, constatamos que se tinha muito a aprender, para ensinar. Dessa feita, a possibilidade do estudo de História pautado em consultas e reflexões a diferentes fontes, como o uso de filmes, fotografias, músicas, visitas a museus, dramatizações, e mais recentemente o uso da radionovela, foram se apresentando como melhores condições de lidar com o atual alunado, que não se satisfaz em apenas ouvir e anotar, sem participar do debate e da construção do conhecimento histórico. Ao contrário de uma voz corrente que afirma o alunado não querer nada com os estudos, o que temos percebido é que, se as aulas despertam o seu interesse e participação, o resultado e a motivação do professor e dos alunos ocorrem de maneira muito diferente.

Dessa forma, temos procurado através do curso de mestrado (UEMA), na linha de historiografia e linguagens, aprofundar o conhecimento sobre a temática proposta, através do estudo dos teóricos apresentados pelas disciplinas eletivas, pela participação em eventos e, mais recentemente do 39º Festival Guarnicê de Cinema (UFMA), onde participamos da oficina sobre narrativa fílmica, sempre na perspectiva de aprimorar o conhecimento acerca do cinema e sua aplicabilidade como construção de um novo texto.

É importante destacar que sobre a temática encontramos um notável número de trabalho, os quais destacam-se: Fernandes (2007)⁵, Mocellin (2002)⁶, Kornis(1992)⁷, dentre outros. Procuramos nos referenciar teoricamente em autores como: Ferro (2010)⁸, Napolitano

⁵ FERNANDES, Sandro Luís. **Filmes em sala de aula-realidade e ficção**: uma análise do uso do cinema pelos professores de história. 2007

⁶ MOCELLIN, R. **O cinema e o ensino da história**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

⁷ KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992

⁸ FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra 2010.

(2005)⁹, Xavier (1991)¹⁰, dentre outros. São autores que discutiram a relação entre a historiografia, o cinema e o ensino de história, e de alguma maneira são referências presentes em outros trabalhos sobre esta temática.

Utilizamos também outras fontes como: a lei 13.006/14, que estabelece a exibição obrigatória de filmes nacionais nas escolas públicas, por, no mínimo, duas horas mensais; além de periódicos, livros didáticos e páginas de internet, as quais destacamos: Revista Cinema para Todos; Coleção Viver, Aprender (Ensino Médio); Ser Protagonista (Ensino Médio - Vol. Único) e o livro Tempos, espaço e cultura.

A partir destas referências, empreendemos a pesquisa no sentido de analisar as condições, concepções e objetivos com que o professor utiliza o filme em sala de aula. Assim, nosso objetivo é investigar o uso de filmes em sala de aula, mostrando a sua importância como outra linguagem, que contribui para o conhecimento histórico dos alunos. Apresentamos, ao final do trabalho, um guia de filmes para ser explorado pelo professor na sala de aula. A prioridade foi relacionar as películas maranhenses, por percebermos que há um grande desconhecimento acerca da produção local por parte do corpo docente do ensino básico.

Para tanto, dividimos a pesquisa em três capítulos.

Sendo assim, no primeiro capítulo, discutiremos a respeito da aproximação entre a História e o cinema para que possamos ter uma compreensão do filme como linguagem histórica. Desde a revolução historiográfica, empreendida pelos Annales, em 1929, quando a noção de documento se ampliou, o filme passou a ser compreendido como mais uma fonte a qual o historiador poderia recorrer na produção do conhecimento histórico. Até então, concebido por muitos como instrumento de lazer, a sétima arte, aos poucos despertava os historiadores para uma nova linguagem. Contudo, para explorar esse instrumento como fonte documental ou como recurso didático em sala de aula é necessária uma compreensão do processo de elaboração do filme, com vistas a potencializar as possibilidades analíticas para uma abordagem histórica.

Trataremos ainda acerca de alguns conceitos fundamentais ao historiador de modo a possibilitar um amplo entendimento da narrativa fílmica. Também nos deteremos na noção de documento, tempo, representação e interpretação como forma de identificar os momentos de

⁹ NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINKS, Carla. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

¹⁰ XAVIER, Ismail. (Org.). **A experiência do cinema: antologia**. 2ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1991.

cruzamentos entre o texto fílmico e o texto histórico, entre a ficção cinematográfica e a produção da realidade. Identificaremos os elementos indispensáveis no processo de construção de um filme ou da narrativa fílmica, tais como imagens, textos escritos, ruídos e música, e as partes de uma filmagem, (argumento, roteiro, produção e direção), etapas importantes não somente para a linguagem fílmica, mas também para um amplo entendimento histórico da própria narrativa fílmica. Por fim, analisaremos os impactos da nova concepção historiográfica no ensino de História, sobretudo, a partir das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a recomendação para que os professores passem a utilizá-los nas aulas de História.

No segundo capítulo, analisaremos as práticas dos professores de História do ensino médio de escolas públicas em São Luís do Maranhão. É relevante destacar que o uso de filme é uma escolha do professor, nesse sentido procuramos refletir sobre como as escolhas e abordagens destes, refletem as suas bases formativas. Dessa feita, como metodologia de pesquisa, optamos pela qualitativa, descritiva e com uso de questionários. O questionário consiste em elencar questões com clareza e sem ambiguidade e entregar ao informante que responderá por escrito. Tem como vantagem a garantia do anonimato e também pode haver um número maior de informantes¹¹. Devido ao tempo para apresentação dos resultados e pelas não condições de contato pessoal com os professores, que se encontravam de férias, entregamos alguns questionários pessoalmente e a maioria foi enviado por e-mail. Em seguida partimos para análise e tabulação dos dados, mesclando, a fala dos professores e a fundamentação teórica com o objetivo de entender a realidade e a prática, quanto ao uso do filme em sala de aula.

Pretendemos a partir dessa abordagem, responder às seguintes questões basilares a nossa pesquisa: quais as mudanças ocorridas na historiografia que colaboraram de alguma maneira para o uso do filme como fonte de pesquisa e de ensino de História? Como o cinema é feito em termos de linguagem? E quais as mudanças na legislação e na História ensinada que apontam para o uso do filme em sala de aula?

No terceiro capítulo, apresentaremos um guia de filmes para uso dos professores e alunos, em sala de aula. Para a construção deste, utilizamos como critérios a escolha de filmes com produção maranhense ou que aborde temáticas que, de alguma forma, remeta à historicidade local. Neste sentido, “os argumentos, personagens, mensagens e imagens; os pontos de vistas dos diretores e roteiristas, tudo põem em movimento elementos simbólicos que podem causar

¹¹LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003. p.123.

estranheza, levantar dúvidas e abalar certezas, estimulando os estudantes a conhecer a trajetória dos lugares e regiões onde vivem”¹².

Outro critério adotado foi o acesso aos filmes. Escolhemos os que estão disponíveis na *internet* e, com poucas exceções são possíveis de serem projetados ou adaptados (utilizando partes) e utilizados em uma aula. Inicialmente apresentamos algumas informações sobre os filmes, a partir de jornais, *blogs*, *sites*, artigos e materiais de divulgação. Em seguida faremos um resumo analítico, onde destacaremos algumas partes do filme e, abordaremos aspectos conceituais e temáticos como sugestão aos docentes. Ao final, indicando alguns textos ou livros para o aprofundamento dos temas pelo professor, mas reiteramos que o filme, por ser outra linguagem, possui muitas possibilidades de uso e adequação à linha e procedimentos escolhidos pelo professor.

O fato de escolhermos como *locus* de pesquisa escolas públicas se justifica pelo próprio pertencimento a esse universo educacional. Assim, nosso objetivo principal é verificar como os professores utilizam os filmes em sala de aula, por isso não priorizamos estabelecimentos específicos e sim o professor como objeto principal da nossa pesquisa. Deixaremos a abordagem junto aos alunos e gestores para futuras pesquisas.

¹² MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2010, p.150.

CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA VAI AO CINEMA

Neste capítulo discutiremos a respeito da aproximação entre a História e o cinema para que possamos ter uma compreensão do filme como linguagem histórica. Trataremos ainda acerca de alguns conceitos fundamentais ao historiador de modo a possibilitar um entendimento da narrativa fílmica. Também nos deteremos na noção de documento, tempo, representação e interpretação como forma de identificar os momentos de cruzamentos entre o texto fílmico e o texto histórico, entre a ficção cinematográfica e a produção da realidade. Identificaremos os elementos indispensáveis no processo de construção de um filme ou da narrativa fílmica, tais como imagens, textos escritos, ruídos e música, e as partes de uma filmagem, (argumento, roteiro, produção e direção), etapas importantes não somente para a linguagem fílmica, mas também para uma compreensão histórica da própria narrativa fílmica. Por fim, analisaremos os impactos da nova concepção historiográfica no ensino de História, sobretudo, a partir das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a recomendação para que os professores passem a utilizar os filmes nas aulas de História.

1.1 Linguagem cinematográfica: significado e natureza

Filmes são imagens em movimento, uma reconstrução a partir de uma linguagem própria, que em dado momento histórico é captado, que pode ser mais uma possibilidade a ser utilizada pelo historiador, como uma linguagem, como um documento. Durante muito tempo as imagens foram usadas de forma marginal, como meras ilustrações pelos historiadores. No entanto, para utilizá-las como linguagem e documento é necessário passar por um processo de educação dos olhos de modo a habilitá-lo para explorar melhor o texto imagético¹³.

Nesse sentido, para o filme ser considerado documento, deve-se avaliar o contexto e a sociedade que o produziu, bem como o conjunto de elementos que circundam a sua produção, tais como a visão de mundo do produtor, a produção tecnológica e o que escapa à mensagem central. Isto quer dizer que se devem considerar as ideias subliminares de um filme, ou as imagens que imprime, tal como em um texto escrito onde, o dito e o não dito, devem ser levados em

¹³ KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.p.238. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940>>. Acesso em: 13 Jul. 2016.

consideração, pois toda interpretação histórica depende de um sistema de referências, da subjetividade do autor¹⁴.

A partir do século XX, o mundo passou a ser dominado por imagens e sons e uma das reverberações dessa tendência encontra-se no uso da iconografia pelas pesquisas acadêmicas e no próprio ensino básico, tornando-se mais uma importante fonte de pesquisa para o historiador. O filme como uma fonte audiovisual que representa e apresenta percepções de uma dada realidade aproxima indivíduos da História, além de popularizar uma interpretação sobre um dado acontecimento histórico. Dentro desse aspecto, podemos citar a experiência do Museu da Pessoa, fundado em 1991, em São Paulo, cujo vasto acervo se constitui de 17 mil depoimentos de pessoas públicas e comuns registrados no formato de áudios, vídeos e textos, além de aproximadamente 60 mil fotos e documentos digitalizados com a finalidade de “preservar e transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade”¹⁵. Esse rico acervo torna-se fonte inspiradora a pesquisadores interessados na produção de documentários e pode servir como material de análise das diferentes histórias de vida.

Dessa feita, é inegável que o filme além de se tornar um importante documento ao pesquisador interessado em explorar as interfaces entre história e a linguagem cinematográfica, transformou-se um grande aliado para o professor do ensino básico dedicado a fomentar nos alunos algum gosto pela história, principalmente nos dias atuais¹⁶.

O texto fílmico traz informações significativas a respeito da sociedade a qual se reporta. E como tal, torna-se um agente que “interfere na história e com ela se entrelaça”, na medida em que pode ser produzido segundo interesses de governantes, ou por outro lado, pode se apresentar como um agente de crítica e de consternação de certa sociedade. Apresenta as marcas de determinada sociedade, refletindo os seus valores e reforçando as suas ideologias, podendo servir de instrumento de pesquisa sobre os padrões de comportamentos, visão de mundo, ou seja, as mentalidades que apresentam, os poderes e micro poderes, as expectativas do mercado e outros elementos importantes para o estudo da Nova História¹⁷.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Forense Universitária, 2011. p. 67

¹⁵ Depoimentos de pessoas comuns podem ser acessados no museu da pessoa. O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo fundado em São Paulo no ano de 1991. <http://www.museudapessoa.net/pt/home>.

¹⁶ NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINKS, Carla. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 239

¹⁷ Ibid. p. 239

O tempo e o espaço de um filme não são iguais ao tempo histórico. Enquanto, para o historiador, o tempo de curta e de longa duração está relacionado com cada sociedade, época e cultura; na linguagem cinematográfica, o tempo flui seguindo o ritmo da câmera que o cria e orienta, de acordo com a vontade e intenção do diretor. Cenas podem ser gravadas em lugares e dias diferentes; são elementos separados, selecionados para a representação fílmica da ação. Nesse sentido, o tempo fílmico é diferente do histórico, datado pela cronologia, acontecimento ou ritmo da natureza enquanto aquele tem uma proposta de duração não linear com fragmentos e recortes em função do que é prioridade para imagem. Um exemplo da noção de tempo e espaço fílmicos é uma cena de um homem saltando de um prédio do quinto andar. Na realidade, a cena pode ser gravada a três metros, com uma rede abaixo¹⁸. Esse entendimento corrobora com a compreensão de que o filme é outra linguagem, com suas nuances e características próprias, mas que podem servir para o historiador e o professor como forma de análise de aspectos construídos a partir de elementos históricos.

Uma abordagem entre história e cinema é fundamental e pode começar por uma análise de um filme. Mas é preciso distinguir a análise da crítica. Analisar um filme é decompor, descrever suas partes e em seguida, estabelecer e compreender as relações entre os elementos decompostos, ou seja, interpretar. Enquanto a crítica tem como objetivo avaliar a produção, ou seja, atribuir um juízo de valor a um determinado filme. A análise de filmes não é algo recente. Ricciotto Canudo (1877-1923), o primeiro a designar o cinema como a sétima arte¹⁹, pode ser apontado como um dos pioneiros a realizar uma interpretação fílmica. Em seus escritos discute o cinema como arte da vida, como expressão visual e uma linguagem universal, capaz de colocar na tela o mundo exterior, ou seja, uma análise para além da tela²⁰.

A análise fílmica pode se dá de várias maneiras: a) análise textual, que considera o filme como um texto e o objetivo é decompor as partes dando conta da estrutura fílmica. É o que se denomina de análise de conteúdo, descreve se o filme é um relato que trata sobre um determinado assunto, um tema; b) elaboração de um resumo da história e a decomposição do filme, levando-se em conta o que diz a respeito do tema a qual se reporta; c) análise poética na qual se identificam as sensações e sentidos que um filme é capaz de produzir no momento em que é visionado; d) Por

¹⁸ XAVIER, Ismail. (Org.). **A experiência do cinema** : antologia. 2ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro : Edições Graal/Embrafilme, 1991p.69

¹⁹ O termo sétima arte foi dado por Ricciotto Canudos no Manifesto das Sete Artes, em 1911.

²⁰ PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009.

fim, a análise da imagem e do som trata-se de um exame mais específico devido se entender o filme como um meio de expressão²¹.

A análise de um filme pode ocorrer de diversas maneiras, mas dependendo de sua riqueza, deixam sempre uma sensação de que há muito a dizer. Por isso, os especialistas sugerem uma análise interna e externa. A primeira se concentra nos procedimentos e na identificação do estilo dos realizadores. A segunda é parte do seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico. Qualquer que seja a opção, o importante é considerar os objetivos que se pretende alcançar e a compreensão de que as imagens são apenas uma representação, uma escolha, uma produção que diz mais sobre a época em foi produzido do que sobre o passado ao qual se reporta²².

Mesmo apresentando uma cena como um fato ocorrido, o filme, assim como outras fontes históricas, deve ser analisado do ponto de vista interno e externo, facilitando o trabalho de quem se propõe a explorar as leituras possíveis e a compreensão dos alunos e do público em geral. Dessa feita, entender como estes são produzidos é importante para a pesquisa e o trabalho em sala de aula.

1.2 O processo de construção de um filme

Um filme é uma história contada em imagens. Muitas pessoas, professores e alunos, por exemplo, assistem a filmes, mesmo antes de aprender a ler, mas ao receberem essas imagens em movimento, não fazem muita separação ou não questionam a interferência delas no seu modo de pensar, gostar e, às vezes, agir. Assim, a película pode deslocar o espectador para épocas, locais ou situações que nunca poderemos viver, pois é uma confluência de muitas linguagens e de outras artes como a fotografia, pintura, teatro, música, arquitetura, dança e, claro, a palavra falada²³. Quem assiste acaba se identificando com uma delas, com suas mensagens e representações. A exemplo temos, o primeiro filme dos irmãos Lumière, na sala de cinema Édén, na França, mostrando a chegada de um trem na estação. Nele podemos ter uma visão da época.

²¹ PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009. p. 6.

²² *Ibid.*, p.7

²³ EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema**. Trad. Francine Facchin Esteves. Porto Alegre: Bookman, 2013. p.34.

É importante frisar, que com o passar do tempo o filme passou a ser usado tanto como diversão quanto como formador de ideias, construindo “realidades” estereotipadas, com viés ideológico, a exemplo do clássico “Tarzan”, considerado por muitos estudiosos como uma representação do etnocentrismo e do neocolonialismo na África. Ganhando na atualidade produções em outras linguagens tais como: desenhos, jogos, músicas e até mesmo uma nova versão, chamada “A evolução da lenda” (2013). Não obstante, o imaginário sobre a África, para muitos alunos é construído a partir das imagens cinematográficas e dos produtos a ele associados²⁴ e esta película se inclui neste aspecto. Portanto, concordamos com Ferro (2010)²⁵ ao afirmar que “o filme não é uma reprodução fiel de uma dada realidade, mas pode ser usado pela História”, pois partir dele compreendemos não somente a obra como também a realidade que representa.

A história do cinema está relacionada com a tentativa de colocar imagens em movimento ou, dito de outra forma, de apresentar as fotografias em movimento. Quando os irmãos Lumière, em 1895, no Salon Indien du Grand-Café de Paris, projetaram a primeira sessão pública de cinema, o filme não tinha fala, só imagem. Esse fato é considerado pela historiografia como o marco de nascimento do cinema²⁶. Os esforços feitos para se chegar a essa primeira projeção passaram por muitos inventos, como assinala Merten²⁷: “Da caverna de plantão, uma primeira experiência de projeção, até hoje, o cinema percorreu um longo caminho. Ele passa por inventos como a lanterna chinesa [...]” Ainda, de acordo com o autor, “Consiste em criar a impressão de movimento projetando imagens fixas num cilindro colocado contra um foco de luz”. Um passo à frente é a chamada câmara obscura, muito usada na Itália, no Renascimento.

Mais tarde, em 1900, os irmãos Lumière, participaram da Exposição Universal em Paris, seus objetivos eram promover o cinematógrafo e o processo de fotografia em cores que tinham inventado. As feiras, locais onde as diversas nações apresentavam novas máquinas e inventos, o filme era uma atração para o público. Os irmãos Lumière não tinham ideia do alcance econômico que o filme teria poucos anos mais tarde. Nessa exposição outras máquinas eram apresentadas como quinetoscópio e o quinematógrafo, de Thomas Edison, máquinas que

²⁴ TAVARES, Ildásio. **Nossos colonizadores africanos**: presença e tradição negra na Bahia – 2. ed. – Salvador: edufba, 2009. p. 30.

²⁵ FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

²⁶ Costa, no seu livro primeiro cinema, descreve e analisa o movimento da primeira fase do cinema 1895-1910, período em que a linguagem do cinema, propriamente dita ainda não estava estabelecida. COSTA, Flavia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: ed. Azouque. 2005.

²⁷ Merten. Luis Carlos. **Cinema um zapping de Lumière a Tarantino**. Porto Alegre RS. Ed. Artes e ofícios. 1995, p. 14.

projetavam. O cinematógrafo, filmava, revelava e projetava. Os filmes ou as fotografias em movimento eram apresentados há algum tempo. Em 1895, na França, circulavam filmes com números de magia, *gangs*, encenações de canções populares, contos de fadas, etc. Essas atrações eram vistas nas quermesses, museus de cera, circos e teatros populares. Funcionavam como diversão e espetáculos para que o público conhecesse as inovações tecnológicas do início desse século, considerado um período de grandes inventos que prometiam mudar as relações e o modo de vida do século XX.

Assim, o filme tinha, portanto, a intenção de ser mais um espetáculo para atrair o público a conhecer e comprar as novas máquinas e invenções que surgiam no final do século XIX. No entanto, foi com o francês Georges Méliés, um ilusionista para quem o novo aparelho tornou-se a possibilidade de atrair mais público. “Se com os Lumières o cinema construiu a sua definição, com Georges Méliés ele encontraria, logo a seguir, sua vocação”²⁸. O mágico, utilizando uma réplica do cinematógrafo, passou a captar a “realidade” e utilizá-la como entretenimento, ou seja, como uma representação de uma realidade. Criou a *trucagem*, ao utilizar a câmera para projetar a ideia de que certos objetos desapareceriam e apareceriam novamente. Os artifícios criavam efeitos inesperados, divertidos ou dramáticos, ou seja, as *trucagens* foram descobertas por acaso. Ao ter paralisada a sua câmera percebeu que, ao retornar, os objetos e as pessoas haviam mudado de lugar. A partir daí o ilusionista passou a substituir certos elementos, assim faria aparecer e desaparecer certas coisas. Esse princípio é fundamental na produção do filme; a montagem é uma seleção ou uma escolha do diretor das melhores cenas e ângulos dentro dos seus interesses.

Méliés descobriu, ainda, a possibilidade de utilizar a câmera para mostrar a realidade ou criar outras realidades, ou seja, a possibilidade de construção de uma nova linguagem. A forma de utilização da câmera também foi se modificando. Da posição parada, para gravar a chegada do trem no filme dos irmãos Lumière, ela passou a ser usada em diversos planos, acompanhando os atores no processo que ficaria conhecido como montagem, a grande contribuição dada pelo norte americano, D.W. Griffith. A montagem era a concretude que faria uma história ser contada em imagens, ou seja, a organização de vários planos que se transformariam em uma história. A montagem foi o ponto de partida e, aos poucos, o cinema passou a agregar outras mudanças, como a introdução do som, da cor e, sempre procurando inovações. Mais recentemente introduziram o som estéreo, o cinema 3D e 4D, ou seja, as mudanças não param de acontecer.

²⁸ ARAUJO, Inácio. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995, p. 11.

Um filme, como produto de diversão carrega também, aspectos ideológicos e este uso acontece há muito tempo. Por vezes foi utilizado por governos para transmitir suas ideias, “supremacia” e/ou “invencibilidade”. Os soviéticos utilizaram-no na sua glorificação de sociedade ideal; os nazistas reforçaram o seu caráter belicista e antissemita e os americanos transmitiram seus valores como uma sociedade a ser seguida como modelo²⁹.

Para o trabalho do professor em sala de aula com filme é importante conhecermos como são feitos e refletirmos sobre todo o processo de montagem, das ideologias, da época e de suas representações, ou seja, entender o filme como uma arte e como um produto industrial.

As partes principais de uma filmagem são o argumento (a ideia do filme ainda no papel), o roteiro (o desenvolvimento da história em sua forma cinematográfica), a produção (a transformação o roteiro em filme) e a direção (tornar o filme em um bom produto). No longo processo que envolve a montagem de um filme conta-se com a participação de muitas pessoas, dentre as quais estão o roteirista, o diretor e o técnico de som.

O ponto de partida de um filme é uma ideia expressa pelo escritor, produtor e ou roteirista num papel, em poucas laudas (cerca de três ou quatro). A ideia pode ser original ou adaptada de um livro ou de uma peça de teatro, como uma narrativa de um fato histórico, por exemplo. Essa fase é chamada de argumento³⁰.

Para se produzir um filme não há um tempo certo de filmagens, depende de vários fatores e um deles é o orçamento. As cenas nem sempre são feitas em sequências. Para aproveitar a locação pode acontecer de, no mesmo lugar (*set* de filmagens), serem gravadas cenas do início do meio e do fim da narrativa, no mesmo dia. Neste sentido o diretor tem um papel fundamental na elaboração de um planejamento que esteja dentro do orçamento previsto.

Para a construção de um filme, a ideia é o ponto de partida. Precisa ser escrita em linhas gerais, com os aspectos principais da história, tais como: o que aconteceu, como, por que, e quais os personagens. O argumento como é chamado esta fase pode ser original ou uma adaptação de peça teatral ou de um livro que é feito pelo autor do filme. O roteiro é outra etapa produzida a partir do interesse de uma pessoa em patrocinar o filme. Nesse momento entram em cena os demais roteiristas (escritor, diretor, produtores do filme)³¹. É a parte da concretude do filme, onde

²⁹ MOCELLIN, R. **O cinema e o ensino da história**. Curitiba: Nova Didática, 2002, p. 37.

³⁰ ARAUJO, op. cit., p. 13-16

³¹ ARAUJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995, p.13-16.

interesses e posicionamentos se manifestam para atender os objetivos propostos, às vezes atendendo aos interesses do mercado ou como disseminador de ideologias, propagandas, etc.

Uma narrativa fílmica tem a participação de várias pessoas e, seu desenvolvimento intervém várias perspectivas e interesses até chegar a se transformar em um roteiro. Os produtores são pessoas do seu tempo, portanto as suas intencionalidades e escolhas estão relacionadas aos conhecimentos adquiridos e moldados na conjuntura socioeconômica em que vivem. A influência da sociedade sobre a elaboração de um filme é algo natural na medida em que, os produtores construíram os seus conhecimentos a partir dessa sociedade e a reprodução fílmica, segundo o que pode acontecer de forma intencional³². Dito de outra forma, os filmes acabam reproduzindo certos aspectos característicos de sua época. As perspectivas da reconstituição histórica dependem dos agentes e dos interesses envolvidos, na produção cinematográfica.

Outra possibilidade é a intencionalidade. O filme pode não ter como objetivo apresentar aspectos da sociedade capitalista, mas pode remeter-se a este, caracterizando uma metáfora do sistema³³, ou seja, ao retratar uma sociedade anterior, muitas vezes a atual é caracterizada, pois é nela que são feitos os materiais e as ideias presentes na produção.

Ao estabelecer a crítica são apresentadas as contradições, sociais e culturais e suas possíveis consequências. A apresentação do capitalismo como modelo ou, no caso dos soviéticos, do socialismo tem o objetivo de apresentar determinados valores e características que interessam a seus produtores, ou seja, a sociedade é apresentada como um processo de produção cultural. Os estereótipos e valores são reforçados de várias maneiras e de forma muitas vezes subliminar reforçando os valores típicos da época capitalista³⁴.

O cinema é considerado a sétima arte, mas também é um produto industrial capitalista. Possui uma divisão especializada de trabalho, uma intencionalidade, ou seja, um filme é um produto que carrega aspectos ideológicos. Neste sentido recorrer ao texto historiográfico como suporte para a reflexão e o conhecimento histórico são fundamentais para ampliar o fazer histórico e aprendizado e desconstrução de ideias pré-concebidas pelos alunos (as).

³² VIANA, Nildo. Capitalismo e Cinema. ALCEU - Revista de Comunicação, Cultura e Política. PUC-RJ, v. 14 - n.27 - jul./dez. 2013, p.66.

³³ Ibid., p. 69

³⁴ Ibid., p. 66-76

1.3 Etapas da produção fílmica ou narração

A narrativa fílmica é o ato de contar uma história a fim de gerar uma trama, condensar o tempo, evitar o aparecimento de muitos personagens secundários ou simplesmente para divertir. O estudo das estruturas e funções narrativas criou um campo investigativo chamado de narraciologia que estuda a natureza narrativa nas sociedades primitivas e industriais. Entre os seus representantes estão o antropólogo Claude Lévi-Strauss, o folclorista Vladimir Propp e o teórico Stuart Hall. O interesse nesse campo está relacionado com a falta do romance literário em algumas sociedades. A narração fílmica procura representar os mitos, lendas, trovas, contos folclóricos, danças, dentre outros³⁵.

O roteiro é a organização da história no papel e é, geralmente, produzido a partir do interesse de uma pessoa em patrocinar o filme. É nesse momento que entram em cena os demais roteiristas (escritor, diretor e produtores). Trata-se da parte concreta na qual os interesses e posicionamentos claramente se manifestam para atender os objetivos a que este se propõe, seja no aspecto mercadológico, ideológico, propagandístico, dentre outros³⁶.

Na etapa da produção, no planejamento idealizado no roteiro, considera-se a locação dos equipamentos e materiais a serem utilizados tais como: o som, figurino e maquiagem que necessitam de um mapa de filmagem, isto é, um planejamento é fundamental para a realização da gravação e finalização do filme. A conclusão é a fase de pós-produção com todas as cenas gravadas; é quando a película recebe o encadeamento das imagens. A montagem ou edição, a sonorização e efeitos visuais são os últimos elementos de uma produção³⁷.

O argumento é o texto completo com toda a trama, mostrando-se como se desenrola a história escrita. Dá origem ao plano de filmagem, cujas decisões serão tomadas no início, a produção é encarregada da infraestrutura, como a locação das gravações, disponibilidade dos atores, instrumentos - câmera, luz, figurino - tudo conforme um planejamento bem detalhado. Esse setor é responsável pelos gastos previstos e documentação necessária para viabilizar a filmagem.

³⁵ TURNER, Graeme. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p.72

³⁶ ARAUJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995. pp.13-16

³⁷ **Coleção Cinema para Todos**. Caderno do professor. p.46. Disponível em: <www.cinemaparatodos.rj.gov.br> acesso em: 16 mai. 2016. Ou São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Caderno de cinema do professor: dois / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização: Devanil Tozzi ... [e outros]. - São Paulo: FDE, 2009..

A fotografia é uma parte muito importante do filme. O fotógrafo utiliza técnicas e conhecimentos para captar os melhores ângulos, sejam em fotos paradas ou em movimentos. O fotógrafo é um artista, cuja originalidade do trabalho reside na sua objetividade, daí porque o conjunto de lentes é chamado precisamente de “objetiva”. Este momento é de escolhas, sejam quais forem as objeções críticas, nos faz acreditar na existência do objeto, ou da cena representada. A decupagem, ou seja, os cortes feitos nas filmagens de modo a dar forma às imagens são escolhas do diretor. A divisão em planos é o momento de pensar e planejar a construção narrativa da câmera. Uma boa decupagem consegue fazer um riso ficar mais bonito de que o próprio riso. Esta é construção do texto imagético³⁸.

O som é tão importante quanto as demais etapas. É capaz de gerar sentimentos numa espécie de interação entre quem assiste e as imagens. Por isso, as tecnologias sonoras são fundamentais para uma boa qualidade fílmica. Os primeiros filmes não captavam ou utilizavam sons produzidos para este fim. A passagem do cinema mudo para o sonoro é um capítulo à parte na história do cinema. As imagens exprimiam todo o diálogo e emoção do filme. A *Waner Bros*, um estúdio americano em falência, apostou no processo que juntava imagem e som. Tais mudanças podem ser observadas na clássica produção “*Tempos Modernos*”, de 1936, dirigida por Charlie Chaplin, com a inserção de música e ruídos no seu filme, apesar de seu personagem principal, o vagabundo Carlitos, continuar sem falar. Nesse caso, Chaplin procurava manter o modelo mímico que era utilizado antes do surgimento do som³⁹.

Na coleção Cinema para Todos, os autores destacam que o trabalho de direção de um filme é como a de um maestro⁴⁰. A função de diretor pode ser exercida por mais de uma pessoa, como diretor de fotografia, de som, de elenco, geral, dentre outros, de modo que cada setor possa ser conduzido de maneira harmônica. Por isso, todos devem estar muito bem afinados para que o resultado seja satisfatório. A narrativa fílmica como apresentamos também tem participação de várias pessoas e, durante o seu desenvolvimento podem ocorrer várias perspectivas e interesses até se transformar em um roteiro. Os produtores são pessoas do seu tempo, portanto, as suas intencionalidades e escolhas estão dentro da perspectiva produzida pelos conhecimentos adquiridos e moldados na sua época. A influência da sociedade sobre um filme é algo natural na medida em

³⁸ XAVIER, Ismail. (org.). **A experiência do cinema**: antologia. 2ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1991p.125, 278

³⁹ ARAUJO, Inácio. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995. p 59.

⁴⁰ **Coleção Cinema para Todos**. Caderno do professor. op.cit. p.76

que os produtores construíram os seus conhecimentos a partir dela e pode acontecer de forma intencional. As perspectivas da reconstituição histórica dependem dos agentes e dos interesses envolvidos, na produção cinematográfica. Ao estabelecer a crítica são apresentadas as contradições sociais e culturais e suas possíveis consequências. O objetivo de apresentar determinados valores e características, que interessam aos seus produtores, ou seja, a sociedade é apresentada como um processo de produção cultural⁴¹.

1.4 Leitura histórica e produção cinematográfica

Desde a revolução historiográfica, empreendida pelos Annales, em 1929, quando a noção de documento se ampliou, o filme passou a ser compreendido como mais uma fonte a qual o historiador poderia recorrer à produção do conhecimento histórico. Até então, concebido por muitos como instrumento de lazer, a sétima arte, aos poucos despertava os historiadores para uma nova linguagem. Contudo, para explorar essa ferramenta como fonte documental ou como recurso didático em sala de aula é necessário uma compreensão do processo de elaboração do filme, com vistas a potencializar as possibilidades analíticas para uma abordagem histórica.

Dessa feita, a Escola dos Annales (escola historiográfica) surgiu a partir da Revista Annales d'Histoire Économique et Sociale, em 1929, na França, sob direção de Lucien Febvre e Marc Bloch. Os fundadores estavam insatisfeitos, com a forma da produção da história política, com suas análises reduzidas dos acontecimentos e ênfase numa história política personificada no desempenho dos principais personagens políticos ou países, desconsiderando as forças estruturais e coletivas. Para Febvre a história era filha do seu tempo e a história convencional produzida não correspondia aos anseios da humanidade⁴².

A Revista dos Annales foi fundada para promover uma nova forma de escrita da história; a sua proposta inovadora influenciou gerações até os dias atuais. Dentre suas principais diretrizes está a substituição da tradicional narrativa factual por uma história problema. Propunha-se o estudo de uma história mais ampla centrada na humanidade e não apenas na chamada história

⁴¹ VIANA, Nildo. Capitalismo e Cinema. **ALCEU - Revista de Comunicação, Cultura e Política**. PUC-RJ, v. 14 - n.27 - p. 66 a 76 - jul./dez. 2013.

⁴² BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia. p.4

política. Para tanto, a colaboração de outras ciências afins, tais como a Geografia, Sociologia, Psicologia, Economia entre outras foi fundamental⁴³.

Um dos principais representantes dessa escola, Leopoldo Von Ranke, baseou-se nos documentos diplomáticos para escrever a história do Estado e de suas relações exteriores⁴⁴. A história para Ranke era feita de individualidades e a ação dos indivíduos e grupos seria pesquisada por meio de métodos baseados em uma rigorosa análise documental. Caberia ao historiador se concentrar no evento expresso na fonte; recolher um número significativo de documentos, executar uma análise rigorosa, a partir de uma sequência cronológica para, enfim, abstrair a dita “verdade” histórica. Nessa acepção de História, o princípio da “neutralidade” era essencial; esperava-se que o historiador fosse um sujeito neutro, pois, segundo tais princípios, os fatos falavam por si e o pensamento do historiador era irrelevante.

Assim, a força do documento para os metódicos era tal que apenas cabia aos historiadores descrever os fatos tal como ele se encontrava nos documentos⁴⁵. Era contra essa concepção de escrita da História que os Annales se insurgiam. No lugar de uma descrição propunham uma história analítica pautada na permanente inquietação do investigador diante do escrito. Aliás, o escrito deixou de ser compreendido como a história, passando a ser considerado como uma elaboração, uma produção acerca de um determinado fato histórico. Não se buscava mais a verdade histórica, mas uma interpretação histórica acerca de um fato estudado.

A Escola dos Annales foi um amplo movimento que contou com muitos representantes e, portando, diversas vertentes, ao longo de sua trajetória, identificadas em três gerações, a saber: a primeira, entre 1920-1945, teve como representantes Marc Bloch e Lucien Febvre, os precursores do movimento cuja fase foi marcada por um duro enfrentamento aos ditames da História tradicional e a busca de um diálogo interdisciplinar. A História reconhecia a sua limitação e buscava nas ciências afins os suportes conceituais e metodológicos para uma compreensão mais alargada das ações humanas. Na segunda fase, ocorrida por volta de 1950, Fernand Braudel deu outro importante passo para a mudança historiográfica ao pensar e escrever uma história a partir de suas dimensões espaço-temporais pautada na longa duração. Na terceira geração, Jacques Le Goff, Pierre Nora e Marc Ferro também contribuíram para as mudanças no modo de produzir história

⁴³ BURKE, Peter. **Ob. cit.** p.7

⁴⁴ REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. Autêntica Editora, 2004, p 11

⁴⁵ Ibid., p 12-15.

ao propor novos objetos, novos temas e novos problemas. A história econômica e cultural e a nova história política são tendências que se destacam nessa fase, além de uma volta à narrativa⁴⁶.

Finalmente, consolida-se o percurso da mudança historiográfica com a participação de historiadores como, George Duby, Jacques Revel e Roger Chartier, com os quais a chamada História Cultural ganhou mais amplitude.

Com efeito, é importante ressaltar que Marc Ferro foi pioneiro na problematização da relação entre o cinema e a história, na década de 1970. Especialista em filmes sobre a Revolução Russa e o Stalinismo constatou que as representações cinematográficas dos fatos, a partir das imagens de soldados e cenários traziam informações diferentes das que encontravam nos arquivos. Com base nos novos pressupostos defendidos pela Escola dos Annales, Marc Ferro percebe o filme como documento. A mudança advinda da noção de tempo, a narrativa e interpretação tornaram-se suportes importantes para a utilização e aceitação do filme como documento histórico⁴⁷

1.5 Novos artefatos da História

Dentre as contribuições dos Annales, destacaremos a contribuição de Jacques Le Goff sobre a nova noção de documento e monumento, o autor enfatiza que os monumentos são heranças do passado e os documentos são escolhas do historiador. De fato, diante de tantas possibilidades documentais o historiador tende a fazer suas escolhas para atender seus objetivos. Havia a ideia de que apenas o texto escrito era tido como documento, a Escola dos Annales proporcionou uma revolução ao ampliar a noção de documento. Assim, passou-se a considerar os textos escritos, mas também os iconográficos, imagéticos, sonoros, enfim toda possibilidade de vestígio da ação humana passou a ser considerada como passível de estudos históricos e, portanto, tornaram-se documentos.

Como o interesse dos Annales, passou a ser a ação humana, cabia ao historiador os cuidados e entendimento de que os vestígios deixados pelo homem não se reduziam à escrita e, mesmo em relação ao documento escrito era preciso observar quem o produziu. A atitude do historiador perante o documento mudou, passando a ser problematizadora frente ao que lia, via e

⁴⁶BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales** (1929-1989). Ed. Unesp, 1991, p. 8.

⁴⁷SCHVARZMAN, Sheila. Marc Ferro, cinema, história e cinejornais: Histoire parallèle e a emergência do discurso do outro. **Artcultura**, v. 15, n. 26, 2015.p.190

escutava, uma vez que a produção documental além de estar relacionada às condições humanas e às relações de poder. Portanto, o historiador não é neutro e a história se faz com documentos escritos, mas também com artefatos de toda natureza, com vestígios materiais e imateriais da humanidade. Assim, o historiador deve cotejar as fontes de vários tipos, pois os documentos são representações de um passado⁴⁸.

O conceito de tempo histórico foi outra importante contribuição dos Annales. Ao se contraporem à visão cronológica da História exploraram a noção de tempo breve, considerando que os eventos históricos não possuem os mesmos tempos ou que os eventos deveriam de ser entendidos dentro do seu tempo, ou seja, o de curta e de longa duração. O tempo curto seria o tempo de vida do indivíduo e a história política nessa perspectiva seria narrada com base na concepção de micro história. Por sua vez, a longa duração seria o tempo das estruturas, das gerações como o modelo econômico do capitalismo, ou mesmo a escravidão no Brasil.

Um importante avanço em relação ao tratamento temporal dado pelo historiador veio com a obra de Lucien Febvre que significou a rejeição da concepção linear da história até então dominante em sua época e a defesa de uma nova compreensão temporal acerca da história. Com sua obra propunha a saída definitiva de uma história feita a partir das sucessões temporais, na qual os acontecimentos eram desencadeados a partir das ações dos reis, datas e batalhas, seguidos de eventos cronologicamente datados. Por outro lado, a ideia que se tinha era que partindo do presente encontraríamos um passado marcado por indecisões, acasos, desvios, amputações, inovações, ou seja, dentro de uma nova perspectiva o historiador deveria partir do presente para conhecer o passado⁴⁹.

A noção de representação proposta por Chartier (1991) também contribuiu para uma nova percepção das possibilidades de compreensão da relação entre a História e o cinema. A adoção de uma nova concepção de representação colocaria em evidência uma nova forma de ler a história. Segundo o mesmo autor, o termo atesta duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa .

⁴⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994 p.537-541

⁴⁹ REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo, Ática, 1994. p. 41-42.

1.6 PCN's e uso de filmes em sala de aula

No ano de 2000 foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o ensino médio com o objetivo de nortear especificamente este segmento. Segundo esse documento, o ensino no Brasil era descontextualizado, compartimentado e baseado em acúmulo de informações. A proposta procura dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização, a interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender sem a compartimentação do conhecimento. Seu papel tem a função de divulgar os princípios da reforma curricular e orientar o professor na busca de novas abordagens e metodologias⁵⁰.

Os PCN's são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal norteadoras do currículo e das disciplinas a serem desenvolvidas nas escolas. Foram elaborados para o ensino fundamental, durante a década de 1990, período de mudanças políticas, resultante das lutas contra o regime civil-militar implantado em 1964. O seu desdobramento foi muito negativo para a população brasileira, pois foi uma época de grande repressão e falta de liberdades individuais para a sociedade, a educação e as ciências humanas. A elaboração dessas diretrizes resultou da participação do Brasil, em 1990, na Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, convocada pela Unesco, Unicef, PNUD e Banco Mundial. Dessa conferência, assim como da Declaração de Nova Delhi - assinada pelos nove países em desenvolvimento de maior contingente populacional do mundo - resultaram posições consensuais na luta pela satisfação das necessidades básicas de aprendizagens para todos. Tais medidas foram capazes de tornar universal a educação fundamental e de ampliar as oportunidades de aprendizagens para crianças, jovens e adultos ⁵¹.

Com efeito, as mudanças provocadas pela internet também afetaram a educação e o ensino. Desde a construção dos primeiros computadores, na metade do século XX novas relações entre o conhecimento e o trabalho começaram a ser delineadas. A Escola e os professores mudaram suas práticas pedagógicas. Estas, embora se constituam a partir das concepções educativas e metodológicas de ensino são também incorporadas das próprias experiências escolares de vida, ideologia e de seu grupo social. Os modelos pedagógicos, no geral, estão ligados à “pedagogia tradicional”, centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos,

50 PARTE, I. I. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. **Brasília:** Governo Federal. MEC/SEF, 1997 p.4.

51 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.p.14

corrigir e ensinar a matéria. Outro modelo é a “pedagogia renovada”, corrente ligada ao movimento da Escola Nova ou Ativa. No geral, o princípio norteador dessa corrente valoriza o indivíduo como ser livre, ativo e social. O centro da atividade não é o professor ou conteúdo, mas o aluno, como ser ativo e curioso. Os alunos aprendem por descobertas e atitudes e o professor é um facilitador do conhecimento, cabendo-lhe organizar e coordenar situações de aprendizagem. Esta tendência teve grande atuação nos anos 30 e foi muito criticada por desconsiderar a necessidade de um trabalho planejado, perdendo-se de vista o que deve ser ensinado e aprendido⁵².

Os anos de 1970 foi marcado por um tecnicismo educacional, com uma abordagem sistêmica, controlada e dirigida pelo professor, com a utilização de atividades mecânicas, rígidas e passíveis de serem totalmente programadas em detalhes. O resultado ainda presente na ação de muitos professores e presente em muitas matérias didáticas é um caráter extremamente técnico e instrumental. Após essa tendência diversas orientações pedagógicas se sucederam e influenciam as práticas dos professores. A proposta dos PCN’s reconhece a importância construtiva do aluno e a intervenção do professor para a aprendizagem. Nesse processo os conteúdos curriculares não atuam como fins em si mesmos, mais como meios para a aquisição e desenvolvimento de capacidades, para que o aluno se sinta sujeito de sua própria formação⁵³.

Com relação ao aspecto didático, o documento aponta alguns tópicos essenciais, dentre os quais a autonomia, diversidade, interação e cooperação, disponibilidade para aprendizagem, organização do tempo e do espaço e seleção de matérias. As escolhas dos materiais que deverão ser utilizados nas aulas são importantes no planejamento do professor para atingir uma aprendizagem significativa de modo a estabelecer relações entre os conhecimentos prévios e o novo conhecimento adquirido. Todo material é fonte de informação, mas nenhum deve ser utilizado com exclusividade. A diversidade de matérias e a amplitude dos conteúdos são muito importantes na atualidade⁵⁴.

Entre os materiais utilizados, hoje, o livro didático ainda é o principal, mas não deve ser o único como asseveram os PCN’s. Desse modo, a utilização de materiais diversificados tais

⁵² BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+)** - Ciências da Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2002.p.37

⁵³ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)**. v. 3. Brasília: MEC, 1997.p.31

⁵⁴ BRASIL. 1997, p57.op.cit.

como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes faz o aluno se sentir inserido no mundo a sua volta⁵⁵.

Nesse sentido, o novo ensino médio, como foi chamado, seria uma adequação à sociedade tecnológica, característica da terceira revolução técnico industrial e que se acentuou a partir da década de 1980. A proposta parte da constatação da mudança no conhecimento oriundo da década de 60 e 70 do século XX e foi caracterizada pelo desenvolvimento industrial, levando à adoção, na década de 70, do ensino de 2º grau profissionalizantes tanto para atender a demanda quanto para diminuir a pressão sobre o Ensino Superior. Na década de 1990, o desafio foi o volume de informações; novos parâmetros foram propostos com a finalidade de promover a preparação científica e a capacidade de utilizar as tecnologias relativas às áreas de atuação⁵⁶.

Sendo assim, a organização dos conteúdos, segundo os PCN's do novo ensino médio incorporou como diretrizes gerais as quatro premissas apontadas pela UNESCO em eixos estruturantes da educação contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. O eixo “aprender a conhecer” estimula o senso crítico, a aquisição da autonomia e fornecer as bases para continuar aprendendo ao longo da vida. “Aprender a fazer” procura desenvolver habilidades e estímulo para enfrentar novas situações que se colocam, aplicando a teoria à prática. “Aprender a viver” desenvolve o conhecimento, a individualidade com projetos comuns. “Aprender a ser” se propõe a preparar o indivíduo para elaboração de pensamento autônomo e crítico. Esses princípios seriam norteadores gerais do currículo escolar, dos conteúdos e das competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino médio. A partir desse documento o “novo” ensino médio passou a ser dividido em três áreas de conhecimento: linguagens e códigos e suas tecnologias; ciências da natureza; matemática e suas tecnologias, ciências humanas e suas tecnologias. A base seria a aproximação entre os conteúdos que favoreçam a interdisciplinaridade⁵⁷.

Coube à área de Ciências humanas e suas tecnologias, a parte IV do documento. O caráter interdisciplinar é reforçado, assim como o ensino de História, em uma perspectiva não tradicional. A proposta era se desvincular da narrativa descritiva, da dimensão ufanista da História, bem como as listas de invenções e descobertas e conduzir o ensino para um caminho da Nova

⁵⁵ BRASIL. 1997, p67.op.cit.

⁵⁶ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. pp.14-68.

⁵⁷ Parte, I. V. "Ciências Humanas e suas Tecnologias."2000. p. 9

História Cultural que desperta para uma observação crítica, valorizando o pensamento, o conhecimento, as negociações e conflitos da ação social⁵⁸.

Nesse sentido, a abordagem no campo da história tem sido diversa. A história social e cultural tem possibilitado o surgimento de vozes de grupos antes silenciados. Mulheres, crianças, grupos étnicos diversos têm sido objeto de estudo. A produção historiográfica tem procurado dialogar com o tempo, dentro da compreensão de que “toda história é filha do seu tempo”, e fruto da tradição e do pensamento. Tal abordagem histórica situa-se de forma articulada entre a micro e a macro história, buscando uma melhor compreensão dos processos históricos. A partir dessa concepção novos temas são estudados, considerando a pluralidade dos sujeitos em seus confrontos. A pesquisa histórica sob forte influência da Escola dos Annales e da Nova História tem considerado a utilização de outras fontes documentais, além da escrita, orais, gestuais, sonora e pictórica, bem como as linguagens e os discursos. Os documentos deixaram de ter autonomia, de “falar por si mesmos” e passaram a ser submetidos a uma rigorosa problematização estabelecida segundo o olhar e as vontades do historiador. Daí porque a preocupação com o lugar de onde falam os produtores dos documentos, seus interesses, intenções e técnicas⁵⁹.

A sociedade atual vive um processo contínuo de mudança o que tende a promover certo distanciamento com as relações do passado, aumentando cada vez mais a importância da História. Nesse processo complexo pelo qual passou o próprio sentido da História, a forma de ensinar e o uso de fontes que proporcionem melhor aproximação entre a realidade do educando e o conhecimento histórico é um grande desafio. O uso de filmes em sala de aulas é apontado pelos PCN's como uma alternativa para o estabelecimento dessa proximidade.

1.7 O Filme na Aula de História

O uso de filmes como material didático não é recente. Em 1912, o Colégio Pedro II, o primeiro colégio de ensino secundário no Brasil com forte influência do pensamento liberal francês, funcionou como estabelecimento padrão no Município do Rio de Janeiro, durante o Império e a República. O regulamento de 1838 que determinou a inserção dos estudos históricos no currículo

⁵⁸ Ibid., p.45

⁵⁹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC, 2000 p.04

a partir da sexta série⁶⁰ incentivava o uso desse recurso nas aulas. Esta seria uma maneira de sair das aulas tradicionais e do método de memorização característico da época e passar a aprender “pelos olhos e não enfadonhamente só pelos ouvidos, em massudos, monótonos e indigestas preleções⁶¹”.

O uso do filme, realmente rompe com o modelo de aula tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento e o aluno assiste a tudo de forma passiva. É uma forma de aprendizado mais ampla com possibilidades variadas de conhecimento cultural, além do conteúdo específico. Filmes que representem outras épocas podem servir para ter uma noção de aspectos como a moda, a música e a linguagem e compará-los com o momento atual.

Como dissemos, os filmes não são uma reprodução do real, mas uma leitura de uma dada realidade, datada, situada espacial, temporal e culturalmente. Utilizado nas aulas de História pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade cognitiva dos alunos de lidarem com o mundo das imagens e das informações no qual estão imersos em seu cotidiano. Contudo, por trás de um filme, inclusive de documentários, há sempre um diretor e um roteirista que podem usar de sua imaginação para a releitura de um determinado padrão estético ou mesmo de um acontecimento histórico. No entanto, este sempre pode ser utilizado como ferramenta para problematizar um determinado aspecto do assunto ao qual está relacionado ou até mesmo da própria realidade dos alunos⁶².

Porém, as mudanças e permanências identificadas ao longo dos processos históricos a serem analisadas durante uma aula de História devem se apoiar em outros debates como a utilização das produções historiográficas. Compreendido como objeto de análise, o filme traz consigo aspectos que extrapolam o próprio processo de criação, porque sua produção está sempre inserida numa dada realidade histórica. Sua utilização como recurso didático pressupõe um exercício crítico, no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para a discussão de comportamentos, visões de mundo e identidade de uma sociedade em dado momento histórico⁶³.

⁶⁰ NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, nº 25/6. São Paulo, ANPUH, 1993, p.45-46.

⁶¹ BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo. Ed Cortez, 2004,p.372.

⁶² BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 31

⁶³ FERREIRA, M. M. ;FRANCO, R. **Aprendendo História: Reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009, p.35

Trabalhar com filmes em sala de aula também pressupõe uma aproximação do professor com outras ciências e, de forma dialógica, ampliar o conhecimento histórico. No caso de trabalhos didáticos com filmes que abordem temas históricos é comum a preocupação do professor em instigar a percepção dos alunos para o figurino. A reconstituição das vestimentas, os cenários, os diálogos, por exemplo, fazem parte do texto fílmico, portanto, e não devem ser anacrônicos, a não ser que a dissonância seja intencional e faça parte do próprio texto que a direção quer imprimir para a interpretação.

Um filme abordando temas históricos ou de ficção trabalhado como documento requer uma consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que a retratada. A produção está impregnada de valores, compreensões, visões de mundo, tentativas de explicação, reconstituição, recriação, criação livre e artística, inserção de cenários históricos construídos intencionalmente ou não por seus autores, diretores, produtores, pesquisadores, cenógrafos, dentre outros. O filme é antes de tudo um retrato da época de sua produção que uma reconstituição histórica, mas isso não é impeditivo para ser utilizado a fim de que se obtenha uma melhor compreensão do conhecimento histórico⁶⁴.

Podemos apontar três possibilidades para o uso do filme em sala de aula: a história do cinema na qual situamos os filmes em seus “tempos e lugares”; a história no cinema quando se “produzem interpretações a respeito do passado”; e a história com cinema “que utiliza os filmes como documentos⁶⁵”. De maneira geral, a história do cinema relacionada com o contexto social do período é uma possibilidade interessante de estudos históricos. Perpassando pelo conhecimento do cinema norte-americano e sua indústria hegemônica, o cinema russo, o cinema na Alemanha nazista, em outros lugares, se estabelece com pontos importantes para se conhecer a história do cinema mundial. Sendo assim, a história no cinema pode ser entendida a partir de um filme feito na década de 1930. Ele pode servir para o estudo deste período, se o mesmo estiver tratando deste período pode ser estudado de forma dupla, como documento da época e como a história sobre este período⁶⁶.

64 BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História** / Secretaria de Educação Fundamental. —Brasília: MEC, 1998, p. 88.

65 CANO. Márcio Rogério de Oliveira. Coleção **A Reflexão e a Prática no Ensino**. Regina Soares de Oliveira, Vanusa Lopes de Almeida, Vitória Azevedo da Fonseca. VOL 6. S. Paulo. ed. Blucher. 2012. p. 32 -36.

66 CANO, op. cit. p. 35.

Já a história com o cinema está dentro da linha sugerida por Marc Ferro cuja proposição é a de que o pesquisador faça uma análise que considere o filme como “um produto, uma imagem-objeto”, integrando a sociedade que produziu. Nesse caso, o filme assume um papel de testemunho. No caso do filme ficcional com tema histórico, este reflete muito mais a sociedade que o produziu, consumiu, e as abordagens históricas realizadas do que propriamente o período ao qual se refere. Com base nessa perspectiva, compreendemos que pode-se trabalhar um pouco melhor com a linguagem fílmica⁶⁷.

Outra abordagem destaca que é preciso ir além da análise do filme. Assim, o professor precisa ter cuidado com sua escolha: “conhecer as preferências dos alunos e identificar a experiência deles como espectadores”. Nesse caso, algumas perguntas podem ser feitas: como escolhem os filmes? O que valorizam no filme em relação à interpretação dos atores ou o conteúdo? O objetivo é fazer com que os alunos questionem o que estão assistindo e reflitam sobre as informações que receberão⁶⁸. Para tanto, é necessária uma leitura interna do filme que considere os aspectos do conteúdo, personagens, acontecimentos principais, cenário, lugares, tempo em que decorre a história narrada, dentre outros, assim como a leitura técnica (em geral por intermédio de uma ficha técnica) da produção do filme – diretor, produtor, música, tipo de técnicos, e outros. Em seguida faz-se uma análise do contexto externo do filme: ano, país⁶⁹.

A proposta apresentada é muito interessante, haja vista que integra o aluno na pesquisa dos elementos internos e da produção do filme e não como mero espectador que depois, deverá expor sua opinião muitas vezes sem uma pesquisa ou preparação teórica para acrescentar uma melhor compreensão histórica do filme como documento.

Outra contribuição vê o cinema como objeto de análise que pode ser relacionado com o ensino. Entretanto, considera que este traz um caráter “deformador” da história, na medida em que há uma distorção total ou parcial dos acontecimentos, indo de encontro com os estudos realizados pelos historiadores. Nessa acepção, consideram-se os impactos das ideologias propagadas pelos filmes na concepção de história dos alunos. Em outras palavras procura mostrar o que os filmes comerciais com conteúdo históricos estão “ensinando” aos alunos. Os filmes não são registros de uma história tal como aconteceu ou vai acontecer, mas são representações que

⁶⁷ CANO, op. cit. p. 37.

⁶⁸ BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História: fundamentos e métodos** São Paulo. Ed Cortez, 2004. pp. 375 – 376.

⁶⁹ Ibid., p. 377.

merecem ser entendidas e percebidas não como diversão apenas, contudo devem ser vistas como produto cultural capaz de comunicar emoções e sentimentos e transmitir informações. O professor/pesquisador deve procurar a sua qualificação e deve se preparar para melhor explorar o estudo e conhecimento do filme em sala de aula⁷⁰.

A partir desses especialistas, podemos inferir que em relação à utilização de filme em sala de aula é preciso considerar alguns aspectos fundamentais. Primeiro, a necessidade de um planejamento prévio, considerando-se a relação com o tema a ser abordado, a clientela a qual se destina e o conhecimento precedente que o discente teve para a experiência de uma leitura imagética. Assim, é fundamental uma investigação acerca do conhecimento dos alunos sobre o tema, levando-se em consideração as expectativas de aprendizagem a partir da intervenção do professor em relação ao conhecimento histórico e o assunto que deseja explorar. Tal como o diretor do filme coordena a produção, o professor é o coordenador dessa experiência. A condução do debate, a finalização da atividade determinará a intenção do professor na utilização do recurso. Comparar o filme apresentado com outros do mesmo período, ou mesmo com outras fontes, como o texto didático, propor a produção de um novo texto e a ampliação do tema em outro momento, incentivar a capacidade de narração do aluno fará com que compreenda que esse recurso é utilizado como complemento para a sua formação histórica. Além do que, possibilitará o entendimento do filme como um texto para ampliação e diversificação de seu aprendizado e não como mera diversão⁷¹.

Assim, a utilização de filmes em sala de aula contribuirá para a formação crítica dos alunos, a partir do momento em que forem capazes de articular análise e consciência histórica. Logo, a relação entre história e filme, para além da dimensão ensino-aprendizagem desperta um elemento importante no processo gerador de uma consciência histórica para os alunos.

⁷⁰ MOCELLIN, R. **Ressureições luminosas** – cinema, história e escola. Curitiba: Nova Didática. 2009, p.19.

⁷¹ BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo. Ed Cortez, 2004. p. 375 – 376.

CAPÍTULO 2 - A PRÁTICA DOCENTE NO USO DE FILMES

Neste capítulo analisaremos a prática dos professores de História do ensino médio de Escolas Públicas, em São Luís do Maranhão. Como metodologia de pesquisa, optamos pela qualitativa, descritiva e com uso de questionários e entrevistas não estruturadas. O questionário consiste em elencar questões, com clareza e sem ambiguidade e entregar ao informante que responderá por escrito. A vantagem sobre a entrevista é que garante o anonimato e também pode atingir um número maior de informantes. Por sua vez, a entrevista, “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados”⁷².

Devido ao tempo para apresentação dos resultados e pelas condições de contato pessoal com os professores, uma vez que se encontravam de férias, entregamos alguns questionários pessoalmente e, a maioria enviou respondido via *e-mail*⁷³. Em seguida partimos para análise e tabulação dos dados com o objetivo de entender as práticas e os desafios que os professores enfrentam quando recorrem ao filme em sala de aula.

2.1 O filme nas escolas ... mas elas estão preparadas?

A lei 13.006, aprovada em 26/06/2014, institui a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais nas escolas públicas ocorrerá duas horas mensais: “*A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo duas horas semanais*”⁷⁴. De autoria do

⁷² Lakatos, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003. p. 201, 157

⁷³ Tendência nova na pesquisa (fundamentar). Epa!!! Explicar melhor e usar referência!!!

⁷⁴ PROJETO DE LEI DO SENADO Nº185, DE 2008. <http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/13153.pdf>.

senador Cristóvão Buarque⁷⁵, essa lei tem como objetivo principal fomentar no público o gosto pelo cinema nacional, como consta na sua proposta de defesa do projeto⁷⁶.

Em tese, a referida lei poderia ser uma forma de levar o cinema às escolas, mas na opinião de especialistas, tal iniciativa não alcança o objetivo porque inverte a lógica do projeto pedagógico e o submete, a um fim específico que é a projeção de filmes⁷⁷. A crítica reside no fato de que nessa acepção desconsideram-se todas as dimensões que envolvem o processo de construção de um projeto político pedagógico para, em última instância, submetê-lo a uma lei. A questão é o quanto a lei interfere na autonomia da própria escola formular e definir as prioridades de suas ações no ambiente escolar. Uma das consequências que essa obrigatoriedade pode implicar é a preocupação com a projeção de filmes, sem, contudo, haver um planejamento prévio que atenda às necessidades curriculares, transformando a atividade em mera diversão e retirando-lhe o caráter de estudo e compreensão de aspectos sociais, culturais e históricos. Dessa forma, a análise da representação sobre uma época e sua abordagem, por exemplo, podem ser minimizadas em detrimento da ludicidade.

Assim, para entendermos como os professores usam o filme no ensino médio, em escolas públicas de São Luís do Maranhão é necessário iniciar, considerando o próprio universo escolar. Para os professores, a forma de acesso à rede estadual de ensino ocorre através de concurso público e, eventualmente, através de contrato por um período de um ano. Recentemente, no de 2016, ocorreu um concurso que está em fase de convocação dos professores, os últimos ocorreram a mais de 10 anos, o que justifica a presença de 90%, dos professores estarem neste período de exercício. Sabemos que em algumas áreas, o desvio de função é uma constante. No entanto, no caso da área de História, todos os pesquisados têm formação nos cursos de História com habilitação

⁷⁵ **Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque** GCIH (Recife, 20 de fevereiro de 1944) é um engenheiro mecânico, economista, educador, professor universitário e político brasileiro filiado ao PPS. É o criador da Bolsa-Escola, que foi implantada pela primeira vez em seu governo no Distrito Federal.

Foi reitor da Universidade de Brasília de 1985 a 1989. Foi governador do Distrito Federal de 1995 a 1998. Foi eleito senador pelo Distrito Federal em 2002. Foi Ministro da Educação entre 2003 e 2004, no primeiro mandato de Lula. Foi reeleito nas eleições de 2010 para o Senado pelo Distrito Federal, com mandato até 2018.

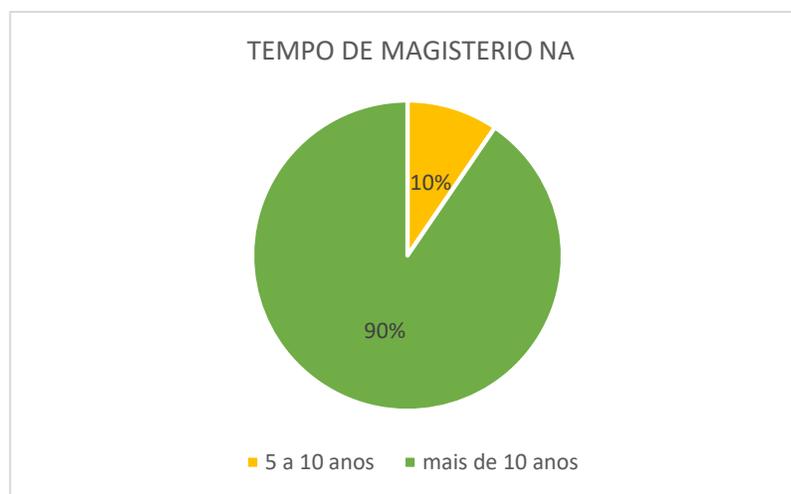
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cristovam_Buarque. Acessado em 20/06/16.

⁷⁶ A arte deve ser parte fundamental do processo educacional nas escolas. A ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação que é o deslumbramento com as coisas belas. O cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos alunos nas escolas. O Brasil precisa de sala de cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o cinema na escola como instrumento de formação deste gosto (<http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/13153.pdf>). Acessado 01/02/17⁷⁶.

⁷⁷ Disponível em: <http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=5205>. Acessado: 20/07/2016.

em Licenciatura. Na pesquisa identificamos que a maioria dos entrevistados estão na rede Estadual há mais de 10 anos, como mostra o gráfico seguinte:

Gráfico 1

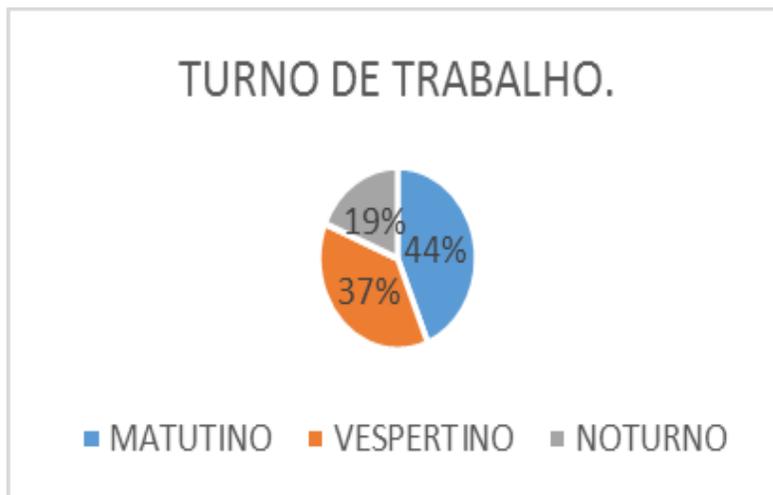


Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Em nossa pesquisa utilizaremos codinomes para os professores com a finalidade de preservá-los. Trabalhamos com docentes de cinco escolas diferentes da rede estadual, localizadas no município de São Luís do Maranhão. O critério para a escolha dos professores foi pautado no fato de trabalharem em escolas consideradas de referências, nos seus polos. Assim sendo, no município existem 13 polos que congregam 156 escolas estaduais, sendo 118 do ensino médio⁷⁸. Também procuramos identificar os recursos disponíveis nas escolas para uso do filme e investigamos as práticas e concepções dos docentes quanto ao uso da narrativa fílmica na análise dos resultados. Foram entregues, um total de 15 questionários, sendo 10 encaminhados por *e-mail* com um pedido para enviarem a outros colegas e 5 entregues pessoalmente. Desse total recebemos 21 questionários. Não obtivemos resposta de 3 professores. Dentre o universo pesquisados, 44% dos professores trabalham no turno matutino; 37% são do turno vespertino e 19% ensinam no turno noturno, conforme destacamos no gráfico seguinte:

⁷⁸ MARANHÃO. SEEDUC. Unidade Regional de Educação de São Luís (URE – SÃO LUIS). Ano, 2016. (ver anexo).

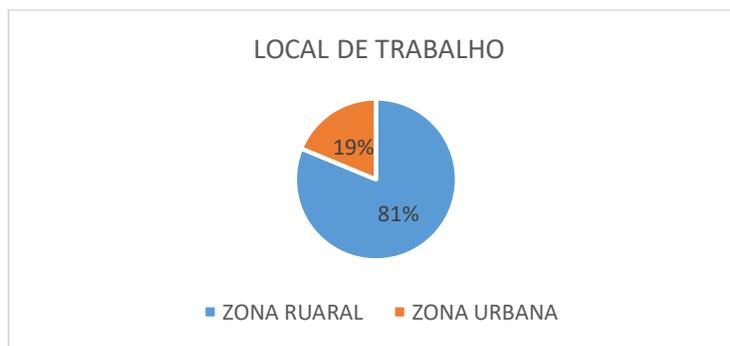
Gráfico 2



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

De acordo com o censo do MEC, a maioria dos professores trabalha na zona urbana. Os dados do censo escolar da educação básica dos últimos dez anos mostram que houve um decréscimo no número de escolas e de matrículas na área rural e um crescimento na área urbana. Em 2003 foram registrados 103.328 escolas rurais e 7,9 milhões de matrículas; em 2013, foram 70.816 escolas rurais e 5,9 milhões de matrículas, redução de 32.512 escolas e de 2 milhões de matrículas.⁷⁹ Segundo dados da Secretaria de Educação do Maranhão de 2016 existem 118 escolas do Ensino Médio em São Luís, com cerca de 3 professores de História por escola. Levando-se em consideração que um professor trabalha em dois turnos, e às vezes na mesma Escola, teremos em média 354 professores. Já os dados do IBGE de 2015, referindo-se a todas as áreas, apontam para um total de 1.713, professores, em 147 Escolas do Ensino Médio com 62.739 alunos.

Gráfico 3



⁷⁹ <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32804>

Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Muitos professores trabalham em dois turnos na mesma escola, e acabam tendo a mesma prática. No turno noturno a progressiva diminuição no número de estabelecimentos em funcionamento ocorre devido a vários motivos, dentre os quais o aumento da violência, o distanciamento entre a realidade, as expectativas dos alunos e os conteúdos praticados. De acordo com a Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEEDUC), a maioria das turmas do turno noturno funciona na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). É importante analisar o papel dos sujeitos da EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-os a novas buscas e conquistas, como já sinalizara Paulo Freire em suas ações educativas com Jovens, Adultos e Idosos⁸⁰.

Na realidade do turno noturno, para o docente estimular no alunado o gosto pelo conhecimento histórico um caminho viável tem sido o uso de linguagens e fontes diversificadas, visando contribuir para o desenvolvimento de habilidades dos alunos. Dentre essas linguagens, o filme contribui para o estímulo e aprimoramento do ensino-aprendizagem, bem como o conhecimento de aspectos sociais e culturais que o livro didático não apresenta. Estes, atualmente trazem, além dos textos, propostas de atividades com filmes, a exemplo do livro “Viver e Aprender” voltado para o EJA. Uma das propostas presentes nesse livro é o filmes “Amazônia em chamas”, produzido em 1994, com duração de 123 min. O filme relata a vida de Chico Mendes, mostrando a vida dos trabalhadores seringueiros, os interesses políticos e a luta pela sobrevivência material e familiar⁸¹. Em outro livro, “Ser Protagonista”, para cada unidade existe uma proposta de filmes, como, por exemplo, “Cristóvão Colombo: o enigma”, produzido em 2007, com duração de 75min⁸². No filme, durante uma viagem de lua de mel, um casal procura confirmar a hipótese de que Cristóvão Colombo seria português. Tal discussão possibilita o debate historiográfico sobre a origem de Colombo, mas também uma representação desse processo histórico, a partir da ocupação da América pelos espanhóis. Estes são alguns exemplos de como o professor pode usar as indicações de filmes feitas pelos livros didáticos, permitindo outra forma de ensino-aprendizagem

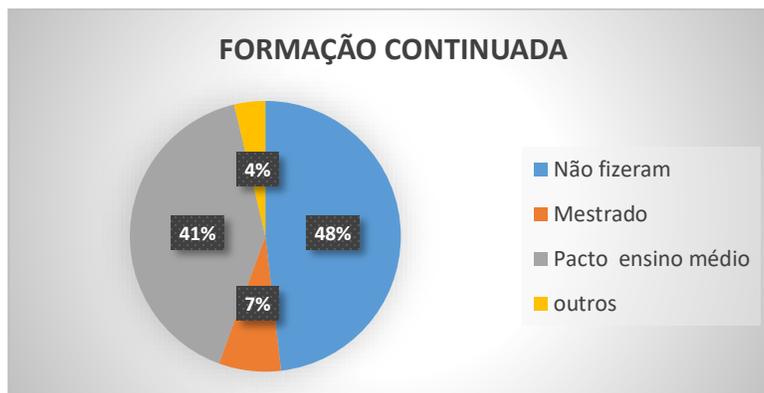
⁸⁰ A EJA é uma modalidade de ensino que oferta Ensino Fundamental e Médio para atendimento a jovens, adultos e idosos através de cursos, programas, projetos e exames. <http://www2.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=43>

⁸¹ Coleção Viver, Aprender. Ensino Médio - Ciências Humanas. **Tempo, espaço e cultura**: ensino médio: Educação de Jovens e Adultos. – 1. Ed. – São Paulo. Global. 2013. Caderno do professor. p.13-32.

⁸² **Ser Protagonista** - História – 2º ano. Ensino Médio - Vol. Único Capellari, Marcos Alexandre / Gomes Nogueira, Fausto Henrique. Edições Sm (Brasil).2013. p. 312.

ao alunado bem mais leve e agradável, sem, contudo, minimizar o conhecimento histórico. Há que se considerar que o uso do filme depende muito da formação do professor.

Gráfico 4



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Entre os 21 professores pesquisados nessa fase, quanto à formação continuada, encontramos 48% dos professores sem que tenham feito algum curso nos últimos cinco anos, 52%, realizaram algum curso que remete ao uso do filme, sendo; 41% participaram somente das formações continuadas realizadas nas escolas, chamada de Pacto pelo Ensino Médio; 7% possuem mestrado ou está cursando a pós-graduação, e 4% possuem outros cursos de formação.

Aprofundando mais a questão, nos deparamos com outro aspecto não menos relevante e que também se relaciona a um problema estrutural. Muitos dos professores afirmaram não haver, durante a sua formação, incentivo ao uso de filmes em sala e que não era sequer uma prática dos cursos de licenciaturas. Considerarmos o tempo de magistério, a formação inicial e os dados sobre a formação continuada dos professores compreendermos a necessidade de procurarem uma qualificação específica para um melhor uso do filme em sala de aula.

Oriundos de uma formação que não privilegia a reflexão teórica, sem espaço escolar para discussão sistemática sobre a presença dos meios tecnológicos na escola, os professores não desenvolveram as potencialidades de trabalhar com o filme em sala de aula nem mesmo com o cinema na cultura escolar. Mas, como alunos e professores têm acesso a esse bem cultural, então a presença dos filmes é comum, seja no uso direto ou nas referências dos livros didáticos para estudos

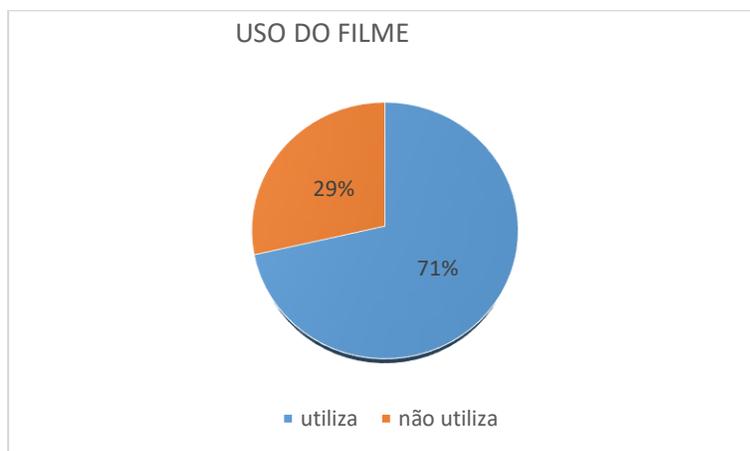
e exemplos, mas sempre como meio de transmitir um conteúdo como é o caso da história, sem considerar as especificidades da linguagem e do produto de consumo⁸³.

Esse comportamento vai de encontro com as atuais mudanças efetivas no fazer histórico, indiscutíveis perante uma sociedade em rápida transformação midiática, e que pressupõem um ensino de História em consonância com as novas exigências didáticas e pedagógicas, ainda sob o efeito da pós-modernidade.

Contudo, o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio foi regulamentado pela Portaria Ministerial Nº 1.140, de 22 de novembro de 2013. Através dele, o Ministério da Educação e, as secretarias estadual e distrital de educação assumem o compromisso pela valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos no ensino médio público, na área rural e urbana⁸⁴. A formação deverá se desenvolver no “chão da escola”, em conjunto com os orientadores no tempo referente à nova jornada de trabalho.

Entretanto, o fato da formação continuada dos professores ser precária, isso não quer dizer que não utilizem o filme em sala de aula. Do universo pesquisado constatamos que 71% dos professores têm o hábito de trabalhar com filme em sala de aula enquanto 29% não utilizam.

Gráfico 5



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

⁸³ FERNANDES, Sandro Luís. Filmes em sala de aula-realidade e ficção: uma análise do uso do cinema pelos professores de história. 2007.p.30

⁸⁴ BRASIL. Programa Pacto pelo Fortalecimento do ensino Médio. Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5>. Acesso em: 16 jun 2016.

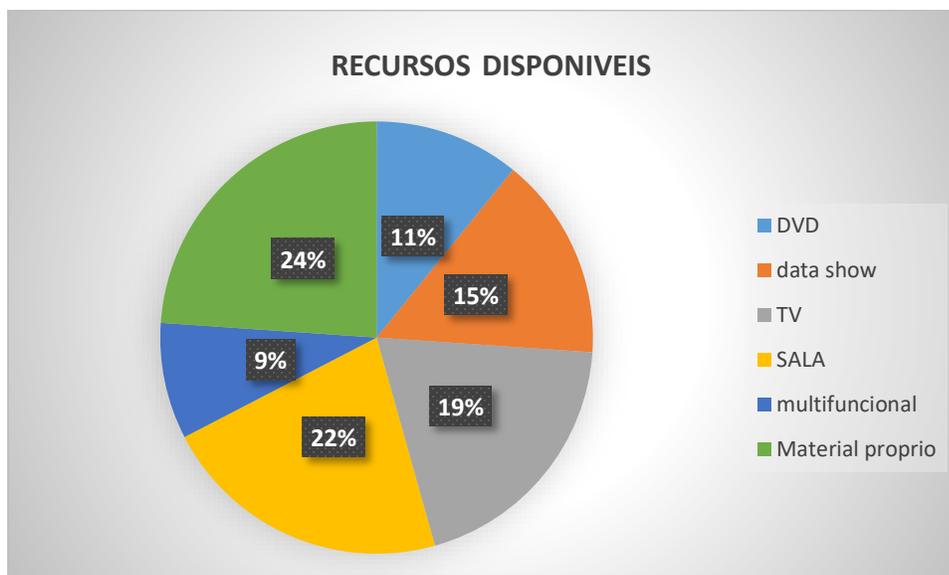
Ressaltamos que o uso de filme é bem aceito pelos estudantes que vivem em um mundo que privilegia as linguagens visuais, como o cinema e a televisão. No entanto, é preciso certos cuidados com esse recurso, uma vez que, assim como a Literatura, o filme tem características narrativas próprias. Para o professor filmes e documentários são instrumentos complementares eficientes e até insubstituíveis, possibilitando ao aluno um contado mais próximo com o assunto, com um passado. Enquanto para o aluno, o texto escrito se apresenta como um conhecimento distante. Além do mais, a imagem possibilita um desenvolvimento intelectual do aluno, substituído uma aula com intervenção linear e acumulativa dos fatos histórico para uma aula mais dinâmica, saindo do modelo estático e frio do livro didático. Produções modernas, como os filmes, registram a vida contemporânea e reconstróem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imaginam o tempo futuros⁸⁵.

Outro aspecto relevante na decisão do professor trabalhar com filme em sala de aula diz respeito à estrutura escolar. Nas dez escolas em que os pesquisados trabalham encontramos a às seguintes condições: 22% possuem sala de multimídia; 19% possuem aparelho de televisão; 15% possuem data show; 11% possuem aparelho de DVD; 9% possuem aparelho multifuncional (computador e projetor) e 24% dos professores utilizam os seus próprios aparelhos.

A maioria das escolas públicas de São Luís do Maranhão, como relatam os pesquisados, possuem equipamentos como televisão, DVD, data show, Multifuncional (aparelho que acopla o computador e o data show), no entanto muitos professores utilizam o seu próprio material. Esta condição contribui para o uso do filme, pois os recursos são fundamentais para a utilização, mas não é decisivo, pois esta precisa da iniciativa e escolha do professor.

⁸⁵ BITTENCOURT; Circe Maria F: “Ensino de História: Fundamentos e Métodos” São Paulo. Ed Cortez, 2004. p.353.

Gráfico 6



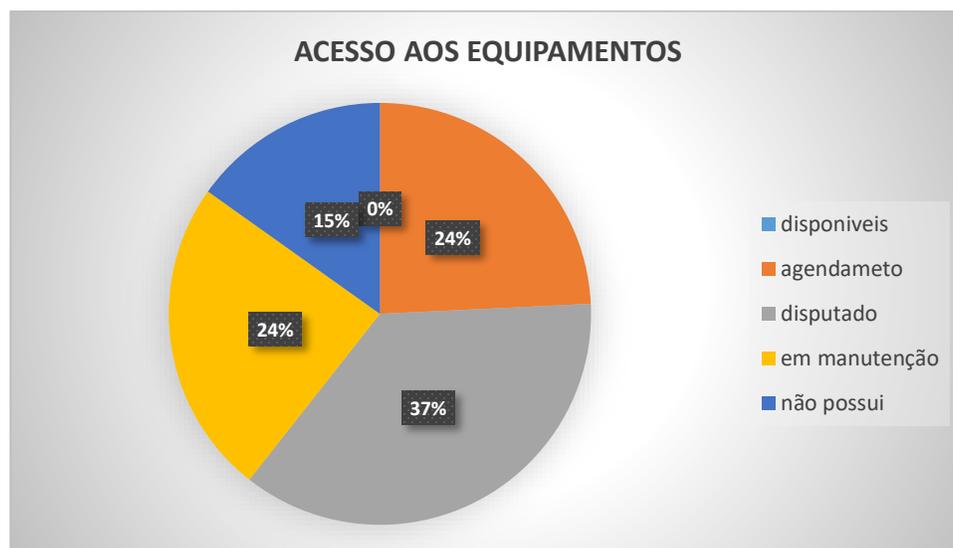
Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Dessa forma, muitas escolas não têm o cuidado necessário com os aparelhos por falta de pessoal, especialista ou alguém que seja deslocado para exercer a função de cuidado e preservação dos materiais; outras sofrem com os ataques dos vândalos e a falta de segurança. Essa realidade justifica os 24% dos entrevistados utilizarem os seus próprios recursos e outros que afirmaram não usarem o filme em sala por falta de recursos na escola. A ausência de uma estrutura adequada, não implica apenas desconforto ao professor, mas, sobretudo perda para os alunos, uma vez que o tempo gasto por um professor que leva o seu material para sala de aula com a preparação do material para visualização da película subtrai do aluno uma parte significativa da carga horária e compromete o planejamento da atividade.

No levantamento das práticas dos professores em relação ao uso o filme em sala de aula, a pesquisa também identificou um dado importante quanto ao acesso aos equipamentos. Verificamos que nas escolas em que há possibilidade de uso dos equipamentos para a atividade com filme, em 24% os professores precisam realizar um agendamento prévio. Esse aspecto não estaria dentro do planejado se as escolas tivessem serviços regulares de manutenção. A pesquisa revelou que, em 24% das escolas, os equipamentos ou estão sem condições de uso ou em

manutenção. E, o que é mais grave, em 15% dela não encontramos algum tipo de equipamentos que possibilitem ao professor trabalhar com filmes em sala de aula.

Gráfico 7



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Como podemos observar no gráfico, em alguns locais de ensino, esse quadro situacional gera uma verdadeira “disputa” pelos escassos equipamentos. Foi a realidade que nos deparamos em 37% das escolas. Reiteramos que essa situação faz com que os professores tenham que adquirir os seus próprios equipamentos se quiserem realizar um trabalho diferenciado.

Ainda tratando sobre os recursos humanos pudemos constatar que a maioria das escolas possuem equipamentos como televisão e data show. Em geral, possuem um aparelho multifuncional, mas não têm *notebook* disponível para os professores, comprometendo a iniciativa de usarem outras linguagens no ensino. Ou então, como os aparelhos são muito concorridos levam o seu próprio para a escola, mas o acesso ao aparelho multifuncional é feito sempre através de agendamento prévio devido ao número de salas minimamente equipadas para a atividade. Assim, pelo resultado aferido podemos concluir que não existe incentivo para o uso de filmes nas Escolas, na medida em que os recursos e a falta de manutenção se apresentam como um grande desafio.

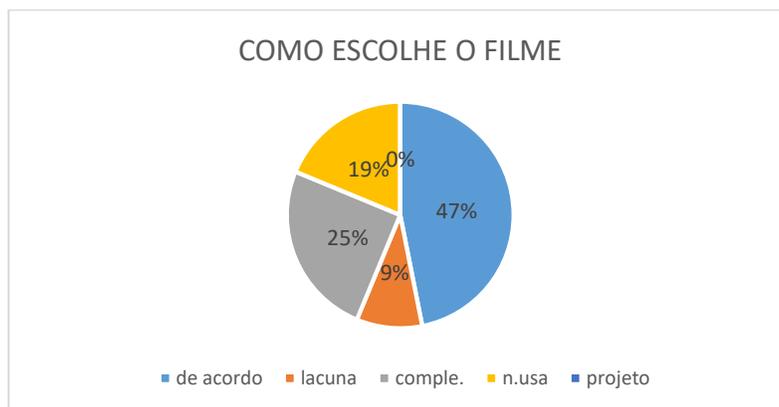
Além do mais, a pesquisa revelou outro dado importante: as escolas não possuem acervos fílmicos disponíveis. Caso os professores optem pela utilização do filme em sala de aula

terá que levar o material, em geral DVD, que pode constar de seu acervo pessoal ou por outros meios. Do universo de professores investigados apenas 19% contam com algum tipo de material disponibilizado pelas escolas, tais como fitas com filmes, geralmente vídeo aulas, sendo que 81%, não possuem películas disponíveis em seus acervos ou locais reservados para estes fins.

O material fica a critério do professor. Em seu depoimento, o professor esclarece os motivos da decisão de adquirir o seu material: “resolvi investir no meu próprio material para melhorar a qualidade das minhas aulas e do aprendizado do meu aluno, o uso de recurso como o filme possibilita que ele visualize aspectos de outras culturas que através do texto não conseguiria descrever com detalhes”. A fala do professor, não reflete somente o compromisso com uma educação de qualidade mostra, mas, sobretudo, uma transferência de responsabilidade do estado para o profissional da educação. Um professor adquirir equipamentos com recursos próprios a fim de possibilitar melhor qualidade de ensino é retirar do Estado uma significativa parcela de sua responsabilidade.

Em relação à escolha dos filmes a serem trabalhados em sala de aula procuramos identificar como se dá tal processo, o que leva em consideração. Para a maioria dos pesquisados, aproximadamente 47%, a escolha de um filme para trabalhar em sala de aula tem que estar relacionada ao conteúdo que está trabalhando. Nesse sentido, 25% utilizam-no para complementar o assunto estudado. O filme é, portanto, tomado na sua acepção histórica. Como se pode observar no gráfico em destaque, 19% dos pesquisados disseram não ter hábito de usar filmes em sala de aula e, 9% disseram utilizá-los para preencher horário, sem planejamento ou preparação prévias.

Gráfico 8



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Como apontamos anteriormente, a aplicação do filme em sala de aula não pode se reduzir a um momento de diversão. Para esse caso, é preciso levar em consideração o seu caráter fundamental, que é assegurar um aprendizado mais rico e ampliação do conhecimento histórico aos alunos. Neste sentido, o filme como completo do curso se estabelece como o mesmo trabalho demandado para o estudo de outros documentos ou texto da bibliografia⁸⁶. Ao abordar o filme relacionando-o com o conteúdo estudado se estabelece um compromisso com a possibilidade de entender e debater outros aspectos que a exposição e os textos, geralmente em função do tempo, não dá conta. Os filmes são imagens em movimento e, na sala, sua utilização como documento histórico sempre requer atenção para o seu estatuto, enquanto recurso imagético com uma linguagem cuja especificidade requer tratamento próprio⁸⁷.

Essa acepção também se encontra nos PCNs , ao trabalhar com filmes o professor acaba procurando reforçar o conteúdo histórico, trabalhado em sal de aula, daí a importância do uso do filme como uma outra linguagem que informa mais sobre a sua época de produção de que a época retratada⁸⁸.

Usar o filme para preencher horário foi a assertiva de 9% dos entrevistados. Tal ocorrência no dia-a-dia da escola pode significar diversas situações: a falta de compromisso do docente com seu trabalho e, com isso, a improvisação e desorganização das atividades, seu despreparo para assumir uma turma, ou mesmo a falta de uma formação que o habilite para explorar um texto imagético. Na rede Estadual do Maranhão, o planejamento por área ocorre quinzenalmente. Sendo assim, em tese, os professores têm alguma condição de utilizar o filme em seus horários mediante um planejamento mínimo.

⁸⁶ VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2003. p. 165.

⁸⁷ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de História. **História & ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História. Vol. 4. Londrina: UEL, 1998. p.175.

⁸⁸ No caso de trabalho didático com filmes que abordam temas históricos é comum a preocupação do professor em verificar se a reconstituição das vestimentas é ou não precisa, se os cenários são ou não fiéis, se os diálogos são ou não autênticos. Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata. É preciso antes de tudo ter em mente que a fita está impregnada de valores, compreensões, visões de mundo, tentativas de explicação, de reconstituição, de recriação, de criação livre e artística, de inserção decenários históricos construídos intencionalmente ou não por seus autores, diretores, produtores, pesquisadores, cenógrafos etc. Fonte: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1998.p.37

Os dados mostraram ainda que 25% dos pesquisados utilizam o filme para complementar as aulas. Mas não se pode perder de vista que o filme é outra linguagem. O século XX assistiu à invenção de uma linguagem, que está permanentemente em metamorfose⁸⁹. Diferente do texto escrito, a rapidez das falas, a abrangência de ângulos e detalhes e a ação da narrativa (elementos que constroem a representação) estão presentes de forma não linear como se observa no texto didático. São várias as possibilidades de levar o espectador a observar aspectos que o diretor pensou em enfatizar na montagem do texto imagético. O professor não pode deixar então de direcionar o aluno para aspectos que interesse na narrativa histórica.

Outro aspecto a nos chamar a atenção foi o fato de 19% dos pesquisados não utilizarem qualquer tipo de imagem em sala de aula, como assinalamos no gráfico à frente:

Sabemos que a escolha da metodologia e os recursos que deverão ser utilizados em sala é uma opção do professor, da sua formação e de seu preparo profissional. A relação do professor com os alunos diante de uma sociedade tecnológica deixou de ser a mesma. O professor não mais o detentor do conhecimento, os livros didáticos passaram a ser mais uma fonte ao lado de outras possibilidades de investigação, o que promove a aprendizagem questionadora do ensino. Muitos livros trazem propostas de uso de Filmes e outras metodologias reservando ao professor a sua escolha. A justificativa dada para o não uso do filme em sala de aula por alguns dos pesquisados foi justamente a falta de recursos, equipamentos na escola, e outro afirmou indicar os filmes aos alunos, mas não os usa em sala. Neste caso, o professor perde a oportunidade de, mesmo sem a sua projeção em sala, explorar a linguagem fílmica através da indicação e discussão. Essa proposta se encontra indicada, por exemplo, para o ensino de jovens e adultos, na coleção “Viver e Aprender”, manual didático dedicado ao ensino médio⁹⁰.

Quanto à forma de trabalho, entre os 21 professores pesquisados todos afirmaram que não utilizam o filme em projetos na Escola. A utilização de projetos que contemplem o uso de filmes atende as propostas de transversalidade indicadas nos PCNs, ou projetos específicos na área da História. A interdisciplinaridade não é tarefa fácil de ser aplicada, tem sido objeto de muita discussão, mesmo se entendendo a importância no sentido de romper com uma visão fragmentada

⁸⁹ CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. P.48

⁹⁰ Coleção Viver, Aprender. Ensino Médio - **Ciências Humanas**. Tempos, espaço e cultura. ob.cit. p.14(caderno do professor)

de ensino que pode dificultar a compreensão do mundo e do conhecimento em articulação com a vida social e a natureza física, biológica, química, e demais áreas do conhecimento⁹¹. Dessa maneira, a concepção de ensino do professor tem forte influência como asseveram os PCNs⁹².

O uso de filmes como apresentamos pressupõe o uso de outra linguagem. O cinema como a sétima arte, inclui em si todas as outras artes: a música - som, a dança - movimento, pintura - cor, escultura - volume, teatro - representação e, a literatura - palavra. O uso dessas linguagens constituiu uma ação interdisciplinar e transversal, requer mudanças no ato de educar e ensinar e na própria visão de história, pois muitos foram educados por uma visão de História, que dá enfoque aos grandes eventos de forma linear e sequencial, que procura encaixar os fatos de uma forma linear - do passado à atualidade⁹³.

Uma forma de uso de filmes relacionado aos projetos desenvolvidos na escola pode ser a sugerida por Silva e Porto no trabalho com o filme “Pequenas histórias de Helvécio Ratton”. A autora relata seu trabalho por meio de projeto sobre a situação social dos afro-brasileiros durante o período colonial, articulando o assunto com as disciplinas de português, geografia e Artes. Tais metodologias podem ser adaptadas a outras temáticas e assunto do programa em estudo⁹⁴.

Perguntados sobre a frequência de uso de filme em sala de aula coletamos os seguintes dados: 27% utilizam pelo menos uma vez por mês; 20% ao menos uma vez por bimestre; 33% algumas vezes e, 20% esporadicamente como podemos notar no gráfico:

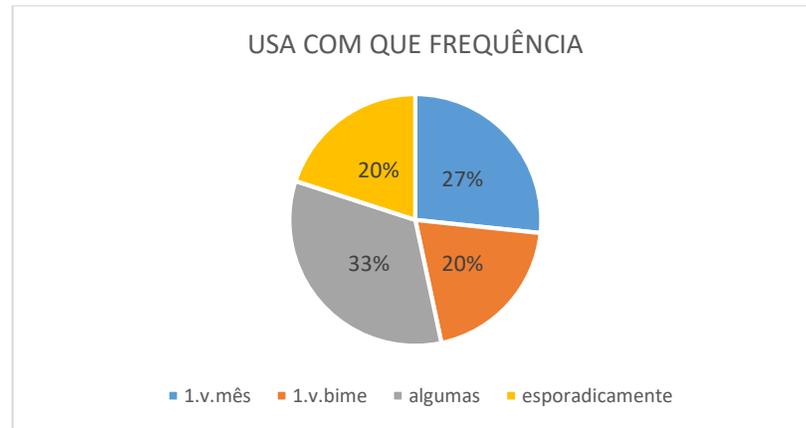
⁹¹ BITTENCOURT; Circe Maria F. op.cit. p.357

⁹² A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que se explicitem os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino, na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz. Tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso profissional do professor, aí incluídas suas próprias experiências escolares, suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas. Fonte: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1998.p.30

⁹³ FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6a ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.65.

⁹⁴ SILVA, Marco; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de história**: teoria e prática. - Belo Horizonte: Rona, 2012.p.30

Gráfico 9



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

As informações coligidas demonstram uma coerência com o número de aulas que o professor disponibiliza nas escolas públicas de São Luís do Maranhão que é de vinte aulas por bimestre. De fato, trabalhar com a atividade fílmica no ambiente escolar de forma eficiente pressupõe preparação e planejamento do docente. Caso contrário será apenas um substituto das aulas, ou seja, em vez de ministrar aulas o professor recorre à película e espera com isso dar conta do conteúdo proposto. Nesse caso, o professor assume a função de mero passador de filme e o aluno tira suas próprias conclusões sobre o assunto ⁹⁵.

Diante desse quadro, a necessidade de um planejamento com vista a um aproveitamento melhor da atividade torna-se imprescindível. A maioria dos pesquisados, 89%, respondeu afirmativamente quanto à prática do planejamento da atividade e, 11% disseram não terem por hábito o planejamento. Os dados tabulados realçam essas práticas.

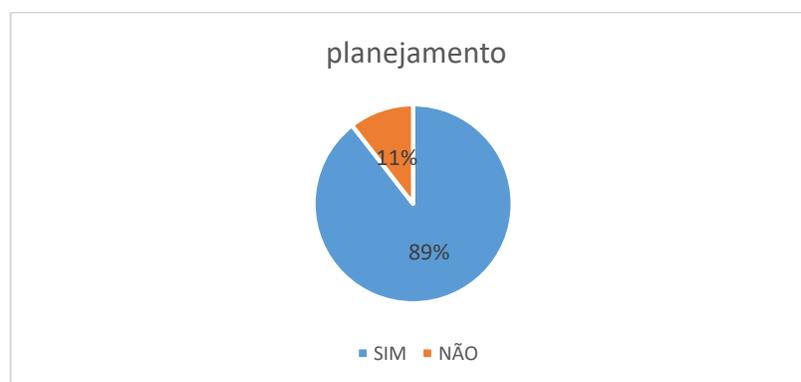
Como vimos, está claro para os professores a importância do planejamento, mesmo os que responderam não usam o filme em suas aulas ressaltaram a importância do planejamento. É provável que essas preocupações sejam reflexos das diretrizes estaduais⁹⁶.

⁹⁵ RIBEIRO, Nielson. **Cineducação**: usando o cinema na sala de aula. Joinville-SC: Ed. UNIVILLE, 2006. pp.10-11

⁹⁶ A organização dos conteúdos escolares em áreas do conhecimento indica a intencionalidade em promover a construção de determinadas competências na formação dos alunos, de acordo com o objeto específico. Isto significa dizer que o conjunto de aprendizagens consolidadas é responsável pelo desenvolvimento das competências da área. A orientação das legislações atuais estabelece que a organização curricular deva ser constituída de uma base nacional comum e uma parte diversificada compondo um todo integrado. A organização curricular por áreas de conhecimento aparece como ponto comum nas legislações e, como tal, deve receber *“tratamento metodológico com ênfase na*

Essa forma de organização não exclui nem dilui os componentes disciplinares com seus objetos específicos e seus saberes particulares, mas alerta para a integração e o fortalecimento das relações entre eles. As diretrizes como normas obrigatórias apontam para a importância do planejamento como tratamento metodológico, com ênfase na contextualização e na interdisciplinaridade entre os diferentes campos de saber, ou seja, cabe ao professor articular-se com outras áreas e proporcionar atividades que possam contribuir com o “aprendizado de forma integral do aluno”⁹⁷.

Gráfico 10



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Entre os professores entrevistados chamou-nos atenção algumas especificidades apontadas nas suas falas quanto ao planejamento. A primeira diz respeito ao reconhecimento da importância do recurso no processo do ensino-aprendizagem. A segunda, quando afirmam que o filme ajuda a “esclarecer aos alunos os objetivos com a aplicação daquela metodologia e também para definir as formas de avaliação da proposta. Temos que considerar o conteúdo em questão e o tempo do filme para a aula. Geralmente faço um recorte do filme da parte mais significativa”⁹⁸. De fato, um professor não pode iniciar uma atividade dessa natureza sem, antes, evidenciar para o aluno, os objetivos que pretende alcançar com a atividade. A relação com o conteúdo pressupõe uma preparação prévia do docente em relação ao que está propondo como meio de análise histórica.

contextualização e na interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de 'saberes específicos' (Resolução Nº 002/2012-CEB/CNE, § 1º, p. 3)

⁹⁷ SEEDUC. **Diretrizes Curriculares** Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. 3º.ed. São Luis. 2014. P. 30

⁹⁸ Entrevista concedida em 01 de Dezembro de 2016.

E, o último aspecto apontado, o tempo da película é de suma importância para que o aluno entenda a finalidade da proposta do professor com o filme.

Um terceiro aspecto destacado pelos nossos entrevistados revelou o processo de seleção do filme. “A utilização de um filme em sala de aula envolve muita responsabilidade na sua escolha, direção, tema, cenas e tempo disponível. Esse cuidado adquire com o tempo e reflexão. Sobre a prática, antes deve haver um planejamento com questionamentos sobre o mesmo e sua relação com o conteúdo desenvolvido em sala”⁹⁹.

Em que pese o compromisso do professor no momento da seleção de um filme a ser trabalhado em sala de aula quanto a sua preocupação com a “direção, tema, cenas e tempo disponível”, o que chama atenção é o segundo momento de sua fala ao afirmar que o seu preparo decorreu muito mais de uma prática reflexiva do que de uma formação, propriamente dita. Isso explica porque muitos desistem diante de tamanho desafio que não se constitui somente no planejamento, mas no refinamento crítico e histórico do professor acerca do material escolhido.

Um quarto ponto a ser destacado é o reconhecimento da necessidade de planejamento das atividades docentes, “Não só o filme, mas toda atividade proposta deve ser planejada minimamente”. No caso de exibição de um filme, o planejamento pode seguir quatro etapas, a saber: a) planejamento e preparação; b) apresentação e exibição; c) debate e reflexão; d) conclusão e verificação. A etapa de planejamento e preparação refere-se ao planejamento e à pesquisa de filmes de interesse geral que possam ampliar o repertório do grupo ou que complemente o conteúdo específico do curso com objetivos determinados. Os filmes podem abordar quaisquer temáticas e serem suscetíveis de enquadramentos diversos e multidisciplinares, entretanto, sua escolha deverá levar em conta, por meio de sondagem, preferências e adequação de faixa etária do grupo¹⁰⁰.

Ainda na fase de preparação, o professor poderá vivenciar anteriormente a experiência de ver, analisar o filme e buscar possíveis temas a serem discutidos de acordo com seu planejamento ou proposta. A análise poderá compreender a qualidade do material selecionado, um relato síntese de aspectos substanciais que contenha as informações sobre referenciais, personagens, forma, conteúdo, conclusão e críticas realizadas sobre a obra.

⁹⁹ Entrevista concedida em 01 de Dezembro de 2016.

¹⁰⁰ FERREIRA, M & FRANCO, R . Aprendendo história: reflexão e ensino. São Paulo: ed. Do Brasil, 2009

Nessa etapa de apresentação e exibição é importante que antes o professor informe ao grupo apenas os dados referenciais do filme. Poderá incluir também curiosidades, no entanto, sem atribuir juízo de valores. Como critério poderá fazer observações durante a projeção ou esperar o término do filme. É importante que o professor justifique o uso do filme e que fique atento às reações do grupo durante a exibição. “Após a projeção, caso seja necessário, algumas cenas poderão ser reprisadas para que o grupo reveja determinados aspectos antes não observados ou elementos gerais como ações, diálogos, efeitos, expressões, sons, entre outros. Tudo dependerá do tempo e finalidades da atividade”¹⁰¹.

No momento do debate e reflexão, o professor poderá inicialmente questionar o grupo sobre o que viu e deixá-los apresentar suas observações. Poderá, dependendo do caso, sugerir a elaboração de um texto para realizar uma análise mais abrangente. Após ouvir os relatos do grupo, o professor poderá então se posicionar com suas observações destacando convergências e divergências apresentadas. É importante enfatizar que um filme é constituído de uma linguagem própria. O cinema possui elementos específicos que o caracterizam como é o caso dos enquadramentos (planos e angulações), roteiro, sons (diálogos, música e ruídos), fotografia, personagens, direção de arte, entre outros¹⁰².

Na conclusão e verificação da atividade cabe ao professor realizar uma síntese final, reafirmando os objetivos da atividade e relacionando-os com o conteúdo desejado, podendo sugerir leituras complementares, filmes que contenham assuntos semelhantes, sites de pesquisa ou desenvolver outras atividades.

A elaboração de uma análise dos elementos constitutivos da linguagem cinematográfica pode contribuir para uma apreciação significativa, entretanto apontamos aqui apenas um conjunto mínimo de informações¹⁰³

Qual a procedência dos filmes assistidos?

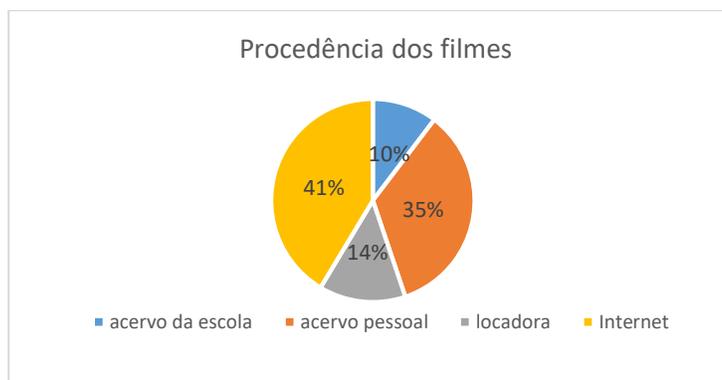
Quanto a procedência dos filmes a maioria dos pesquisados respondeu que baixam o filme pela internet totalizando 41% utilizam o seu acervo pessoal, 35% compram os filmes, 14% adquirem nas locadoras e cerca de 10% utilizam os da escola.

¹⁰¹ Entrevista concedida pelo professor Lucia em 01 de Dezembro de 2016

¹⁰² Entrevista concedida pelo professor Diogo em 01 de Dezembro de 2016.

¹⁰³ Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=48.> Acesso: 20 de jun 2016.

Gráfico 11



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Pelo resultado os filmes baixados pela internet 41% prevaleceram. Existem vários sites que disponibilizam filmes de forma paga, como o Netflix¹⁰⁴ ou gratuita como o Adoro cinema¹⁰⁵ ou pelo YouTube¹⁰⁶ que é bem conhecido e popular. Esta facilidade por um lado não contribui para o uso sistematizado na medida em que muitas vezes a qualidade dos filmes não é muito boa, além de depender de suporte e da internet. Investir em um acervo pessoal como foi respondido por 35% dos pesquisados é uma boa opção, pois o professor pode assistir várias vezes e até trabalhar partes diferentes em sala ou períodos diferentes ao longo do ano. A locação resposta de 14% dos professores apresenta-se como uma opção mais arriscada, pois além dos custos, a ocorrência da falta do filme no período planejado são situações que podem prejudicar a atividade. Somente 10% das escolas possuem acervos, que muitas vezes não estão em local adequado ou de fácil acesso ao professor. Entretanto pensar em construir uma DVDteca na escola, um projeto que pode envolver toda a comunidade escolar. Outra forma de adquirir filmes seria através do projeto, como, “Curta na escola” que tem como objetivo promover e incentivar o uso de curtas-metragens brasileiros como materiais de apoio pedagógico em salas de aula¹⁰⁷.

Como já apresentamos o uso do filme pode também ser feita como atividade de casa, os alunos que possuírem aparelhos (DVD, tv a cabo, etc.) ou mesmo acesso à internet, ou no próprio no cinema (no caso de um filme lançamento), podem ser orientados assistirem na íntegra ou partes

¹⁰⁴ <https://www.netflix.com/br>

¹⁰⁵ <http://www.adorocinema.com/vod>

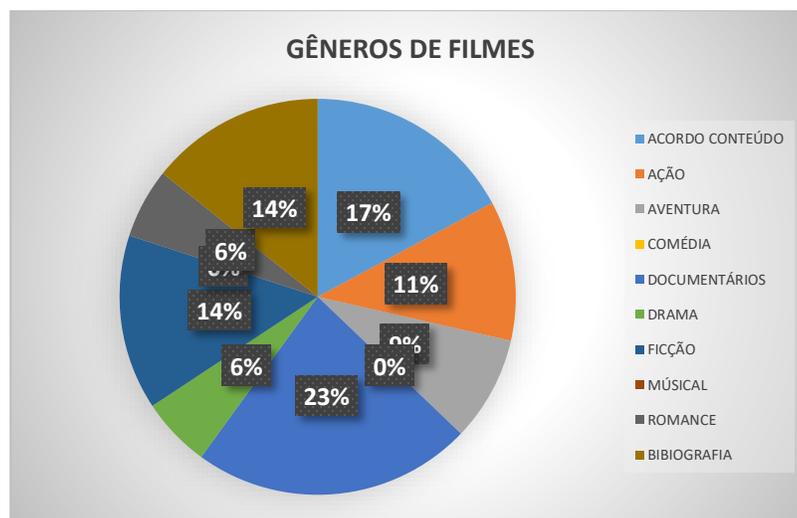
¹⁰⁶ <https://www.youtube.com/>

¹⁰⁷ <http://www.curtanaescola.org.br/>

e sistematizá-los na forma de relatórios a partir da orientação do professor (Napolitano, 2010)¹⁰⁸. Neste processo o importante é o aluno entender que se trata de uma atividade de estudo e de aprendizado histórico.

Os diversos gêneros¹⁰⁹ de filmes são utilizados pelos professores, sendo os documentários os mais utilizados por cerca 23% dos pesquisados; ficção 14%; na categoria ação 14%; empatando com bibliografias com também 14% e drama 6%. Aproximadamente 17% responderam que utilizam de acordo com o conteúdo, como na pergunta eles poderiam responder mais de uma opção¹¹⁰, entendemos que o filme é utilizado para complementar os assuntos dados, sendo assim, como um conteúdo a ser analisado pelos alunos e pelo professor.

Gráfico 12



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

Os gêneros de filmes são diversos e variados, eles estão sujeitos a constantes mutações e hibridações o que torna difícil atingir um consenso mesmo entre os especialistas. No geral o gênero cinematográfico reúne aproximações de diversas ordens entre as quais as narrativas e ou as temáticas.¹¹¹ Todo tipo de filme é objeto de análise para o historiador e pode ser utilizado em sala, o importante são os objetivos a que se propõe este uso. No entanto, muitos preferem os

¹⁰⁸ NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p.81

¹⁰⁹ Ver anexo 2, gráfico G15

¹¹⁰ Ver anexo 1.

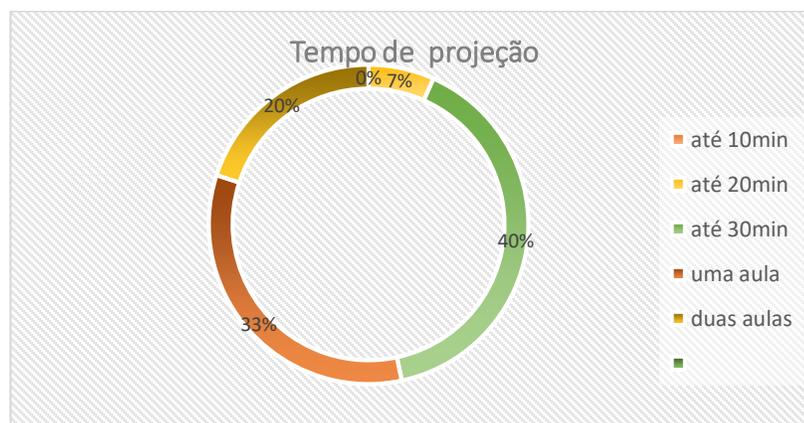
¹¹¹ NOGUEIRA, Luís. **Gêneros cinematográficos**. Covilhã: Labcom, 2010. P.3

documentários (23%) ou as biografias (14%) por entenderem que estes “estão mais próximos de uma verdade histórica”, como afirma o professor H1. Devido certa dificuldade em classificação dos gêneros apresentamos aos pesquisados as seguintes opções de gêneros de filmes: Ação – ex: Besouro, Aventura – ex: Coração Valente, Comédia - ex: Caramuru A Invenção do Brasil, Documentário - ex: João Goulart – Jango, Drama ex: -12 anos de escravidão, Ficção - ex: Parque dos dinossauros, Musical- ex: A Noviça Rebelde, Romance- ex: O Amante da Rainha, Bibliografia - ex: Lélia Gonzales.

Os gêneros passam por uma identificação genérica e esquemática, onde se deve levar em consideração os tipos de personagens, as situações encenadas, os tipos recorrentes, a cenografia, a icnografia, estilos e padrões da obra. A importância se estabelece para efeito de organização de uma cinemateca ou DVDteca para critério de críticas e escolhas do filme, ou seja, para uma paridade na sua avaliação¹¹².

Segundo os pesquisados o tempo de projeção do filme que estes utilizam em média até 20 min 7% , até 30min 40% uma aula, 33% duas aulas 20%. A maioria opta por assistir ao filme todo, ou seja, não definem um, aspecto a ser analisado, o que a incompreensão do filme com uma linguagem que traz dentro de si, várias possibilidades de estudo.

Gráfico 13



Fontes: Gráfico produzido pelo autor a partir dos dados coletados.

112 NOGUEIRA, Luís. **Gêneros cinematográficos**. Covilhã: Labcom, 2010. p.4-8.

Percebemos que o professor está acostumado com o planejamento das atividades, para o trabalho com filmes este planejamento deve ser específico por si tratar de outra linguagem, de um produto que geralmente não foi feito para a sala de aula, ou seja, o filme além do conteúdo poder ser explorado em outros aspectos que venha a colaborar para a construção do conhecimento histórico.

A utilização da narrativa fílmica é importante, pois segundo Chartier¹¹³ a história pode utilizar diferentes modos de escrita e registros de relatos, o filme nesse sentido compreende-se como esse fazer narrativo utilizado em sala de aula.

2.2 Os desafios no uso do filme em sala de aula

Um dos primeiros desafios no uso do filme em sala de aula está na distinção entre aula e diversão. Em geral, os alunos vão para a escola para assistir aulas, para aprender conteúdos e ao cinema para se divertir. Nesse sentido, cabe ao professor estar preparado para estabelecer situações de aprendizado de forma diferenciada da aula dita expositiva.

Apontamos que o ensino e o filme são duas linguagens com suas especificidades que devem ser levadas em consideração no momento do uso do filme, em sala de aula. A linguagem do ensino é, em geral, de confirmação, clareza e objetividade e normalmente previsível. A linguagem do cinema apresenta muitas possibilidades de interpretação, precisa ser preparada, para atingir o objetivo da aprendizagem¹¹⁴.

Quando o professor anuncia que vai utilizar o filme em sala de aula, a reação dos alunos é a mais diversa, segundo a nossa pesquisa com os professores da educação básica de São Luís. Para tentar entender como o professor estabelece esta relação entre estudo e lazer, dentro do universo da nossa pesquisa, destacamos três relatos que consideramos relevantes.

Segundo um dos entrevistados, “a reação dos alunos quando é anunciada a projeção de um filme é de “uma certa euforia; acham que vão ao cinema. Esse momento precisa ser trabalhado pelo professor. O aluno ainda não está adaptado”¹¹⁵. Sem dúvida o professor precisa estar preparado para esta aula, como se prepara bem para as demais, o imprevisto e a falta de planejamento apontam

¹¹³ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av. São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

¹¹⁴ Salto para o Futuro: TV e informação na educação / **Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998, p. 24 – 26.

¹¹⁵ Entrevista concedida pelo professor Nilson em 1 de Dezembro de 2016.

para esta reação, de euforia dos alunos. Os jovens pelo menos das regiões metropolitanas (local de nossa pesquisa) vivem no mundo acessível e muito inseridos pelas imagens, pelos vídeos e pelos filmes comerciais no geral. O acesso através dos *smartphone* (um dos aparelhos com capacidade de reprodução e gravação de vídeos), e o número de pacotes de projeção de filmes até mesmo de graça como da Netflix (serviço *online* que permite ao usuário assistir e baixar uma ampla variedade de serviços de TV, filmes e documentários), populariza cada vez mais o acesso aos filmes e documentários.

Segundo a professora Fernanda¹¹⁶ “geralmente cria-se uma expectativa positiva, mas dependendo do filme, expressam pouca motivação”. Uma das questões presentes na concepção de alguns alunos, no uso do filme em sala de aula, está em uma forte incidência a reprodução de “certa situação psicossocial”, adquirida com o hábito de assistir filmes no cinema ou em casa. O papel e a preparação do professor abrangem criar intervenções para a própria reação dos alunos diante do filme. A preparação dos alunos antes e o desdobramento articulado a outras atividades, textos e fontes¹¹⁷ e um ponto fundamental para atingir o conhecimento histórico.

Para o professor Josué¹¹⁸ “muitos não querem aprender. Não é fácil trabalhar a partir de músicas, filmes. Se não for algo do cotidiano é difícil eles quererem ver”. Ensinar História não é tarefa fácil, cada professor deve procurar a melhor maneira de levar o aluno ao aprendizado do conhecimento histórico. O uso de diversas linguagens como o uso de filmes está dentro desta proposta de procurar à aproximação dos conteúdos estruturantes da disciplina de História e o mundo dos jovens, influenciados pelo presente. Dito de outra forma o fazer histórico está em permanente mudança, assim como o exercício pedagógico¹¹⁹.

Um segundo desafio, no uso de filmes que elencamos foi a decisão na escolha do filme a ser utilizado. Em geral os professores escolhem o filme de “acordo com o que está sendo trabalhado ou que tenha relação com o assunto trabalhado”. A questão é que em geral o filme não foi produzido para uso em sala de aula, cabendo ao professor adequação do mesmo dentro do seu horário de aula. Os filmes mesmos os mais comerciais trazem sempre possibilidades de uso na sala de aula. Cabe ao professor levantar questões como: qual o uso possível deste filme? Como posso

¹¹⁶ Entrevista concedida pelo professor Fernanda em 01 de Dezembro de 2016.

¹¹⁷ NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 14

¹¹⁸ Entrevista concedida pelo professor Josué em 01 de Dezembro de 2016.

¹¹⁹ KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto. 2010, p.8.

abordar dentro do meu planejamento? Qual a relação dos meus alunos com o filme? são questões que viabilizam a sistematização do uso do filme em sala de aula¹²⁰.

Dentro do universo de nossa pesquisa, apontamos o depoimento do professor Nilson¹²¹ que coloca “primeiro, faço uma análise do assunto e procuro um filme que tenha relação com o assunto, depois consulto a turma sobre a proposta de uso do filme”. O planejamento da atividade fílmica é um ponto fundamental. Assim como o livro didático traz o conteúdo pré-estabelecidos e de acordo com o currículo nacional, o filme escolhido deve ter relação com o assunto que está sendo estudado. Entretanto o professor precisa entender que o filme é outra linguagem, com suas especificidades como tratamos nos capítulos anteriores e não um texto histórico com início, meio e fim, ou seja, o filme pode começar do fim para o começo não há uma única forma.

Com efeito, os filmes naturalistas como os hollywoodianos, criam a ilusão de estarem diante de fatos reais e históricos, é apresentado como uma a interpretação verdadeira do fato¹²². O planejamento de todas as etapas do filme e a preparação da turma para o entendimento de que o filme é outra linguagem, pode ser apresentado como mais uma possibilidade de estudo, uma construção que por traz, pois, o olhar de um diretor/produtor.

Percebemos no levantamento dessa pesquisa que, a utilização dos recursos disponíveis nas escolas é outro problema enfrentado pelos professores. A professora Lucia¹²³ destaca, que “a falta de aparato na escola, acaba fazendo com que percamos muito tempo”. Esta situação está relacionada com a falta de investimentos na educação brasileira. Muitas escolas públicas só possuem o quadro e pincel para a aula do professor. Dessa forma, muitos professores utilizam os seus próprios recursos como tvs, Datashow, computadores para apresentarem uma aula diferente, como coloca a professora Lucia ao se referir as vantagens do uso do filme; uma das “vantagens, do uso do filme em sala é sair da aula só no quadro e, na minha concepção o aluno aprende mais”. A falta de recursos como outras questões que entram o ensino fazem parte do arsenal de coisas que o professor tem que lidar, por isso o planejamento e preparação do local de projeção, observando-se os limites e as possibilidades técnicas, serão fundamentais para viabilizar ou prejudicar a aula com o uso do filme¹²⁴.

¹²⁰ NAPOLITANO, op.cit.p.12.

¹²¹ Entrevista concedida em 01 de Dezembro de 2016.

¹²² BERNART, J, C; RAMOS, A, F. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo: Contexto,1988. p.15.

¹²³Entrevista concedida em 23/11/16.

¹²⁴ NAPOLITANO, op. cit. pag.18.

2.3 A decisão de não adotar o filme em sala de aula

No universo de nossa pesquisa 50% dos entrevistados responderam que não utilizam o filme em sala de aula. Os motivos principais são: a diferença entre o tempo do filme e o tempo da aula, a dificuldade em adquirir o filme, poucos recursos disponíveis na escola e a falta de qualificação do professor para realizar esta tarefa.

Sobre a diferença do tempo do filme e o tempo da aula, no universo da pesquisa encontramos uma preocupação de mais de 90%, dos entrevistados, como a do professor Paulo.¹²⁵ “Esse é o grande desafio, filmes tomam bastante tempo, e o recorte nem sempre é uma saída, então geralmente solicito horários dos colegas para que os alunos assistam todo, o filme”. Essa questão também demonstra a preparação do professor para o trabalho com filmes em sala de aula. No planejamento a questão do objetivo que se pretende alcançar com a projeção do filme deve ficar bem clara, para que a aula não caia na, “aula enrolação”, no improvisado ou não leve ao desinteresse do aluno.

Definido com clareza o objetivo, como coloca a professor Marcos¹²⁶; “Assistir ao filme, se apropriar da discussão que se pretende estabelecer com os alunos, elaborar um roteiro para direcioná-los, e por fim, discutir em sala e pontuar o que for interessante”. No início, a professora também relatou que indica os filmes que irá usar no planejamento anual. O fundamental é o professor lembrar que o filme não é uma narrativa histórica, é uma linguagem que pode ser utilizada de várias formas e aspectos (como apresentamos nesse trabalho) e que assim como os conteúdos do livro didático, o professor, não pode apresentar todo o conteúdo em função do tempo da aula, obter por certos recortes¹²⁷ certas escolhas que atendam os objetivos traçados para atingir o conhecimento histórico.

Outra questão que apareceu nas entrevistas com os professores, foi a dificuldade de aquisição dos filmes. Como na fala do professor Cirilo, quando perguntado quais as vantagens e desvantagens na utilização do filme em sala de aula, sua resposta foi: “A escola oferece minimamente condições, com algum poucos recurso. Baixo o filme da internet ou os próprios alunos fazem isso.

¹²⁵ Entrevista concedida em 01 de Dezembro de 2016.

¹²⁶ Entrevista concedida em 01 de Dezembro de 2016.

¹²⁷ KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 29.

O filme acaba materializando o discurso através das imagens, uma desvantagem é a organização, precisamos de muito tempo, para fazer e também o agendamento da sala, essas dificuldades levar a não projetamos o filme”. São algumas das questões que o professor enfrenta, ao decidir utilizar o filme em sala de aula, provavelmente pela falta de compreensão das secretarias em dar suporte e condições para o professor, em termos de materiais e recursos.

Outro aspecto é que os filmes em geral, utilizados pelos professores em suas aulas não foram produzidos para fins didáticos, foram produzidos para atingir um mercado amplo e comercial, cabendo ao professor transformá-los em materiais para serem usados em sala de aula¹²⁸.

A falta de recurso, como demonstra a fala da professora, Lucia¹²⁹; “a falta de aparato na escola, acaba provocando a perda de muito tempo, isso desestimula o uso do filme pelo professor”, acaba demonstrando que a preservação e substituição dos aparelhos precisam ser feitos. No universo da pesquisa com os professores de cinco escolas, apenas uma não possui nenhum recurso no momento, isso porque foram roubados. As outras quatro possuem pelo menos um aparelho de tv (com acesso a pendrive), retroprojetores e sala para projeção. Entretanto o agendamento não é muito fácil, o que ocasiona o desestímulo ou o uso do seu próprio material para a projeção.

O estudo com o uso de recursos como o filme tem tido dificuldade de aceitação no turno noturno onde a maioria das turmas é da modalidade EJA. A diversidade generalizada de crenças e valores, bem diferenciada em termos de experiência e práticas, pois muitos estudam no modelo tradicional e ao voltarem a estudar se sentem desconfortados com práticas e atividades diferenciadas da prática do quadro e do giz (pincel), o que acaba se transformando em um distanciamento das atividades em grupo e da aprendizagem. Uma estratégia para o uso de filmes nessa modalidade seria através da opinião (oral ou escrita), a respeito de um filme¹³⁰. Essa situação pode explicar a pouca prática e aceitação do uso de filmes entre os professores do turno noturno.

O professor deve incentivar a leitura e a análise dos diversos aspectos do filme para conseguir resultados mais significativos na aprendizagem. O filme, compreendido como objeto de análise, traz consigo aspectos que ultrapassam os objetos de quem o criaram, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica. Sua utilização como recurso didático pressupõe um

¹²⁸ BITTECOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortês, 2009. P.297.

¹²⁹ Entrevista concedida em 23 de Novembro de 2016

¹³⁰ O primeiro caderno, alunas e alunos da *eja*. portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf. p.20 – 21.

exercício crítico, no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para a discussão de comportamentos, visões de mundo e identidade de uma sociedade em dado momento histórico.

CAPÍTULO 3 - GUIA TEMÁTICO DE FILMES MARANHENSES

Neste capítulo apresentaremos ao professor de História uma seleção de filmes que podem ser trabalhados na sala de aula. Nesse sentido, como recurso didático, iniciaremos com a apresentação de resumos analíticos dos filmes selecionados seguidos de sugestões de como podem ser trabalhados em sala pelo professor. Os critérios adotados para seleção dos filmes para compor este material são, basicamente, por serem produção maranhense ou que abordem temáticas relacionadas à historicidade local. Outro critério que adotamos foi o de acesso aos filmes. Escolhemos os que estão disponíveis na internet e, em geral, possíveis de serem projetados para serem utilizados em uma aula, total ou parcialmente.

Para efeito de organização, este guia, inicialmente, apresenta informações técnicas sobre os filmes, a partir de dados coligidos em jornais, *blogs*, *sites*, artigos e materiais de divulgação. Em seguida faremos um resumo analítico destes, dando destaque a algumas partes. Para depois apresentarmos uma abordagem onde analisamos aspectos conceituais e temáticos como sugestão para o uso do filme e finalizamos indicando alguns textos ou livros para o aprofundamento dos temas pelo professor. Contudo, reiteramos que o filme, por ser uma linguagem, possui muitas possibilidades de uso e adequação à linha e procedimentos escolhidos pelo professor.

É importante frisar que o número de filmes, documentários e *sites* indicados nos guias do professor nos livros didáticos é muito grande. Alguns trazem listas dividindo-os por período, faixa etária, temática, dentre outros critérios. Diante dessas possibilidades optamos por indicar filmes que, no geral, não foram indicados pela mídia ou pelo mercado, aspectos que, como percebemos influenciam muito a escolha do professor.

Dessa feita, priorizamos a História do Brasil e do Maranhão, a fim de aproximação maior entre a realidade e as práticas sociais e culturais nas quais o alunado está inserido¹³¹. Como há diferenças de conteúdos entre os diversos livros didáticos optamos por não indicar o ano (série) específico em que o filme deva ser abordado, pois consideramos que este pode proporcionar diversas possibilidades de trabalho ao professor. Assim, indicamos o estudo através de temáticas e conceitos, que poderão ser primeiro trabalhados em aulas que antecedem a passagem dos filmes,

¹³¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.p.22

ficando a critério do professor decidir quais conceitos e temáticas serão mais pertinentes a seu planejamento.

Achamos pertinente, também, trazer a proposta de Napolitano¹³², que propõe: pensar no emprego do filme dentro de um planejamento geral, selecionar sequências de filmes a serem trabalhados, procure informações sobre o filme, sonde a cultura audiovisual dos alunos. Na segunda fase: indique o filme para os alunos assistirem antes na íntegra, forneça um roteiro de análise (tema, o que gostou, o tema, sobre os personagens, a cor e a música, os eventos tratados, faça uma síntese), selecione textos de apoio, forme grupos para discussão dos relatórios (sínteses), organize uma síntese dos discursos relacionando com o conteúdo histórico. Na terceira etapa, chamada pelo autor de procedimentos. No primeiro momento pesquisar informações sobre a produção e seu contexto, sobre o diretor e a equipe técnica, atores e interpretações, o impacto da obra no seu tempo: bilheteria, crítica, prêmios, polemicas, etc.

Nesse sentido, selecionamos alguns filmes onde procuramos abordar aspectos históricos e apontando possibilidades de estudo por meio de alguns conceitos e temáticas, procurando uma aproximação com o conhecimento histórico. Não estamos propondo uma decomposição dos filmes (análise, crítica e recomposição), mas a utilização do filme como metodologia de estudo que, aliado ao livro didático e aos conhecimentos históricos do professor, pode proporcionar a produção de novos conhecimentos, ensinamentos, pesquisas, elaboração de novos textos e aprendizado dos alunos e dos professores, ou seja neste guia procuramos primeiro apresentar uma sinopse do filme, em seguida alguns comentários e sugestões de leituras com indicações de livros, monografias ou textos históricos, sobre os temas e ou períodos que o filme retrata. Para atender a esta proposta, apresentaremos a seguir os onze filmes que escolhemos, os quais acreditamos que abrangem os diversos períodos históricos, estudados no ensino médio.

¹³² NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.p.79- 94

UPAON-AÇU, SAINT LOUIS, SÃO LUIS¹³³

Sinopse: Filme com direção de Joaquim Haickel, roteiro de Iramir Araújo, direção de animação de Beto Nicácio, utilizando a linguagem de desenho animado com duração de 10min. A partir de pesquisas em livros sobre a ocupação francesa de São Luís, em 1612 os diretores retratam vários locais, como a Praia de Jevieré, atual avenida Ferreira Gullar, o estabelecimento dos franceses em São Luís, o contato com os indígenas e a luta com os portugueses na batalha de Guaxenduba, em 1615.

Alguns comentários: O filme é uma história contada por um padre a um menino. Descreve a chegada dos franceses em três navios, sendo assistidos e recepcionados pelos indígenas. Daniel de La Touche, dizia estar a serviço do Rei da França. Os franceses se estabeleceram na confluência de dois rios, em 8 de setembro de 1612, onde ergueram um forte, chamado de São Luís. Foram levados por Davi Migão, um gaulês que vivia entre os índios até o cacique Japiáçu. A luta pela expulsão dos franceses foi chamada de Jornada Milagrosa. Os portugueses arregimentaram índios e ao lado de Guaxenduba, montaram o forte Santa Maria. Na batalha foram usadas armas de fogo e espada pelos portugueses e franceses e arcos e flechas pelos indígenas. Os portugueses ficaram sem munição, quando entra em cena Nossa Senhora e transforma areia em pólvora, mudando o destino da batalha. Com os portugueses quase sem munições e os franceses de moral baixo pelas grandes perdas humanas, foram tentadas várias tréguas sem resultado. Quando chegou uma nova frota portuguesa comanda por Alexandre de Moura e conseguiu expulsar os franceses. Jeronimo de Albuquerque assumiu como o primeiro governador do Maranhão, em 1615, e um engenheiro iniciou o traçado da cidade. O filme termina dizendo que estes foram os eventos que culminaram na fundação de nossa cidade São Luís.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: aborda o período colonial brasileiro e a ocupação francesa em São Luís. O filme narra a fundação de São Luís, no século XVII. Podendo ser abordados os conceitos e temáticas sobre: a França Equinocial; Colonizadores e colonizados;

¹³³ Produção Fundação Nagib Haickel e a Guarnicê Produções, São Luís: Dupla Criações. 2012. videocassete (10min). VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=13FY7W8thgA>> Acesso em:16 jan 17

Fundação ou ocupação de São Luís; Mudanças e permanências na cidade de São Luís; A construção da tradição francesa de São Luís e a falta de representações dos indígenas ligados a este evento. Indicamos como leitura: CORRÊA, Helidacy Maria Muniz. **“Para aumento da Conquista e bom governo dos moradores”**: o papel da câmara de São Luís na conquista, defesa e organização do território do Maranhão (1615-1668). Niterói, 2011. 299 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2011. DAHER, Andrea. O Brasil francês: as singularidades da França equinocial (1612-1615). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SEBASTIANOS: OS NARRADORES DA ILHA DE LENÇÓES¹³⁴.

Sinopse: Documentário feito por Claudio Rodrigues para sua tese de doutorado em Letras pela UFRJ¹³⁵, com apoio do CNPq, em 2010. Através de depoimentos e apresentações das manifestações populares, a comunidade mostra a crença no encantamento de Dom Sebastião, monarca português que tendo desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, teria navegado até essa ilha e lá fundado um reino submerso no areal, tornando-se um encantado em tambor de mina.

Alguns comentários: O documentário faz uma panorâmica pela ilha dos lençóis em Cururupu. Através de depoimentos de moradores, relata a influência mística de Dom Sebastião na ilha. O primeiro depoimento é de Maneco, Pajé da ilha, que relata que Dom Sebastião fugiu de uma guerra na África e quando chegou na ilha se encantou, as vezes parece uma pessoa, um pássaro, um negão um touro. No depoimento de seu Chico, ele relata que Dom Sebastião veio à ilha para descansar, pois não queria dar o reino para o seu sobrinho. Quando espetou a espada se encantou. Segue os depoimentos de Maria Tereza, pajoa, Ribamar cantor e compositor e Dona Mini, matriarca do local, todos tem uma história sobre as aparições de Dom Sebastião. A influência mística e sincrética na cultura local é apresentada nos depoimentos seguintes. Picha, Rosa e Dunga, falam sobre a brincadeira de boi local e a relação com o misticismo de Dom Sebastião. O tambor de mina, e apresentado como uma manifestação resultante do encantamento de Dom Sebastião. A vida na comunidade e as brincadeiras das crianças finaliza o documentário, mostrando que deste de criança

¹³⁴ Produção Claudio Rodrigues. 2010 vídeocassete (30min). VHS, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XkBEFTZjHRc>>. Acesso em 17 jan. 2017

¹³⁵ Disponível em: <<http://www.portaldepoeticasorais.com.br/site/textos/TESE%20ilha%20da%20encantaria.pdf>>.

a preservação da encantaria de Dom Sebastião é incentivada, preservando e passando de geração para geração.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período colonial, a fase conhecida como União Ibérica (1580 – 1640), período em que ocorreu a união das Coroas Ibéricas (Portugal e Espanha). Após a morte de D. Sebastião na batalha de Alcacer Quibir, no Marrocos, na África. O trono de Portugal ficou vago, sendo conquistado por Felipe II, rei da Espanha. O corpo de D. Sebastião nunca apareceu, dando margem para o surgimento de mitos e lendas, como a que ocorre na praia dos lençóis no Maranhão. Indicamos como sugestão de leituras: FERRETTI, Sérgio. **Encantaria Maranhense de Dom Sebastião. Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 262-285, jun. 2013¹³⁶. HERMANN, Jacqueline. **Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas**. Topoi, Rio de Janeiro, p. 108-133, dez./2002¹³⁷.

A PEDRA E A PALAVRA¹³⁸.

Sinopse: É um documentário que, narra a vida e a obra do padre Antônio Vieira. São vários depoimentos de pesquisadores de Portugal e do Brasil, produzido por Joaquim Haickel e Coi Belluzzo. O longa metragem foi produzido em 2014, com duração de 1h20 minutos, mostra o “decorrer de sua longa vida de missionário, político, bandeirante e profeta do V Império. Uma abordagem nova e esclarecedora do pensamento de um dos maiores génios da história luso-brasileira”¹³⁹. O filme é ganhador do, 18º Festival de Cinema de Avanca 2014 – encontro internacional de cinema, televisão, vídeo e multimídia.¹⁴⁰

Alguns comentários: O filme partiu de uma ampla pesquisa, com entrevistas de 22 pesquisadores nas cidades de Salvador, São Luís, São Paulo, Lisboa e Avero. Foram consultados arquivos de Igrejas, bibliotecas públicas e Universidades, no Brasil, Portugal, Itália e na França. Viera é citado como “um homem de uma inteligência superior, obsessivo, exagerado, acreditava em Deus,

¹³⁶ Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19>. Acesso em: 24 Fev. 2017.

¹³⁷ Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a4.pdf. Acessado em: 24 Fev. 2007

¹³⁸ Produzido por Joaquim Haickel e Coi Belluzzo. São Luís. 2014. Videocassete (1h20min). VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vf3ICTOYvc>. Acesso em 01 fev. 17

¹³⁹ Disponível em: http://www.teatroaveirense.pt/evento_detalhe.asp?id=1852 . Acesso em: 01 fev. 17

¹⁴⁰ Disponível em: <http://jornalpequeno.blog.br/brunoleone/tag/a-pedra-e-a-palavra/> .Acesso em: 01 fev. 17.

místico, político, professor, educador e missionário, orgulhoso, visionário, pensava o mundo, fez cartas, pareceres, sermões, sistematizou a língua portuguesa escrita, são alguns dos atributos que os entrevistados atribuem a Vieira. O pesquisador Antônio Abreu relata que Vieira nasceu em Lisboa e aos sete anos, um homem que dizia ser o seu pai, apareceu para levá-lo com a sua mãe para Salvador na Bahia. Ele estudou no colégio dos jesuítas (sem ser um aluno brilhante) e ao final dos estudos quis continuar a ser jesuíta. Vários depoimentos demonstram a formação e atuação da Companhia de Jesus (ex: João Hansen e Sebastião de Abreu), o termo companhia permanece, o modelo é militar, o seguidor é um soldado de cristo. A Companhia obedecia às ordens de Roma, mas ao mesmo tempo faz o jogo português da conquista. O filme mostra alguns sermões (interpretados pelo ator maranhense, Urias Oliveira), demonstrando as concepções religiosas e políticas, contidas nestes. Para Vieira, o pensamento religioso e político não poderia se separar do poder e o que afirma o Historiador Alcir Pécora. Outro aspecto a ser abordado são as conquistas holandesas no Brasil, Vieira viu a cidade ser ocupada, ele escreveu a Carta Ânua, onde faz este relato, acompanhou de longe a ocupação a Pernambuco. Houve certa facilitação da ocupação de Pernambuco (Antonieta D`Aguiar). Os entrevistados relatam a importância do açúcar para a economia de Portugal e do Brasil e sobre a participação dos cristãos novos (judeus convertidos) nesse evento, destaca o Historiador Ronaldo Vainfas. Vieira com suas posições foi se desgastando os seus inimigos quase conseguem expulsá-los da ordem jesuítica só não conseguindo por interferência de D. João IV. Em 1653, chega ao Maranhão, o homem que comia com os príncipes e frequentava as em baixadas, andava vestido a fidalgo, agora vai comer caranguejo com farinha de pão, vai viver entre os homens mais primitivos da terra, segundo o depoimento do pesquisador Antônio Abreu Freire.

O Estado do Maranhão e Grão-Pará era inóspito e hostil, poucos colonos e milhares de índios. Os padres bandeirantes e predadores de índios, eles matavam muitos índios (Felipe Andrés), a tese colonialista defendia que o índio era animal. Antônio Vieira defendia que era gente bestial, boçal, que tinha que aprender a recuperar a memória de cristo. A importância dos escravos, para o colonizador. Para Vieira os escravos eram livres, só os escravos de outros índios deviam ser escravizados, os demais deviam servir ao rei como súditos. Vieira convenceu-se que o Portugal, através do Rei iria mandar o quinto Império. Forte influência das ideias de vinda do Rei Dom Sebastião. Período de paz, prosperidade e religião no mundo (sermão da esperança). Denuncia os desmandos contra os pretos e reconhece que sem os pretos não há fartura. Sem Pernambuco, não

há, açúcar e sem Angola não há, Pernambuco. Participa de expedições territoriais, contribuindo com a expansão do Brasil e do Maranhão. Com a morte de Dom João, Vieira fica sem proteção. Os conflitos com os colonos ficam maiores, terminou preso no Pará e foi enviado para Portugal. O tribunal da inquisição o condenou. Ele é acusado de defender a ressurreição do Rei, Dom João IV, por ser judeu, por escrever coisas próximas das heresias. Foi condenado ao silêncio no Colégio dos Jesuítas. Quando consegui se liberar, procura o perdão do Papa. Voltou ao Brasil e deu fim à sua obra os sermões.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período colonial, século XVIII. Narra a figura do padre Antônio Vieira, sua trajetória no Brasil e seus sermões. Sugerimos o uso por partes, os 30 primeiros minutos, desenvolvem ideias e conceitos sobre a atuação dos jesuítas, os sermões de Vieira, a invasão holandesa, a economia açucareira. Os próximos podendo ser utilizados até mais trinta minutos, sobre a escravidão negra e indígena no Brasil, a situação econômica, política e social do Grão-Pará e Maranhão, a inquisição e a expansão territorial a partir do Maranhão, dentre outros. Como indicação sugerimos: Vainfas, Ronaldo. **Antônio Vieira: Jesuíta do rei** / Ronaldo Vainfas. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FURIA¹⁴¹.

Sinopse: O filme com direção e roteiro de Luiz Bolognesi, tem duração de 80 minutos, utilizando a linguagem da animação gráfica e, como dubladores os atores: Selton Mello, Camila Pitanga e Rodrigo Santoro. Traz em seu site oficial¹⁴², dicas para os professores trabalharem com cinema em sala de aula, sobre a linguagem cinematográfica e alguns temas que podem gerar debates, atividades, como; relação de trabalho, gênero, poder político, comoriano de violência, etc.

Alguns comentários: O filme a partir de uma perspectiva dos vencidos constrói uma história de amor entre um herói imortal e Janaina, que atravessa o tempo e a história, deste o período colonial brasileiro, abrange o período de ocupação dos portugueses e de confronto e massacre dos índios nativos dessas terras, passa por outro fato histórico, a Balaiada no Maranhão e mais tarde o período

¹⁴¹ Produzido por Luiz Bolognesi. Rio de Janeiro. 2013. Videocassete (80min). VHS, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBrQaUZmA0>>. Acesso em: 02 fev.2017

¹⁴² Site oficial: <http://www.umahistoriadeamorefurria.com.br/>

da ditadura civil-militar e finaliza em um Brasil imaginário construído como uma projeção do futuro, em 2096. O primeiro episódio é ambientado no período colonial, período de ocupação francesa no Rio de Janeiro, onde estabeleceram a França Antártica. O filme narra a luta de Abegué, contra o Império de Anhangá, signo da morte e da destruição. Inspirado na luta dos tupinambás contra os índios tupiniquins, no início da colonização portuguesa em 1565. Abegué morre e renasce no espírito de um pássaro que viaja pela história, aparecendo e desaparecendo, tentando salvar a sua amada Janaina. O segundo episódio, narra a guerra da Balaiada no Maranhão, 1838-1842. Continuando a partir de uma narrativa dos vencidos mostra aspectos da situação política econômica e social do Maranhão nesse período. O espírito de Abegué se manifesta através do personagem, Manuel Ferreira dos Anjos, Raimundo Gomes luta contra os desmandos do governo e junto com Carinã, Raio, Raimundo Gomes e Dom Cosme conquistam a cidade de Caxias, mas acabam sendo presos e mortos, com a reação do governo, que temia que aqui ocorresse o mesmo que no Haiti (A Revolta pela independência liderada pelos negros), através da ação mercenária do Duque de Caxias. No terceiro episódio, ambientado durante a tomada do poder pelos militares e a implantação da República Civil Militar. O Espírito de Abegué chega em 1968, época da guerrilha urbana, participa de um dos grupos estudantis que lutavam contra o regime, a Ação Democrática dos Estudantes. Ações como ataques a bancos, prisões, tortura, representam o enfrentamento ao regime e a ação da repressão no período. A narrativa continua apresentando o futebol e a anistia, quando o protagonista é liberado. No Rio de Janeiro, em 1980, onde participa da Falange Vermelha (facção criminosa no Rio De Janeiro), foi morto pela polícia, mas o corpo desapareceu. No quarto e último capítulo, o ambiente é futurista, o Brasil em 2096, onde o controle dos milicianos e a tônica, a questão principal é a luta pela água doce a principal fonte de riqueza. O filme deixa uma questão final, “Viver sem conhecer o passado é viver no escuro”.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda três períodos históricos distintos (colonial, Imperial e Republicano) e um fictício: pode ser utilizado em vários momentos históricos; o período colonial, onde apresenta o conflito entre grupos indígenas os tupiniquins e os tupinambás, no início da colonização portuguesa. No segundo momento a Balaiada no período regencial e no terceiro momento a guerrilha urbana, durante o período de ditadura civil militar no Brasil e remete ao debate sobre que país que queremos. O filme se propõe a narrar a história, a partir da perspectiva dos vencidos, lançando a proposta de pesquisa sobre, quem eram os vencidos e porque não estão

representados nos documentos oficiais, monumentos, nomes de rua e praças de nossas cidades. Também sobre o extermínio dos índios e os 300 anos de escravidão, deixados em nossa sociedade, até hoje. No primeiro momento, questões como a luta entre tribais, a ocupação francesa no Rio Janeiro (A França Antártica), e o massacre dos índios, são algumas sugestões. No segundo momento, A Balaiada no Maranhão, questões como a participação de vaqueiros, sertanejos, índio e negros na liderança desse evento, bem como a atuação repressiva do governo e a cristianização do herói D. Caxias em contraste com a não apresentação de monumentos e destaque para os líderes populares na História oficial e nos livros didáticos podem ser caminhos de estudo. No terceiro momento, a ditadura civil militar, como os estudantes reagiram à repressão e atuação do órgão de repressão como o SNI atuaram, o que movia os estudantes a lutarem contra o regime e as diversas facetas usados pelo regime como o futebol e a censura e o que se sabe sobre a ditadura no Maranhão. Indicamos como sugestões de leituras: CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania** no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. ASSUNÇÃO. Matthias Rohring. A Balaiada no Maranhão. São Luis.2008. **Outros tempos**, São Luís, Maranhão, v.5, n.6, dez. 2008. Sobre o regime militar no Maranhão, indicamos também os documentos sobre o regime militar no Maranhão¹⁴³.

LUÍSES– Solrealismo Maranhense¹⁴⁴

Sinopse: Produzido pelo grupo Éguas Coletivo Audiovisual, dirigido por Lucian Rosa, em 2013, com duração de 75 minutos, o filme narra problemas políticos e sociais em São Luís. Utilizando a ficção e o depoimento de pessoas comuns como pano de fundo para apresentar uma crítica social coletiva. Um exemplo está na música escolhida para finalizar, a serpente de Zeca Baleiro. “Rosa utiliza o mito da serpente que cresce adormecida nos subterrâneos da cidade e faz uma analogia com a mobilização popular. Neste contexto, o filme mostra a história dos vários Luíses que compõem a cidade, em especial a de Luís Calado, que no dia em que a serpente acorda, tenta se fazer ouvir”¹⁴⁵. O Filme apresenta depoimentos de jornalistas, moradores de rua e usuários do

¹⁴³ Fonte: <http://www.ma.gov.br/arquivo-publico-do-maranhao-recebe-documentos-sobre-a-ditadura-militar/>. Acesso em: 02 fev.17.

¹⁴⁴ Produção. Éguas Coletivo Audiovisual. São Luís. 2013. videocassete(75min). VHS, son., color disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCoVsMQOPFQ> . Acesso em: 02 fev.17

¹⁴⁵ Disponível em: <http://sinalverdecaxias.com/noticia/longa-metragem-retrata-vida-dos-ludovicenses>. Acesso em: 02 fev.17.

sistema público de saúde denunciam o descaso no poder público no reduto da família Sarney. “O filme está falando, oficialmente, da corrupção no Maranhão”, diz Rosa.¹⁴⁶

Alguns comentários: O filme inicia lançando a questão do mito da serpente e aludindo ao dia em que ela acordar (reverencia ao povo de São Luís), mostra a situação da saúde (o Socorrão 2) e como fundo trechos do filme, Maranhão 66¹⁴⁷, critica a situação estrutural da cidade, denunciando a falta de ambulância na cidade(apenas uma), mostra a dificuldade de locomoção através do transporte público, enquanto a música faz referência a Jamaica brasileira¹⁴⁸, mostrando um picolezeiro, que veio da roça para tentar um trabalho melhor na capital e remete a pouca mudança ao logo do tempo, na situação da capital, como a presença de moradores de rua , vivendo nas praças. Um jornalista denuncia os conflitos de terra e o latifúndio, que colaboram para o aumento da população da capital e em uma abordagem ao ex-prefeito João Castelo pergunta sobre o plural de Luizes? e deixa a pergunta no ar, o que dizer dele? Mostra a cultura do tambor de crioula e aluta pela preservação dessa manifestação cultural. Mostra um candidato fictício e suas promessas, para melhorar a cidade. Apresenta mais uma denúncia, contra a situação de moradia e pobreza, e como exemplo, mostra a situação da Vila Apaco. A falta de estrutura, saneamento e assistência e enfaticamente apresentada. A população se organiza e procurar reivindicar enfrente a prefeitura, de onde recebe promessas de melhorias e o atendimento de algumas reivindicações como na área dos transportes públicos. O jornalista lembra que a lei de terra, feita no governo Sarney, só aprofundou os conflitos de terra e beneficiou os latifundiários. Outra vila mostrada e a Vila que fica no Bairro da Camboa onde mostra a situação dos moradores palafitas, suas dificuldades e as crianças brincando na maré. No seu final remente a seguinte reflexão: o povo deve esperar mudanças a partir de um político ou procura luta por sua propria conta?. Mostra também a oligarquia Sarney, Lula, primeiro contra Roseana Sarney e depois a favor da mesma. Conclui dizendo que o povo aprendeu que deve lutar por si mesmo. E deixa a questão: a serpente acordou ou vai acorda?

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: O filme pode ser estudando, principalmente os seus 30 primeiros minutos (se for utilizado dentro da proposta de uma aula) na abordagem da

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/as-vesperas-da-eleicao-filme-denuncia-o-maranhao-real-2892.html>. Acesso em: 02 fev.17.

¹⁴⁷ Filme que mostra a posse de José Sarney a prefeito de São Luís em 1966, que falaremos mais a frente.

¹⁴⁸ Um codinome referente a São Luís, cidade do reggae e da negritude.

questão social e política atual, na atuação das oligarquias e os reflexos de suas políticas para a população e na participação dos indivíduos na História. No assunto Introdução à História pode servir para o debate sobre que é que faz a História? A atual situação nas comunidades de São Luís e do Maranhão negociada nos textos oficiais e livros didáticos e na aproximação dos alunos com a realidade local procurando não negligenciar e/ou escamotear a situação local, muitas vezes, o cenário internacional é apresentado com objetivo de não se procurar entender a nossa realidade. Como sugestões de leituras, indicamos: Guilhon, Maria Virginia Moreira. "Sarneismo no Maranhão: os primórdios de uma oligarquia." **Revista Políticas Públicas** 11.1 (2015): 125-148.

AÍ QUE VIDA¹⁴⁹.

Sinopse: Com produção e direção de Cicero Filho, o filme feito em 2008, se reporta a uma cidade fictícia. Em meados dos anos de 1990, a cidade de Poço Fundo (fictícia), no interior do Nordeste está vivendo um verdadeiro caos em sua administração pública. O prefeito Zé Leitão é um corrupto de mão cheia, capaz de tudo pelo dinheiro e o egoísmo é a sua principal característica. Zé Leitão já governa Poço Fundo há quatro anos, mas nada fez pela cidade em seu mandato. A população não consegue enxergar as coisas ruins que o prefeito faz. São iludidos com as falsas palavras de Zé Leitão e pelos "programas sociais" que são realizados em seu mandato. A microempresária Cleonice da Cruz Piedade se revolta com os absurdos administrativos de seus governantes, e decide "acordar" o povo sobre a real situação da cidade, lutando pelos direitos do povo e consegue arrastar multidões para ouvir seus discursos, tornando-se assim querida por toda a população.¹⁵⁰.

Alguns comentários: O filme mostra através da comédia uma questão séria que ocorre em vários locais principalmente nas zonas rurais como no interior do Maranhão e na política em geral. Trata da compra de votos e da administração fraudulenta que ocorre em algumas prefeituras, com o desvio de verbas e superfaturamento. Também demonstra como alguns políticos agem no seu dia a dia. Outros aspectos e a parte cultural no aspecto da linguagem e do cotidiano de alguns interiores do nordeste do Brasil. É utilizada a comédia e a sátira para fazer a denúncia sobre as condições

¹⁴⁹Produção Cicero Filho. Maranhão. 2008. videocassete(1h30min). VHS, son., color.

Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=mBdRWFxg9Kc>. Acesso em: 02 fev.17.

¹⁵⁰ Texto publicado em 21 de setembro de 2016, no site do YouTube., onde o filme está disponível.

estruturais das cidades do interior. A situação da falta de infraestrutura, da falta de transporte público (mostra o uso do pau de arara, transporte na carroceria de veículos e que atualmente é proibido), o abandono da saúde (uma criança morre na porta do posto médico), o trabalho infantil (crianças nas rodoviárias vendendo diversos produtos), e a falta de ações dos órgãos públicos (prefeituras, principalmente), na solução dos problemas. A disputa eleitoral entre o atual prefeito (Zé Leitão) e a microempresária (Cleonice da Cruz Piedade) e acirrada com as denúncias de desvio de verbas e corrupção (até caixões são superfaturados), mesmo assim as promessas continuam. No final a candidata de oposição é eleita representando que o povo que é quem pode lutar por mudanças. Mesmo com toda falta de assistência, o filme mostra a felicidade do povo com suas manifestações populares (festivais de dança) e como a única grande diversão da cidade o parque de diversões. O filme traz um triângulo amoroso entre Gerode, filho da candidata à prefeita de oposição ao prefeito e do vereador da cidade, aliado do prefeito é quem participa da corrupção e desvio de verbas, Valdir, que representa um jovem rico (tem um carro) e Charlene que participa ativamente da vida da cidade como voluntária na casa filantrópica. O cordel é usado para falar sobre questões de vida local, nos botecos onde muitos frequentam e nas festas. A população lava as roupas nos rios, mas aos poucos vai tomando consciência que pode modificar através das eleições a sua situação.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período republicano, pode ser utilizada em diversos momentos do estudo sobre o Período Republicano, a ação dos governantes, o voto de cabresto e sobre o cotidiano local. Ao estudar as ações dos governos, levantar questões sobre as mudanças e permanências na política, na consciência e ação popular e o papel do indivíduo na história. Como tema transversal, pode-se debater a questão do poder público e a situação de abandono das populações, a representação política no Brasil, a operação lava jato. Como sugestão de leitura indicamos: Breve História da Corrupção no Brasil, disponível em : <http://www.contracorrupcao.org/2013/10/breve-historia-da-corrupcao-no-brasil.html#more>. Acessado dia 03/02/17.

MARIA ARAGÃO E A ORGANIZAÇÃO POPULAR¹⁵¹ .

Sinopse: O documentário realizado em 2014, com duração de 52 minutos, contou com a direção de Ana Carolina Soares, Roteiro de Daniel Castro, locução da atriz maranhense Maria Ethel, música do cantor maranhense Cesar Teixeira¹⁵² e da Favela do Samba, escola carnavalesca que a homenageou em 2007. O documentário narra a trajetória da mulher, negra e militante comunista, seus empates políticos e sua atuação no Maranhão. Revela aspectos da política no período getulista, da ditadura civil militar e na política local. Fiel às lutas do povo, Maria não só denunciou as terríveis formas de exploração do Brasil profundo, por meio do jornal Tribuna do Povo, como colaborou para a organização dos trabalhadores contra todas as formas de opressão. Corajosa, não se deixou intimidar nem pelas ameaças de morte e nem pelas cinco vezes em que foi presa e torturada, - uma vez em plena democracia, em 1951, e as outras quatro durante a ditadura civil militar. A notícia da morte de Maria Aragão, aos 81 anos, foi recebida com espanto e comoção pelo povo maranhense, pois era uma mulher reconhecida por sua grande vitalidade e energia para luta. Figura lendária, tal como Manoel da Conceição, Maria parecia imortal. Em seu velório e enterro, foi homenageada com as honras de heroína por aqueles com os quais sempre lutou. Morreu pobre como nasceu, mas deixou uma grande riqueza para o povo sua trajetória de luta, cheia de ensinamentos: nunca se desvincular do trabalho de base, saber ouvir e sempre apoiar as lutas do povo, com lealdade, ética e coragem.¹⁵³

Alguns comentários: O filme inicia narrando o dia do nascimento de Maria Aragão, em 10 de fevereiro de 1910, um dia de carnaval. O pai era descendente de negro africano, seu pai era guardafios da companhia de telégrafos, profissão que não existe mais, a mãe era analfabeta, alegre e voluntariosa, tinha de pensar pelas filhas não serem bonitas, cabelo, cor da pele. Veio de uma família pobre do baixo Pindaré para São Luís para estudar. A mãe, Rosa Camargo, dizia que a fome só ia desaparecer da sua casa se as filhas estudassem, assim foi feito todas se formaram. Como não tinha lanche, subia no banco e estudava geografia. Maria viveu num período onde a discriminação

¹⁵¹ Produção Editora Expressão Popular e a Escola Nacional Florestan Fernandes. São Luis. 2014. .vídeocassete (51.52min). VHS, son., color Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_x0q1A6HiPw. Acesso em: 03 fev.17.

¹⁵² Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/238172-1>. Acesso em: 03 fev.17.

¹⁵³ Disponível em: <http://www.maranhaodagente.com.br/prefeitura-de-sao-luis-lanca-documentario-sobre-maria-aragao/> . Acesso em: 03 fev.17.

era grande, estudou no Liceu Maranhense , no qual as mulheres faziam o normal, curso que não dava direito de se fazer o curso superior, depois veio a lei, artigo 91, que dava direito de que tivesse entre 18 e 27 anos de fazer o curso ginasial. Ela fez o curso e pegou o certificado. A luta pela vida: da medicina à política (1928 – 1945). Maria Aragão cursou medicina de 1935 a 1942, período da ditadura de Vargas, conheceu um grupo de maranhenses que foram para a ilha grande, na mesma pensão em que ela ficava. Teve uma filha em 1940, mas Clarice morreu de desinteira basilar, ficou bloqueada, não conseguia trabalhar com criança, procurou fazer ginecologia, no Hospital Miguel Couto, onde passou a ter contato com a “gente do povo”, passou a procurar ajudá-las. Ao haver uma palestra se embolou, “ele fala, que era comunista, falava no interesse do povo, como eu”. Decidi entra para esse partido. Prestes a mandou vir para o Maranhão para dirigir o Partido Comunista, o partido cresceu muito de 1945 a 1947. Por ter se exposto muito atraiu a revolta de vários setores como os padres, que a chamavam de prostituta. Teve uma forte atuação junto ao campesinato e passou a conhecer melhor a realidade do Maranhão. Casou-se como uma maneira de desmentir os padres. Em 1950, o Partido caiu novamente na ilegalidade, mesmo assim criou em 1955, a liga camponesa. Nesse período enfrentou a oligarquia de Vitorino Freire. Depois de discordância dentro do partido se afastou e foi surpreendida pelo convite de ir a URSS, onde viu e se encantou com o comunismo, na pratica e se empolgou para lutar pelo socialismo.

Foi trabalhar no posto de saúde do anil, onde fazia palestra nas casas sobre a falta de saneamento a grande causa das doenças. Com o golpe militar em 1964, foi presa no quartel de polícia do Estado, onde continuou a orientar os soldados e as suas mulheres na preservação de doenças, higiene, etc. Por isso era respeitada. Em 1970, foi nomeada medica do Governo do Estado, em bairro de periferia no João Paulo, foi presa novamente pela última vez. Ela incentivava as mulheres a procurarem sua independência e combater o machismo. Foi convidada pelo médico Dino, para trabalhar no hospital do câncer, período em que os hospitais não a queriam por ser comunista. Participou da campanha de anistia, na luta pela meia passagem, na luta pela denúncia da implantação da Alcoa. Rompeu com o PCB, em 1980. Participou da organização da CUT, local e nacional, se filiou ao PDT e apoio Brizola para presidente. Maria se aproximou muito dos artistas, ela era respeitada até pela oposição, motivou fundamental para ser homenageada pela favela, com o enredo, “ o Sonho de Maria”. Morreu em 1991. Em 2001, foi criado o Instituto, Maria Aragão. Com O objetivo de projetar Maria para as novas gerações. O memorial Maria Aragão recebe hoje

a visitação de estudantes e tem cursos de formação. Maria foi uma pessoa à frente do seu tempo. Um exemplo de resistência, coragem e ética (Maria Ethel).

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período Republicano . Sugestão de estudo sobre o período getulista, o vitorianíssimo e a luta contra a ditadura civil-militar, as lembranças e os esquecimentos sobre a ditadura no Maranhão. Como tema transversal, as condições das mulheres durante o período republicano até a atualidade e as condições de saneamento e a sua relação com a política. Indicações de leitura; Moreira Neto, Euclides. Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura. São Luís: Engenho, 2015. Disponível em: <http://www.secti.ma.gov.br/files/2015/12/Maria-por-Maria-Com-Capa.pdf>.

LITANIA DA VELHA¹⁵⁴.

Sinopse: Uma produção de Arlete Nogueira, direção de Frederico Machado, Gênero: Ficção, ano 1997, com 37 minutos. O filme narra a saga de uma senhora velhinha, que percorre ruas do centro de histórico de São Luís. Em Litania da Velha, o protagonista, a Velha, é uma representação da própria cidade de São Luís personificada. Cidade e pessoa se identificam marcadas pela metamorfose do desgaste do tempo representado metaforicamente pelo salitre¹⁵⁵.

Alguns comentários: A partir dos poemas de Arlete Nogueira¹⁵⁶, uma senhora idosa percorre algumas ruas do centro histórico de São Luís, onde podemos perceber a situação dos casarões. Antigas propriedades dos bares da cidade, hoje fazem parte de um acervo que deu a cidade o título de patrimônio cultural. O filme é uma denúncia contra as condições de vida dos idosos (no início do filme a condição de pobreza e desamparo da idosa e mostrada) e das condições de preservação dos Casarões (abandonados, sem estrutura e com risco de desabamento).

¹⁵⁴ - Produção de Arlete Nogueira. São Luís. 1997. videocassete(37min). VHS, son., color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=x0q1A6HiPw>. Acessado em 10/02.17.

¹⁵⁵ Disponível em:<http://arletenogueira.blogspot.com.br/> Acesso em: 03 fev.17.

¹⁵⁶ Poetisa contemporânea maranhense nasceu na estação ferroviária de Cantanhede, no interior do Maranhão em 1936. Onde iniciou seus estudos. Seu pai, Raimundo Nogueira da Cruz, foi Agente da Estação da Estrada de Ferro São Luís/Teresina e sua mãe, Enoi Simão Nogueira da Cruz, poetisa e cronista que escrevia com o nome literário de Márcia de Queiroz e autora de um livro. Poemas, organizado e publicado pela filha, em 1993, numa homenagem póstuma à mãe. A poetisa é casada com o poeta Nauro Machado e tem um filho Frederico da Cruz Machado. Fonte: <http://talvezalgumdia15.blogspot.com.br/2015/07/o-andamento-intencionalmente-vagoroso-em.html>. Acesso em: 03 fev.17.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Um dos temas importantes no estudo de história e quanto ao patrimônio histórico e lugares de memória¹⁵⁷. Na abordagem da Introdução a história ou ao abordar o tema do patrimônio histórico, poderia ser utilizado este documentário. Como tema transversal a questão da velhice e da falta de seguridade ao cidadão. Sugestão de leituras: CRUZ, Arlete Nogueira da. Lítania da velha. 2ª ed. São Luís: Lithograf, 1997.http://www.ppgcsoc.ufma.br/Revista%20UFMA/n1/n1_Marcia_Ferreira.pdf; ANTUNES FURTADO, Maria Sílvia. Lítania da Velha: a cidade e os esconderijos da memória. **Revista Garrafa**, [S.l.], v. 23, fev. 2017. ISSN 1809-2586. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7470/6000>>. Acesso em: 01/02/17.

MARANHÃO 66¹⁵⁸.

Sinopse: Com produção de Luiz Carlos Barreto¹⁵⁹, o filme narra a posse do de José Sarney ao governo do Maranhão em 1966, com tempo de 10 minutos, dirigido pelo cineasta Glauber Rocha¹⁶⁰. O filme que inicialmente tinha a intenção de mostra a posse, avança numa perspectiva crítica, demonstrando os aspectos da pobreza e da falta de condições estruturais de vida da população ludovicense. A pedido do então governador eleito e amigo José Sarney (então com 35 anos), Glauber Rocha produziu um documentário sobre a cerimônia da posse do político em ascensão da

¹⁵⁷ BITTENCOURT; Circe Maria F: “Ensino de História: Fundamentos e Métodos” São Paulo. Ed Cortez, 2004. P227-280.

¹⁵⁸ Produção de Luiz Carlos Barreto. São Luis. 1966. vídeocassete(10min). VHS, son., color .Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY>. Acessado dia 04/02/17.

¹⁵⁹ Luiz Carlos Barreto foi jornalista profissional, repórter e fotógrafo da Revista O Cruzeiro nos anos 50 até 1965, tendo sido correspondente dessa revista na Europa, durante dois anos – 1953/1954. Como repórter, cobriu importantes acontecimentos nacionais e internacionais e graduou-se em letras pela Sorbonne, em Paris. Começou no cinema em 1961, como coautor do roteiro e coprodutor do filme “O ASSALTO AO TREM PAGADOR”, dirigido por Roberto Farias. Essa película obteve um enorme sucesso, tanto no Brasil, como fora do país. A partir de então, começou uma série de grandes produções cinematográficas, divididas com uma importante atividade política e cultural. Luiz Carlos Barreto é uma das homens chaves do chamado Cinema Novo, que revolucionou o Cinema Latino Americano. Como diretor de fotografia em cinema é autor das concepções fotográficas de Vidas Secas e Terra em Transe, que revolucionaram o estilo fotográfico dos filmes brasileiros. Seu mais recente longa-metragem, “LULA, O FILHO DO BRASIL”, foi selecionada para representar o Brasil na corrida para a indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2011. Fonte: <http://academiabrasileiradecinema.com.br/luiz-carlos-barreto/> Acessado dia: 05/02/17.

¹⁶⁰ Glauber Rocha (1939-1981) foi cineasta brasileiro. Um dos responsáveis pelo movimento de vanguarda intitulado Cinema Novo. Produziu filmes de grande repercussão como "Terra em Transe" e "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Glauber Rocha (1939-1981) nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, no dia 14 de março de 1939. Filho de Adamastor Bráulio Silva Rocha e de Lúcia Mendes de Andrade Rocha. Iniciou seus estudos em casa, com sua mãe. Ingressou no colégio do padre Palmeira.

Fonte: https://www.ebiografia.com/glauber_rocha/ Acesso em: 05 fev.17.

UDN/ARENA em 1966, dois anos depois do golpe militar de 1964. A posse de Sarney, em 1966, marcava o início do domínio político de sua família no Maranhão, interrompido somente em 1º de janeiro de 2007, com a posse de Jackson Lago no Palácio, dos Leões. Ante o discurso de posse de Sarney e a celebração da multidão com o novo governo, o documentário expõe a miséria da população maranhense. Enquanto Sarney, em um exercício retórico, se comprometia solenemente a acabar com as mazelas do estado, o filme mostrava as mesmas: casas miseráveis, hospitais infectos, vítimas da fome ou da tuberculose. Glauber retirou dois planos dos negativos de Maranhão 66 para sobrepor em Terra em Transe. Foi utilizado para um comício do personagem Filipe Vieira (vivido por José Lewgoy), governador da província de Alecrim, no fictício país chamado Eldorado. Vieira era um político demagogo que se elegeu à custa do voto dos camponeses e operários e que, após assumir o governo, ordenou o fuzilamento dos líderes populares. Foi também no set de Maranhão 66 que Eduardo Scorel, então técnico de som, leu pela primeira vez o roteiro de Terra em Transe, filme em que assinaria a montagem.¹⁶¹ Quarenta e cinco anos depois, as promessas do governador ainda não se cumpriram. A última pesquisa do IBGE revelou que quase 1/4 da população maranhense vive abaixo da linha da pobreza. Dos 50 municípios mais pobres do país, 32 são do Maranhão e o estado apresenta uma das maiores concentrações de terras do país¹⁶².

Alguns comentários: O filme inicia com a chegada do governador eleito em 1966, José Sarney, ao Palácio dos Leões. Com uma multidão de apoiadores e populares, em outro plano, são mostrados uma locomotiva (transporte público da época), uma fábrica abandonada, casebres, humildes com uma população pobre e missiva, hospital sem infraestrutura, ruas abandonadas, presos em celas coletivas. A Praça João Lisboa, os carros da época. No discurso as promessas de acabar com o analfabetismo, a malária e podridão da época. Os funcionários e pacientes reclamam da falta de tudo. Na zona rural, o lixo e a pobreza se misturar, enquanto o discurso exalta o babaçu, como “uma grande solução...,do governo novo... da fartura e da felicidade”. Uma panorâmica mostra os telhados dos casarões e que a festa entrou noite à dentro.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período: Republicano, e a ditadura Civil Militar. A situação política e social do Maranhão no período civil, militar, destacando as

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY>. Acesso em: 05 fev.17.

¹⁶² Disponível em: <http://amp.brasil247.com/pt/247/cultura/13066>. Acesso em: 05 fev.17.

mudanças e permanência, os decursos e as realizações e as potencialidades econômicas e a participação popular no apoio e na crítica aos governantes. A relação do Maranhão da época com a atual situação do Estado. Como sugestão de leituras indicamos: DA COSTA, Wagner Cabral. Do “Maranhão novo” ao “novo tempo”: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão. 1997. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/cabral1.pdf> . Acessado dia: 03/03/17.

A GREVE DA MEIA PASSAGEM – 1979¹⁶³.

Sinopse: Com direção de Carlos Cintra e Euclides Moreira Neto, com duração de 30 minutos, o filme mostra a atuação da polícia no enfrentamento aos estudantes em 1979. A luta pela meia passagem era a reivindicação dos estudantes, mas o governador Castelo e o prefeito Mauro Fecury não quiseram atender, provocando a reação dos estudantes e a repressão da polícia. Memória- No dia 17 de 1979, estourou em São Luís o movimento da meia-passagem. O assunto foi pauta dos jornais por dias seguidos e estremeceu as bases do então governador da época. Foi no Campus da UFMA que o movimento estudantil pela meia-passagem foi iniciado sob o comando de alunos do curso de Engenharia Elétrica da UFMA. Surpreendidos com um aumento nas passagens dos transportes coletivos, principalmente os que faziam linha para o Campus, os universitários iniciaram um protesto na Universidade. Cerca de 500 estudantes, após encerram a assembleia na UFMA, fizeram uma caminhada ao Centro da cidade. Não imaginavam que pela frente iriam encontrar um contingente da Polícia Militar do Estado, que surpreendeu os estudantes na Avenida do Anel Viário. Após muita negociação, a caminhada foi encerrada com um indicativo de criar comissões, que teriam como objetivo sensibilizar os outros estudantes de São Luís. A luta não parou e os estudantes continuaram a batalha pela reivindicação. No dia 17 de setembro, uma segunda-feira, os estudantes continuaram a mobilização nas escolas, na parte da manhã. À noite, cerca de 7 mil pessoas (entre estudantes secundaristas, da UFMA e da Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM) se concentraram na Praça Deodoro, em uma grande Assembleia. O objetivo dos estudantes era caminhar até o Palácio dos Leões (sede do governo do Estado), na Praça Dom Pedro II, e entregar um manifesto ao então governador João Castelo, para solicitar a meia-passagem a todos os estudantes da Capital, direito garantido por lei e que foi abolido em

¹⁶³ Produção de Carlos Cintra e Euclides Moreira Neto, São Luís. 1997. videocassete(30min). VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jqlbAjDC554>. Acesso em: 09 fev.17.

1969. A repressão não permitiu o encontro. Policiais militares e federais entraram em ação e foi gerado um confronto que destruiria o Centro de São Luís, deixaria muitos feridos e mais de 110 presos, fatos que marcaram o primeiro dia de confronto da Greve. O segundo dia de manifestação terminou, a cidade ficou paralisada, ônibus depredados, lojas saqueadas, escolas fechadas e um saldo grande de feridos. Após dez dias do movimento, a greve finalmente chegaria ao fim. Os estudantes comemoraram nas ruas e a Praça Deodoro, espaço dos conflitos, tornou-se o palco de uma festa memorável.¹⁶⁴

Alguns comentários: O filme inicia mostrando a movimentação enfrente a antiga delegacia central de São Luís. Sem imagem, ouve-se no áudio um interrogatório de um estudante que pretendia fazer o filme, “a meia passagem” em seguida com imagens à música de Geraldo Vandré, caminhando e cantando. Um aviso diz que parte do filme foi apreendida pela polícia. As imagens mostram os manifestantes na Praça do Pantheon e Deodoro¹⁶⁵. Discursos e a organização de uma passeata até o palácio dos Leões, o comandante da polícia, discursa contra os, “baderneiros”, em seguida, depoimentos de estudantes sobre a ação da polícia, são reforçadas pelas imagens, que falam por si. O narrador diz: toda essa repressão policial começou com a explosão popular verificada na noite de 17 de setembro de 1979, quando mais de 10 mil estudantes, seguiam em passeada, até o palácio do governo, para reivindicar o benefício da meia passagem, que a mais de 10 anos, não estava sendo cumprida. São mostradas as várias reuniões, tentando negociar uma negociação. Entidades como a OAB, ABRUMA e a Igreja, se apresentaram coo mediadoras do conflito. As prisões, e violência contra os estudantes teve continuidade, depoimentos na policia Federal foram na “base

¹⁶⁴ Fonte: <https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2004/09/24/livro-conta-revolta-da-meia-%C2%96passagem/>
Acesso em: 18 jan 17

¹⁶⁵ Fica localizada no centro da cidade, foi chamada antigamente de Largo do Quartel, por causa da existência do Quartel onde hoje é a Biblioteca Pública Benedito Leite. Em seguida foi denominada de Praça da Independência, de acordo com a lei municipal de 15 de agosto de 1868. Essa Praça oassou por amplas reformas. Hoje ela é conhecida como Praça Deodoro, homenagem da municipalidade a Marechal Deodoro da Fonseca, homem que se destacou à frente do movimento republicano, dando o golpe de misericórdia no regime monárquico. É local de grandes manifestações públicas. A prefeitura em 1990, liberou para a venda de comércio ambulante, apelidada de Praça do Camelô, porém, sem ato legal.

Nela fica a Praça do Panteon que localiza-se em frente a Biblioteca Pública do Estado onde outrora existiu o Quartel do 24° BC, tem como limites, ao norte e sul as avenidas Silva Maia e Gomes de Castro, ao nascente e poente o Parque Urbanos Santos e a Praça Deodoro. Nela figuram os bustos de Gomes de Sousa, Artur Azevedo, Raimundo Correia, Nascimento de Moraes, Coelho Neto, Humberto de Campos, e o mais recente o de Henriques Leal, retirado do largo de São João. Fonte: <http://wikimapia.org/780222/pt/Pra%C3%A7a-Deodoro>. Acessado em: 09 fev. 2017.

da pressão moram”. O governador Castelo, pressionado decidiu pela volta da meia passagem. Os estudantes e a população saíram em festa, sentindo-se vitoriosos.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: Aborda o período Republicano e A ditadura civil militar no Maranhão. Destaca a organização e aluta estudantil, a luta por direitos, a situação dos transportes e repressão policial. Como sugestão de leitura, indicamos: MATIAS. Moisés. A Revolta da Meia-Passagem: A História da Greve Estudantil de 1979. Editora; Estação Produções, Ano,2004; MACHADO, Jorge Luiz Feitoza O que se passou em São Luís? Representações sobre a greve da meia passagem em 1979 / – São Luís, 2009.Disponivem em: <http://www.outrostempos.uema.br/curso/monopdf2008.2/JORGE%20LUIZ%20FEITOZA%20MACHADO.pdf> . Acessado em 09 fev. 2017.

QUILOMBO BRASIL: deslocamentos no Maranhão¹⁶⁶.

Sinopse: O episódio 1 de uma serie de 6, refere-se ao Maranhão. Com direção de Daniel Lima¹⁶⁷ e tempo de 30 minutos, mostra a disputa pelo território quilombola mobiliza o coletivo: Política do Impossível e a Rede Mocambos para uma criação comum. Não apenas geográfico ou físico este é um território a ser inventado no passado, no presente e no futuro. Desta busca surgiu uma série de cinco documentários que investigam o Quilombo Brasil: brincadeiras de terreiro ocupando a cidade; práticas ancestrais resistindo à instalação de uma base de lançamento de foguetes; ruas batizadas com os nomes de Luiza Mahin, Negro Cosme, Nelson Mandela; a escola de ensinamentos de mãe preta; um gerador de luz quilombola. Um olhar imerso, afetivo e implicado. Narra o deslocamento dos escravizados para os quilombos no Maranhão, na região de Alcântara. ¹⁶⁸

Alguns comentários: O filme descreve a situação de vida atual dos descendentes de escravos de um quilombo em Alcântara, o seu trabalho e luta para a permanência no local. Na abertura um texto

¹⁶⁶ Produção de Daniel Lima. São Luís. 2015. vídeocassete(32.19min). VHS, son., color.Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=H4syNVCvm-E>. Acessado dia 04/02/17.

¹⁶⁷ Nascido em Natal, 1973. Vive e trabalha em São Paulo. Daniel Lima é bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da USP e Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC/SP. Desde 2001 cria intervenções e interferências no espaço urbano. Próximo de trabalhos coletivos, desenvolve pesquisas relacionadas a mídia, questões raciais e processos educacionais. Membro fundador da A Revolução Não Será Televisionada, Política do Impossível e Frente 3 de Fevereiro. Dirige a produtora e editora Invisíveis Produções. Fonte: <http://www.danielclima.com/SobreDanielLima>. Acesado dia: 04/02/17

¹⁶⁸ Informações do site : <http://www.danielclima.com/Quilombo-Brasil> . Acessado dia 04/02/17.

destaca que o Brasil recebeu em suas terras, durante 400 anos, mais de 4 milhões de negros escravizados, tornando-se a maior nação negra fora da África. Muitos destes negros fugiram para criar outra forma de viver. A estes lugares chamavam “quilombo”. Inicia com uma música de tambor de crioula¹⁶⁹, “ei mundo, encanador, a folha seca, quando cai perde o valor”. Câmara apresenta o barco chegando à cidade de Alcântara, mostra o trabalho dos moradores; fazendo tijolos para construírem suas próprias casas, fazem o seu tempero, um armador constrói um barco. O local principal é a agrovila Maradá¹⁷⁰, No primeiro depoimento, Nilde dos Anjos, relata que quando chegou a vila teve dificuldade de se adaptar, “as nossas casa eram feitas do mesmo material, mas cada uma tinha a sua cara, aqui elas são todas iguais”, os moradores de outras comunidades relatam; Leonardo dos Anjos, que, “o projeto deste de 1980, era para tirar toda a comunidade do litoral”, D. Maria Vita, “aqui é muito bom pra se viver... tem tudo...pra comer”, Maria dos Anjos”, aprendi a trabalhar vendo a minha mãe”. Algumas comunidades não aceitaram serem deslocadas. Uma audiência pública, com a participação da comunidade e da Alcântara Cyclone Space (grupo Brasil, Ucrânia), mostra o projeto de “exploração pacífica do espaço”. Um dos moradores está na reunião para “observar o relatório e questionar alguns itens”. Muitos não aceitam o deslocamento. Em São Luís do Maranhão, o documentário mostra Conjunto Habitacional Zumbi dos Palmares. Mostra um terreiro de Umbanda, liderado por Mãe Venina D`Ogum, uma das fundadoras do local, a vinte e três anos, depois de lutas e resistências. Nilson Oniletó, conta como iniciou-se na Umbanda e como construiu a sua afirmação como, Negro. A comunidade possui Igrejas Evangélicas, um grupo de jovens que cantam um rap, em sustentação a luta das mulheres negras, o grafite está nas paredes. Negro Lamar, rapper, fala da fundação da cooperativa e das assembleias que deram nome as ruas, “é o único bairro com nome de uma líder preto, em um Estado de Pretos, essa é a particularidade

¹⁶⁹ O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afrobrasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as correias ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na punga ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/63>. Acessado dia 05/02/17.

¹⁷⁰ As agrovilas de Peru e Marudá estão há cerca de 15 quilômetros do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) e foram deslocadas para a área que ocupam hoje quando da construção da base. Entre os benefícios paralelos que o CVT-Espacial levará às duas comunidades o prefeito Araken cita o asfaltamento da estrada que liga as agrovilas à cidade de Alcântara, item de infraestrutura que ele considera fundamental para o progresso da região. Fonte: Agência Espacial Brasileira. Acessado em 05/02/17.

do local”. A cantora Célia Sampaio, fala da luta de resistência para manter a ocupação do local, “as mulheres ficaram em cima das casas, para resistir a ação da polícia”.

Indicações de conteúdos e sugestões de leituras: A escravização dos africanos aconteceu no Brasil no período colonial e ao longo da história os escravizados vão “desaprendo”. Neste documentário o estudo dos descendentes e um bom começo para recuperar o que foi exaltado e o que foi esquecido ao longo da história brasileira e do Maranhão. A Cultura popular, a luta pela terra, a ocupação de Alcântara pela base espacial, os deslocamentos e formação das comunidades recentes em São Luís, na atualidade. Como sugestão de leituras indicamos: A BASE ESPACIAL E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ALCANTARA. Disponível em : www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/PDFs/arq_1821_286.pdf. Acessado dia 05/02/17.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A História estuda o homem no tempo e o cinema é uma linguagem que pode recriar o passado, no entanto, a questão é como esse passado é reconstruído. Filmes e documentários mesmo não sendo textos históricos e sim uma linguagem onde os diretores, primeiro escolhem o “sensacional” e depois o histórico, mas não deixam de ter um fundamento histórico que em algum momento perpassou pela formação dos diretores/produtores. Nesse sentido, acreditamos que os filmes podem ser utilizados, além dos livros didáticos e de outras linguagens para a formação da consciência histórica.

Pelas narrativas apresentadas nesta pesquisa percebemos a busca por qualificar o trabalho docente e escolas equipadas e acessível à todos são as questões principais para que o professor avance no sentido de usar o filme como outra linguagem possível de se trabalhar em sala de aula. Apesar das indicações dos parâmetros curriculares e das diretrizes estaduais, a normatização do uso do filme, a utilização deste como recurso didático ainda não é latente nas escolas pesquisadas, embora haja um grande esforço por parte dos professores, as escolas não possuem condições estruturais que possibilitem isso. Há uma carência de acompanhamento de coordenador pedagógico que incentive esta prática, que propicie uma aproximação do atual alunado, cada vez mais conectado ao mundo das imagens com a cultura escolar.

Nesse sentido, que apresentamos no primeiro capítulo o filme como uma representação, possível de ser utilizado pelo historiador e pelo professor na medida em que fala mais da época de sua produção do que da época em se refere e, portanto, pode trazer anacronismo, mas se utilizado como outras fontes torna-se uma possibilidade de estudo. Apresentamos alguns conceitos caros aos historiadores e que devem ser trabalhados em sala, como os de representação, tempo e espaço sempre procurando apresentar a aproximação entre história e cinema.

Na abordagem feita no segundo capítulo sobre as práticas dos professores, através da aplicação de a entrevista e questionários, verificamos que o filme é utilizado pela maioria dos professores, mas como um texto histórico, capaz de substituir a aula expositiva ou mesmo que possa reforçar o conhecimento histórico.

Nesse sentido achamos pertinente a apresentação de um guia de filmes maranhense o qual esperamos que mesmo sintético possa contribuir para o professor refletir e utilizar o filme

como outra linguagem, agregando com as suas leituras e experiência mais cabedal, para construir aulas dinâmicas, participativas e construtivas, facilitando e ampliando o conhecimento histórico.

O cinema nacional e local passam por uma crise de incentivos fiscais, muitos dos filmes e documentários apresentados foram feitos com estes incentivos, mas acreditamos que o conhecimento e uso dos filmes nas aulas de História possam contribuir para aumentar o público, e prestígio a estas produções valorosas difíceis de serem lançadas, mas que muito tem o reconhecimento nacional e internacional como grandes obra e produções.

O cinema em São Luís tem sido ampliado com a realização de festivais de cinema e dentro destes espaços específicos para as produções locais. O Cine Lume¹⁷¹, um cinema com projeções diferenciadas e que possuem curso destinado a professores. Também tem aumentado produções e debates acadêmicos em torno do uso do filme em sala e, foi iniciado recentemente o curso de técnico de cinema¹⁷² no Instituto Estadual do Maranhão (IEMA)¹⁷³. Acreditamos que as universidades possam se aproximar e também utilizar estes espaços para auxiliar na produção de filmes e documentários sobre temas regionais, como aprofundamento na pesquisa histórica.

Reiteramos que o nosso objetivo central nessa pesquisa foi verificar o uso do filme pelo professor de história de São Luís em sala de aula. Entendemos a complexidade do tema e a necessidade de ampliarmos o estudo futuramente, abordando o ponto de vista dos alunos, dos produtores e diretores de filmes e dos historiadores sobre a mesma temática, questão que devido ao tempo não foi possível neste momento.

¹⁷¹ Escola Lume de Cinema. Edifício Office Tower - Av. Colares Moreira, S/N · (98) 3235-4860.

¹⁷² A criação da Escola de Cinema é resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti) desde o ano passado. Os primeiros cursos oferecidos foram de direção de fotografia e atuação para cinema, iniciados em maio e junho, respectivamente. Em agosto começa o curso de técnico de cinema e a escola vai oferecer o curso de som para cinema no mês de setembro. As formações são consideradas como Cursos de Formação Inicial Continuada. Fonte: <http://www.ma.gov.br/escola-de-cinema-do-maranhao-inicia-curso-de-tecnico-em-cinema/>. Acessado dia: 01/02/17.

¹⁷³ Escola de Cinema do Maranhão, na Rua Portugal, na Praia Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, K. M.; SILVA, A. C. M.; ALVES, R. C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ARAÚJO, Inácio. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.

BARBOSA, Sílvia. Lei sobre filme nacional nas escolas é descabida. Revista Giz, ed. n°9. ano 5. 03/07/2014. <http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=5205>. Acessado: 20/07/2016.

BARROS, José D.'Assunção. Cinema e história: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 55, 2011.

BERNART, J, C; RAMOS, A, F. Cinema e história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.

BITTENCOURT; Circe Maria F: Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo. Ed Cortez, 2004.

BRASIL. PROJETO DE LEI DO SENADO Nº185, DE 2008. Disponível em : <http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/13153.pdf>. Acessado em 01/02/17

BRASIL. Programa Pacto pelo Fortalecimento do ensino Médio. Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5>. Acesso em 16 jun. 2016.

_____. PCN + Ensino Médio. Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002^a

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* (1° e 2° ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Alexandro Dantas Trindade... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. In: **Debates**. Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. Ed. Unesp, 1991.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av. São Paulo*, v. 5, n. 11, abril 1991.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. Coleção A Reflexão e a Prática no Ensino. Regina Soares de Oliveira, Vanusia Lopes de Almeida, Vitória Azevedo da Fonseca. VOL 6. S.Paulo. ed. Blucher, 2012.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. **Forense Universitária**, 2011.

DIRETRIZES CURRICULARES/Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, SEDUC, 3. ed. São Luís, 2014.

DIRETRIZES CURRICULARES. Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. SEEDUC.3º.ed. São Luís. 2014.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema**. Trad. Francine Facchin Esteves. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2ed. São Paulo: Paz e Terra 2010.

FERREIRA, Claudemir. **O cinema e a sala: apreciação e leitura fílmica**. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=48> Acesso: 20 de jun 2016.

FERREIRA, M. M. ; FRANCO, R.. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FERNANDES, Sandro Luís. **Filmes em sala de aula-realidade e ficção: uma análise do uso do cinema pelos professores de história**. 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. O Uso de Diferentes Linguagens no Ensino de História e Geografia. **Ensino em Re-Vista**, 2010.

FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In:

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6a ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

- LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Bassanezi (Org.) **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MALERBA, Jurandir (org.) A história escrita: teoria e história da historiografia.
- MOCELLIN, R. O cinema e o ensino da história. Curitiba: Nova Didática, 2002.
- NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, nº 25/6. São Paulo, ANPUH, 1993.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. A História depois do papel. In: PINKS, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- NOGUEIRA, Luís. Gêneros cinematográficos. Covilhã: Labcom, 2010.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009.
- REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. Autêntica Editora, 2004.
- RIBEIRO, Nielson. Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula. Joinville-SC: Ed. UNIVILLE, 2006.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de História. **História & ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História. Vol. 4. Londrina: UEL, 1998. p.175.
- SCHVARZMAN, Sheila. Marc Ferro, cinema, história e cinejornais: Histoire parallèle e a emergência do discurso do outro. **Artcultura**, v. 15, n. 26, 2015.
- SILVA, Marco; PORTO Amélia. **Nas trilhas do ensino de história**: teoria e prática. Belo Horizonte: Rona, 2012.p.30
- SALTO PARA O FUTURO: TV e informação na educação / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998, p. 24 – 26
- TAVARES, Ildásio. **Nossos colonizadores africanos**: presença e tradição negra na Bahia. 2. ed. Salvador: edufba, 2009. p.30.
- TURNER, Graeme. O cinema como prática social. São Paulo: Summus Editorial, 1997p.72

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

VIANA, Nildo. Capitalismo e Cinema. **ALCEU - Revista de Comunicação, Cultura e Política**. PUC-RJ, v. 14 - n.27 - p. 66 a 76 - jul./dez. 2013.

XAVIER, Ismail. (Org.). **A experiência do cinema** : antologia. 2ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro : Edições Graal/Embrafilme, 1991p.69

FILMES:

UPAON-AÇU, saint, louis. Joaquim Haickel e Iramir Araújo. São Luís. Guarnicê Produções & Dupla Criação. 10'. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=13FY7W8thgA>>
> Acesso em: 16 jan 2017

SEBASTIANOS: os narradores da ilha de lenções. Claudio Rodrigues. São Luís. Claudio Rodrigues. 30', 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XkBEFTZjHRc>>
Acesso em: 17 jan 2017.

A PEDRA E A PALAVRA. Joaquim Haicke e Coi Belluzzo. São Luís. Guarnicê Produções. 120', 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3vf3ICTOYvc>>. > Acesso em: 01 fev. 2017

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FURIA. Luiz Bolognesi. Rio de Janeiro. Buriti Filmes, Gullane e Europa Filme. 80', 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrQalUZmA0>. Acesso em: 02 fev 2017.

LUÍSES– Solrealismo maranhense. Lucian Rosa. São Luís. Éguas Coletivo Audiovisual. 75', 2013. Acesso : <<https://www.youtube.com/watch?v=qCoVsMQOPFQ>>. Acesso em: 02 fev 2017.

AÍ QUE VIDA. Cicero Filho. PI/MA. TVM Filmes. 120', 2008. . Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=mBdRWFXg9Kc>>. Acesso em: 02 fev 2017.

MARIA ARAGÃO E A ORGANIZAÇÃO POPULAR. Ana Carolina Soares / Daniel Castro. São Luís. Atco Cultura 52'. 2014.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_x0q1A6HiPw>. > Acesso em: 03 fev 2017.

LITANIA DA VELHA. Frederico Machado. São Luís. Arlete Nogueira. 1997,37. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JtvtwNCVcB4>>. > Acesso em: 03 fev. 2017.

MARANHÃO 66. Glauber Rocha. São Luís. Luiz Carlos Barreto. 10', 1964. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY>>. > Acesso em: 04 fev. 2017.

A GREVE DA MEIA PASSAGEM – 1979. Carlos Cintra e Euclides Moreira Neto. São Luís. Virilha Vilmes. 30', 1979. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jqlbAjDC554>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

QUILOMBO BRASIL: deslocamentos no Maranhão. Daniel Lima.. Alcântara/, São Luís.. Invisíveis Produções. 30', 2015.. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=H4syNVCvm-E>>. Acessado dia 04 fev 2017.

SUGESTÃO DE LEITURAS

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. A fundação Francesa de São Luís e seus Mitos. São Luís: Editora UEMA, 2008. 3ª edição revisada e ampliada.

FERRETTI, Sérgio. Encantaria maranhense de Dom Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 262-285, jun. 2013. Disponível em: <<http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19>>. Acesso em: 24 Fev. 2017.

HERMANN, Jacqueline. Dom Sebastião, contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas. Topoi, Rio de Janeiro, p. 108-133, dez./2002. Disponível em: <http://www.revista-topoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a4.pdf>. Acesso em: 24 Fev. 2007

VAINFAS, Ronaldo. **Antônio Vieira: Jesuíta do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Documentos sobre o regime militar no Maranhão. O Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), órgão ligado à Secretaria de Estado da Cultura, recebeu em 2016, 4 mil documentos digitalizados do Sistema Nacional de Informação (SNI) referente aos Estado do Maranhão, do período da ditadura militar no Brasil. Fonte: <<http://www.ma.gov.br/arquivo-publico-do-maranhao-recebe-documentos-sobre-a-ditadura-militar/>> . Acesso em: 02 fev 2017.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A Balaiada e os balaios**: uma análise historiográfica. São Luís. In: Janotti Maria de Lourdes Monaco. História vol.24 no.1 Franca 2005.

ASSUNÇÃO. Matthias Rohring. A Balaiada no Maranhão. São Luis.2008. **Outros tempos**, São Luís, Maranhão, v.5, n.6, dez.2008.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos Santos. **A Balaiada no Sertão**: a pluralidade de uma revolta. São Luís, Ed. UEMA, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Guilhon, Maria Virginia Moreira. "Sarneismo no Maranhão: os primórdios de uma oligarquia." **Revista Políticas Públicas** 11.1 (2015): 125-148.

BREVE HISTORIA DA CORRUPÇÃO NO BRASIL. disponível em : <<http://www.contracorrupcao.org/2013/10/breve-historia-da-corrupcao-no-brasil.html#more>> Acesso em: 03 fev 2017

SANTOS, Suzy; CAPPARELLI, Sérgio. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). Rede Globo:40 anos de poder e hegemonia.1 ed.São Paulo : Paulus, 2005, v.1, p. 77101 Disponível em: <<http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/10.%20Coronelismo,%20Radiodifus%C3%A3o%20e%20Voto%20a%20nova%20face%20de%20um%20velho%20conceito.pdf>>.Acesso em: 03 fev 2017.

CASO LAVA A JATO. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>. Acesso em: 03 fev 2017.

MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura**. São Luís: Engenho, 2015. Disponível em: <http://www.secti.ma.gov.br/files/2015/12/Maria-por-Maria-Com-Capa.pdf>.

CRUZ, Arlete Nogueira da. Lítania da velha. 2ª ed. São Luís: Lithograf, 1997. Disponível em: <http://www.ppgcsoc.ufma.br/Revista%20UFMA/n1/n1_Marcia_Ferreira.pdf> .

ANTUNES FURTADO, Maria Sílvia. Lítania da Velha: a cidade e os esconderijos da memória. **Revista Garrafa**, [S.l.], v. 23, fev. 2017. ISSN 1809-2586. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7470/6000>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MONTEIRO-UFRJ, Ana Maria. ENSINO DE HISTÓRIA: entre história e memória. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf> . Acesso em: 03 fev 2017.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. A construção de memória nacional e o ensino história: Algumas reflexões. **Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil on-line**, 2013.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil nunca mais**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

DORIA. Palmirio. **Honráveis Bandidos**: um retrato do Brasil na era Sarney. São Paulo: Geração editora,2012.

DA COSTA, Wagner Cabral. **Do “Maranhão novo” ao “novo tempo”**: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão. 1997. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/cabral1.pdf>.

MATIAS. Moisés. **A Revolta da Meia- Passagem**: a história da greve estudantil de 1979. Editora; Estação Produções, Ano,2004.

Machado, Jorge Luiz Feitoza O que se passou em São Luís? Representações sobre a greve da meia passagem em 1979 / – São Luís, 2009. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/curso/monopdf2008.2/JORGE%20LUIZ%20FEITOZA%20MACHADO.pdf>.

A BASE ESPACIAL E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ALCANTARA.

Disponível em: www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/PDFs/arq_1821_286.pdf.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista usp**, v. 28, n. 58-63, p. 96, 1995. Disponível em: <http://run.edu.ng/media/3331594813170.pdf>. Acessado dia 05/02/17.

SITES:

<https://www.netflix.com/br/>

<http://www.adorocinema.com/vod/>

<https://www.youtube.com/>

<http://www.curtanaescola.org.br/>

APÊNDICES

APENDICE I: Questionário de pesquisa

A. 1 QUESTIONARIO ENVIADO PARA PESQUISA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO E NARRATIVAS.
MESTRADO PROFISSIONAL.

DISCENTE: JOSÉ RIBAMAR SANTOS DE ALMEIDA. – jef1bia2@hotmail.com

Escola de vínculo: CEM II e Mario Martins Meireles.

CV: <http://lattes.cnpq.br/7503891151592565/> autor do blog: <http://uq10.blogspot.com.br/>

Professor () professora () Turno: Matutino () vespertino () Noturno ()

Tempo de Magistério: 1 a 5 anos () 5 a 10 anos () mais de 10 anos ()

Leciona: Ensino Médio () Ensino Fundamental () Ensino Superior ()

Pós-graduação ()

Formação Inicial: História () outra () especificar: _____

Cursos de Formação Continuada: Este ano () últimos cinco anos () não fez ()

Especificar: _____

Pode marcar mais de uma alternativa nas questões que achar necessário.

1. Quais equipamentos estão no ambiente escolar para utilizar com Filmes e ou Músicas.

() Vídeos e tv. () Aparelhagem de som () multifuncional

() Sala exclusiva para vídeo e tv () utiliza o seu aparelho.

() Computadores a disposição de professores e alunos.

2. Sobre o acesso aos equipamentos estão:

() Sempre disponíveis. () Agendamento prévio

() Agendamento muito disputado () Equipamento em constante manutenção.

() não possui equipamento () _____

3. A Escola possui acervo de filmes (videoteca) ou de música (discoteca)?

() sim () não () _____

3.1 – O acervo disponível na sua Escola para a sua disciplina é suficiente?

() sim () não () parcialmente () não conheço.

4. Você usa filmes no seu cotidiano escolar?

() de acordo com o conteúdo desenvolvido () em projetos de ensino

() em ambos os casos () para preencher lacuna no horário

() para complementar o conteúdo () não uso. () _____

4.1 – Qual a frequência:

() todas as aulas () uma vez por semana () algumas vezes por mês

() uma vez por mês () uma vez por bimestre () esporadicamente

() _____

4.2 - Qual a procedência dos filmes assistidos?

() acervo da Escola () acervo pessoal () locadora () Internet

() _____

5. Você usa música no seu cotidiano escolar?

() de acordo com o conteúdo desenvolvido () em projetos de ensino

() em ambos os casos () para preencher lacuna no horário

() para complementar o conteúdo () não uso. () _____

5.1 – Qual a frequência:

() todas as aulas () uma vez por semana () algumas vezes por mês

() uma vez por mês () uma vez por bimestre () esporadicamente

() _____

5.2. - Qual a procedência das músicas assistidos?

- () acervo da Escola () acervo pessoal () locadora () Internet
 () _____

6. Qual (is) os gêneros (os) dos filmes assistidos?

- () qualquer filme de acordo com o conteúdo
 () Ação – (ex: Besouro) () Aventura – (ex: Coração Valente)
 () Comédia (ex: Caramuru A Invenção do Brasil)
 () Documentário (ex: João Goulart – Jango) () Drama (ex: 12 anos de escravidão)
 () Ficção (ex: Parque dos dinossauros) () Musical (ex: A Noviça Rebelde)
 () Romance (ex: O Amante da Rainha) () Bibliografia (ex: Leila Gonzales)
 () _____

7. Numa exibição em suas aulas, em média quanto tempo dura a apresentação de um filme ?

- () até 10 min () até 20 min () até 30 min () uma aula () duas aulas
 () _____

8. Qual (is) os gêneros (os) das músicas ouvidas em sala?

- () reggae (ex; Brasil - Edson Gomes)
 () baião (ex : asa branca - Luís Gonzaga)
 () pop/rock (ex: que país é esse - Legião Urbana)
 () MPB (ex: Bye,bye, Brasil - Chico Buarque)
 () Samba (ex: canto das três raças - Clara Nunes)
 () Hip Hop (ex: ate quando? Gabriel Pensador)
 () _____
 () _____

9. Numa exibição em suas aulas, em média quanto tempo dura a apresentação de uma música?

- () até 10 min () até 20 min () até 30 min () uma aula () duas aulas
 () _____

10. Com qual(is) objetivo(os) você usa obras cinematográficas ou músicas em sala de aula?

- () prepara a abertura de um novo tema/assunto () encerra um tema ou assunto.
 () apoio para discussões () ilustração () dar significado ao assunto
 () _____

11. Qual(is) o(s) último(s) filme(s) exibidos nas suas aulas?

*
 *

12. Qual (is) a (s) última (s) musica (s) trabalhada (s) nas suas aulas?

*

APENDICE 2: Entrevista com professores

Dados do entrevistado:

	CODINOME.	LOCAL DE TRABALHO	DATA LOCAL ENTREVISTA.	
1	LUCIA	CEM II	23.11.escola	
2	DIOGO	CEM II	24.11.escola	
3	JOSUÉ	MM	01.12.escola	
4	MARCOS	MM	29.11.escola	
5	NILSO	MM	01.12.escola	
6	CIRILO	Bacelar Portela	01.12.escola	
7	PAULO	LICEU	01.12.escola	
8	FERNANDA	LICEU	04.12. e-mail.	

Formação, tempo de magistério, nível de ensino em que leciona,
Disciplina (s).

	CODINOME	FORMAÇÃO.	TEMPO DE MAGISTERIO.	NIVEL DE ENSINO	DISCIPLINA	LOTAÇÃO.
1	LUCIA	Licenciatura em História	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA	CEM II
2	DIOGO	Licenciatura em História	+ 20	MÉDIO	HISTÓRIA	CEM II
3	JOSUÉ	Licenciatura em História	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA	MM
4	MARCOS	Licenciatura em História	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA	MM
5	NILSO	Licenciatura em História e Filosofia.	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA E FILOSOFIA.	MM
6	CIRILO	Licenciatura em História	- 10	FUNDAMNETAL	HISTÓRIA	BARJONAS.
7	PAULO	Licenciatura em História	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA	
8	FERNADA	Licenciatura em História	+ 10	MÉDIO	HISTÓRIA	LICEU
	CODINOME	FORMAÇÃO.	TEMPO DE MAGISTERIO.	NIVEL DE ENSINO	DISCIPLINA	LOTAÇÃO.

Objetivo da pesquisa: Investigar a utilização de filmes como ferramenta metodológica de aula. Roteiro
Obs. O seu nome ou Escola não serão citados. Usarei um nome fictício, caso tenha uma sugestão aceite.

1 – Você tem o hábito **assistir a filmes**? (Fora da Escola).

1a). Onde?

Resumo das entrevistas.

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Sim. Em casa e no cinema.	
2	DIOGO	Sim, em casa.	
3	JOSUÉ	Em casa, cinema esporádico. Possuo acervo ou Netflix.	
4	MARCOS	Não. muito pouco.	
5	NILSO	Sim. Geralmente em casa.	
6	CIRILO	Sim, em casa	
7	PAULO	Sim. Na internet, cinema pouco.	
8	FERNADA	Assisto pouco, não por que não goste, mas pela rotina de trabalho profissional e doméstica que me limita. em casa mesmo	

1b). Que tipo de **filmes mais gosta e porquê?**

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Ficção.	
2	DIOGO	Ação. (Faltou porquê).	
3	JOSUÉ	O que possamos contextualizar em sala de aula alguns assuntos importantes.	
4	MARCOS	Não tem o habito de assistir porque é muito interativo. (Acho que quis dizer não consegue ficar sentado assistindo muito tempo).	
5	NILSO	Históricos que tenham uma ligação com a realidade, são chamados de “retratos do mundo real” e por influência outros filmes.	
6	CIRILO	Aventura e contexto histórico.	
7	PAULO	Históricos, sociais.	
8	FERNADA	Com exceção de filmes de terror, gosto de tudo.	

2 – Na sua prática docente você **utiliza filmes** em sala de aula?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Sim, é para enfatizar o assunto, mais conhecimento sobre o que trabalhou.	
2	DIOGO	No momento não, mais já utilizei	
3	JOSUÉ	Bem difícil, bem esporadicamente, quando a turma apresenta condições e dar um feedback importante.	
4	MARCOS	Difícilmente.	
5	NILSO	Utilizo com uma certa constância. É um estímulo para o aluno é chamada leitura de imagens.	
6	CIRILO	Sim,	
7	PAULO	Não tanto quando queria, não e com frequência.	

8	FERNADA	Muito raramente utilizo. Esse ano por exemplo não usei nenhum.	
---	---------	--	--

3 - Ao longo do ano **quantos filmes você utiliza?**

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	4 ou 5	
2	DIOGO	Não utilizei	
3	JOSUÉ	Utilizou um só. O Nome da Rosa.	
4	MARCOS	Em torno de quatro filmes	
5	NILSO		
6	CIRILO	Sim,	
7	PAULO	Dois.	
8	FERNADA	Teve ano de usar dois.	

4 – Qual o livro que você recomenda para uso nas aulas de História. (O livro adotado)

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Claudio Vicentino, ser protagonista	
2	DIOGO	Claudio Vicentino.	
3	JOSUÉ	História das Cavernas ao terceiro milênio.	
4	MARCOS	Claudio Vicentino.	
5	NILSO	História e o tempo. Traz indicação de filme.	
6	CIRILO	Editora moderna. História das cavernas ao terceiro milênio	
7	PAULO	Odimar Cardoso.	
8	FERNADA	História: das cavernas ao terceiro milênio. Ed, Moderna.	

5 – O que você costuma levar em consideração para definir a **escolha** de um filme?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Relação com o assunto que estou trabalhando.	
2	DIOGO	Se fosse usar procuraria ver o assunto, o que está mostrando no momento.	
3	JOSUÉ	Depende do conteúdo do filme. De acordo com o que está sendo trabalhado em sala.	
4	MARCOS	O período em trabalhava, o assunto tinha a ver.	
5	NILSO	Primeiro faço uma análise do assunto, o filme deve ter uma relação com o assunto e depois consulto a turma sobre a proposta do filme.	
6	CIRILO	O conteúdo trabalhado em sala de aula.	

7	PAULO	O tempo não pode ser longo, a relação com o conteúdo e linguagem que os alunos compreendem sem ser rebuscado. Não ver o filme como uma ilustração, o filme e uma interpretação.	
8	FERNADA	A possibilidade de ligação com o assunto abordado.	

6 – Explique como e quando se dá a sua decisão de usar um filme em sala de aula.

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA		
2	DIOGO		
3	JOSUÉ	Vai de como essa turma pode interagir e construir um conhecimento.	
4	MARCOS	Utilizo mapa, exposição oral e para diversificar utilizei o filme.	
5	NILSO	No início de cada capítulo, o filme é parceiro, um complemento do assunto	
6	CIRILO	Planejamento anual	
7	PAULO	Quando há disponibilidade do filme adequado ao conteúdo. Eles assistem filmes, o objetivo e fazer uma interpretação critica	
8	FERNADA	Só uso filme quando percebo interesse da turma, e quando há possibilidade de se fazer o debate depois.	

7 – Como você lida com o tempo dos filmes e das aulas?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Escolho cenas que me interessa, partes do filme.	
2	DIOGO	Um filme reduzido	
3	JOSUÉ	Dois horários. Utilizo algumas partes.	
4	MARCOS		
5	NILSO	Nós trazemos, uma certa dificuldade, somos limitados pelo tempo em sala de aula.	
6	CIRILO	Utilizo três ou quatro aulas.	
7	PAULO	Uso o filme inteiro, as partes comprometem o entendimento	
8	FERNADA	Esse é o grande desafio, filmes tomam bastante tempo, e o recorte nem sempre é uma saída, então geralmente solicito horários dos colegas para que os alunos assistam todo.	

8 – Comente como você utiliza o filme em sala de aula.

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Partes do filme, que interessa para o que estou trabalhando.	
2	DIOGO	Preparado na parte que interessa.	
3	JOSUÉ	Indica como uma possibilidade de aprendizado. Não o conhecimento histórico	
4	MARCOS	Utilizei algumas cenas e fizemos o comentário. Antes dei o conteúdo sobre História medieval	

5	NILSO	Pedimos um horário a mais, assisto antes faço indicação das partes e passo as partes que mais interessa.	
6	CIRILO	A partir do texto (livro), aos alunos deveram fazer uma análise, resumo contextualizado com o conteúdo	
7	PAULO	Preparação, o conteúdo, o filme, debate do filme, critica interna e externa e questões sobre o filme.	
8	FERNADA	O filme quando usado, é como complemento das aulas, no intuito de provocar discussões sobre o tema e propor uma visualização de algo que se queira enfatizar.	

9 – Quando você trabalha com filmes **quais aspectos explora?**

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	O tipo de sociedade, o lado histórico. falta mais habilidade para trabalhar melhor com esse instrumento de trabalho, procuro trabalhar o histórico, mais sei que pode ser tirado muito mais	
2	DIOGO		
3	JOSUÉ		
4	MARCOS	Um aspecto. A questão religiosa.	
5	NILSO	O aluno consiga fazer uma conexão com a realidade, uma leitura de imagem.	
6	CIRILO	Resumo dos aspecto histórico trabalhado em sala relacionando com o conteúdo.	
7	PAULO	Depende não há uma regra procuro enfatizar os aspectos históricos relacionados com o conteúdo.	
8	FERNADA	Quando trabalho, elaboro um roteiro para que o aluno perceba, cenário, enredo, a produção, a fala dos personagens, etc.	

10 – O **que você pretende** quando decide usar um filme em sala de aula?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Que o aluno adquira mais conhecimento sobre o assunto que estou trabalhando.	
2	DIOGO		
3	JOSUÉ		
4	MARCOS		
5	NILSO		
6	CIRILO	O filme tem uma modificação do contexto histórico. Trazer algo mais palpável, mais concreto, o filme materializa através das imagens o conteúdo.	
7	PAULO	Os alunos possam ter a capacidade de interpretar	
8	FERNADA	Enfatizar alguma discussão.	

11 – Concretamente, como você avalia os **resultados** dessa atividade na sua prática?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
--	----------	------------	------

1	LUCIA	Faço debate, elaboro perguntas. Alguns alunos trouxeram sobre diretor, gasto do filme, procuro perguntar sobre o que chamou atenção, algumas coisas sobre o que está trabalhando	
2	DIOGO	Pedi para que os alunos faça um resumo	
3	JOSUÉ		
4	MARCOS		
5	NILSO	Avalio através de questões subjetivas, o que ele conseguiu captar	
6	CIRILO	Positivo. Conseguem relacionar o que foi trabalhado em sala com o filme.	
7	PAULO		
8	FERNADA	Como pouco uso essa metodologia, não tenho elementos para responder se faz tanta falta.	

12 – Na sua opinião, quais as **vantagens e desvantagens** dessa metodologia?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Vantagem, sai da aula só no quadro e na minha concepção o aluno aprende mais. Desvantagem, falta de aparato da escola, perdesse muito tempo	
2	DIOGO	Vantagem. A imagens faz com que o aluno focalize mais.	
3	JOSUÉ		
4	MARCOS	Foi positiva, foi abordagem diferente, muitos participaram	
5	NILSO	Vantagem o estímulo que traz, a visualização quebra a rotina, dificuldade não encontra filmes didaticamente adaptado, as escolas são pobres em tecnologia. Os recursos são poucos, falta wi- fi, o agendamento é muito longo não possibilita a sequência.	
6	CIRILO	A escola oferece minimante condições, com algum recurso. Baixo o filme da interne, os próprios alunos fazem isso. Acaba materializando o discurso através das imagens, desvantagens a edição, precisamos de muito tempo. A sala e agendada	
7	PAULO	Vantagens sair do tradicionalismo, outras formas de construção histórica. Desvantagens o tempo, o interesse dos alunos Tem televisão e dvd em sala de aula.	
8	FERNADA	Não sei responder	

13 – Com base na sua experiência com essa metodologia fale sobre a forma **como os alunos reagem** quando você anuncia ou projeta um filme.

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	A maioria reage bem, mais alguns aproveitam a hora do filme para dormir mesmo.	
2	DIOGO	Muitos formalizando o assunto, outros conversando	

3	JOSUÉ	Muitos não querem aprender. Não é fácil trabalhar a partir de músicas, filmes. Se não for algo do cotidiano e difícil quere ver.	
4	MARCOS	No começo ficaram sem saber como ia ser, mas como trabalhei com eles como iria ser foi bem legal, bem receptivo.	
5	NILSO	Uma certa euforia, acham que vão ao cinema, precisa ser trabalhado pelo professor. O aluno ainda não está adaptado	
6	CIRILO	Positiva. Os alunos gostam e uma aula diferente do cotidiano.	
7	PAULO		
8	FERNADA	Geralmente cria-se uma expectativa positiva, mas dependendo do filme, expressam pouca motivação.	

14- Quais os **filmes que você mais usa** em sala de aula e por quê? (Quais os que utilizou, ou utilizaria).

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Assuntos históricos relacionados com o assunto que estou estudando, por exemplo quando estava estudando República Velha passei Canudos, para reforçar a situação dos sertanejos	
2	DIOGO		
3	JOSUÉ		
4	MARCOS	Falta de recursos.	
5	NILSO	Queda de Hitler, Carlota Joaquina, 1492 e Zuzu Angel.	
6	CIRILO		
7	PAULO	O menino do pijama listrado, Charles chapin, kiricu,	
8	FERNADA	Já usei muito tempo modernos, quando trato de revolução industrial; Lutero para tratar de Reforma; Agora não lembro. Reforço, quase não uso filmes	

15 – Quais as maiores **dificuldades que você sente** com essa prática metodológica?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Falta de aparato na escola, perdesse muito tempo	
2	DIOGO	Filme histórico. Canudos, escrava Isaura, Lampião?	
3	JOSUÉ	O olhar do colega que pensa que passar filme o professor não quer da aula. Temos recurso atualmente. Mas falta melhores recursos.	
4	MARCOS	Não (gradual na UFMA).	
5	NILSO	Falta tecnologia e interesses do órgão responsável pela educação de aparelhar e procurar a formação humana.	
6	CIRILO	Não	
7	PAULO		
8	FERNADA	Carga horaria, e disponibilidade de equipamentos na escola.	

16 – Você, tem alguma formação ou leitura sobre o uso dessa metodologia em sala?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Não.	
2	DIOGO	Não. No próprio livro adotado.	
3	JOSUÉ	Aprendi na UEMA, trabalhávamos muito filmes. Nos congressos, minicursos e palestras.	
4	MARCOS		
5	NILSO	Não fiz curso, e fruto de minha vivência própria no trabalho em periferia que tinha a necessidade de se fazer algo diferente.	
6	CIRILO	Fiz a dez anos pela secretaria, mas de lá para cá não fiz	
7	PAULO	Fiz minicurso em evento, cinema e história, na pratica no estágio a professora pediu uma aula diferente. A produção não e conhecida eu nunca utilizei.	
8	FERNADA	Não tenho nenhuma leitura, mas confesso o pouco interesse.	

17 – Você, poderia indicar filmes maranhenses para usar na sala de aula.

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Não	
2	DIOGO	Não.	
3	JOSUÉ	Não.	
4	MARCOS	Não	
5	NILSO	Não	
6	CIRILO	Não	
7	PAULO	Não	
8	FERNADA	Não conheço a produção maranhense	

18- Na sua opinião, o que um professor precisa para trabalhar com filmes em sala de aula?

	CODINOME	RESPOSTAS:	OBS.
1	LUCIA	Melhor formação e curso de qualificação e condições de recurso	
2	DIOGO	Prepara, formação e recursos.	
3	JOSUÉ		
4	MARCOS	Condições materiais e formação.	
5	NILSO		
6	CIRILO	Devemos aperfeiçoar o uso dessa tecnologia, mais melhora as dependências e recursos	
7	PAULO		
8	FERNADA	Assistir ao filme, se apropriar da discussão que quer estabelecer com os alunos, elaborar um roteiro para direciona-los e por fim discutir em sala e pontuar o que for interessante.	

QUESTIONARIOS ENVIADOS.

	ENVIADOS	RESPOSTAS	NÃO RESPONDERAM	INDICADOS	
POR E-MAIL	10	18	1	9	
PESSOALMENTE	5	3	2	0	
TOTAL	15	21	3	9	

ANEXOS

ANEXO A: Dados IBGE 2015

Docentes, Escolas e Matriculados.

Escolha um tema: **Educação**

Variável	São Luís	Maranhão	Brasil
Pré-escolar	3.809	142,39	3.079,06
Fundamental	7.358	723,46	15.495,21
Médio	1.713	195,21	5.697,34

Variável	São Luís	Maranhão	Brasil
Pré-escolar	425	86,86	1.050,40
Fundamental	476	104,91	1.340,77
Médio	147	10,30	279,93

Variável	São Luís	Maranhão	Brasil
Pré-escolar	29.849	2.340,76	49.165,25
Fundamental	142.310	12.355,95	278.253,38
Médio	52.739	3.121,01	80.748,81

Fonte: (1)Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2015. NOTA: Atribui-se zeros aos valores dos municípios onde não há ocorrência da variável.

ANEXO B:

LISTA DE ESCOLAS POLOS E ENDEREÇOS DA GRANDE SÃO LUIS. – 2016

	ESCOLA DO ENSINO MÉDIO – SÃO LUIS-MA	ENDEREÇO
	POLO I	
1	C.E. Santa Barbara / CEMA – 2º ao Ensino Médio	Rua 13 de Maio nº 10 Sta Barbara
2	C.E. Profª Mª do Socorro Almeida – Sede 9º ao Ensino Médio	Rua do Arame s/n São Cristovão
3	C.E. Profª Maria Helena Rocha 7º ao Ensino Médio	Rua Principal,27 Itapera
4	U.E. Cruzeiro de Santa Barbara / 6º ao Ensino Médio	Rua Principal n 29 Cruzeiro de St Barbara
5	C.E. Profª Mª do Socorro Almeida – Anexo Quebra Pote - Ensino Médio	Rua Principal,27 Quebra Pote
6	U.E. Odylo Costa Filho - Ensino Médio	Rua Sarney Filho s/n João de Deus
7	C.E. São Cristovão – Ensino Médio	Av. Guajajaras n 90 São Cristovão
8	C.E. São Cristovão – Anexo Jardim São Cristovão – Ensino Médio	Rua 10 Qd 15 n 15 Jardim São Cristovao
9	C.E. São Cristovão – Anexo São Bernardo – Ensino Médio	Rua São Francisco,28 São Bernardo
10	U.E. ROSA CASTRO – Ensino Médio	Paróquia São Raimundo
11	C.E. São Cristovão – Anexo Coquilho – Ensino Médio	Av. Principal s/n – Mato Grosso
	POLO II	
12	C.E Salim Braid – 7º ao Ensino Médio	Rua do Posto Médico BR 135 Km 23 s/n Estiva
13	C.E. Juvêncio Matos – 2º ao Ensino Médio	Rua Principal s/n – Tibiri
14	C.E. Lucia Chaves – 7º ao Ensino Médio	Rua São Raimundo s/n Vila Esperança
15	C.E. Renato Archer – Ensino Médio/ Not.	Av. Principal s/n – Maracanã
16	C.E. Profº Mário Meireles – Ensino Médio	Av. 6 Km 15 BR 135 s/n Mangue Seco
	PLO III	
17	C.E. José Justino Pereira / Cema – 6º ao Ensino Médio	Av 103 Und 103 s/n Cidade Operária
18	U.I. Maria José Aragão – 7º ao Ensino Médio	Rua 205 Und 205 s/n Cidade Operária
19	C.E. Inácio Rangel – 7º ao Ensino Médio	Rua Nova s/n Maiobinha
20	U.I. Barjonas Lobão / CAIC – 4º ao Ensino Médio	Av. 2 Qd 7 Lt. 1 Jardim América
21	C.E. Profº Luis Rego – 6º ao Ensino Médio	Alameda Santa Inês s/n Jardim Tropical
22	C.E. São José Operário – 9º ao Ensino Médio	Av. Divina Providencia n 100 Cidade Operária
23	C.E. Menino Jesus de Praga – Ensino Médio	Rua 103 Und 103 Cidade Operária
24	C.E. Cidade Operaria I – Ensino Médio	Rua 203 Und 203 Cidade Operária
25	C.E. Paulo VI – Ensino Médio	UEMA
26	C.E. Cidade Operária II – Ensino Médio	Rua 201 Und 201 Cidade Operária
27	C.E. Joana Batista dos Santos Silva – Ensino Médio	Rua 9 Qd 100 Bl. B Cidade Olímpica (Atrás da Delegacia)
	POLO IV	
28	C.E. Domingos Vieira Filho – Ensino Médio	Av 6 s/n Maiobão – Paço do Lumiar

29	C.E. Profº Robson Campos Martins – Ensino Médio	Av. 9 Qd. 50 Rua 17 s/n Maiobão
30	C.E. Erasmo Dias – Ensino Médio	Av. 12 s/n Maiobão
31	C.E. Profº Machadinho – Ensino Médio	Praça Nossa Senhora da Luz s/n Paço do Lumiar
32	U.I Prof Machadinho - Anexo Pov. Eugênio Pereira	
33	U.I Prof Machadinho - Anexo Santa Maria	
34	C.E. Pires Collins / CEMA – Ensino Médio	Rua do Colégio s/n Pau Deitado – Pdo Lumiar
35	C.E. Vitório Silva / CEMA – Ensino Médio	Av. Principal Iguaiá – Paço do Lumiar
36	C.E. Dr. Luís Sergio Cabral Barreto – Ensino Médio	Praça Adalberto Ribeiro Mocajituba Paço do Lumiar
37	C.E. Profº José França de Sousa – Ensino Médio	Rua da Agroveterinária Raposa
38	C.E. Profº Zoe Cerveira – Ensino Médio	Rua da Lavanderia nº 129
39	C.E. Profº Zoe Cerveira / Anexo Pirâmide – Ensino Médio	
40	C.E. Professor Aquilis Batista Vieira	Rua da Direita - Alcântara
41	C.E. Professor Aquilis Batista Vieira / Anexo Oitua – Ensino Médio	
42	C.E. Isidorio Augusto de Sousa – Ensino Médio	Pov. Tiquira Km 10 – Cujupe
	POLO V	
43	C.E Dr. Geraldo Melo – 7º ao Ensino Médio	Rua 16 s/n Cohab IV
44	C.E. Cidade de São Luis – 9º ao Ensino Médio	Av. 4 s/n Conj. Cohab Anil III
45	U.I. Cônego Ribamar Carvalho – 4º ao Ensino Médio	Av. 14 Rua 47 s/n 3º Conj Cohab Anil
46	C.E. Barjonas Lobão – 7º ao Ensino Médio	Rua 8 s/n Cohatrac III
47	U.I. Profª Maria Pinho – 7º ao Ensino Médio	Rua O Qd. 12 s/n Cohatrac I
50	C.E. Almirante Tamandaré – Ensino Médio	Rua 28 Qd. 32 s/n IV Conj. Cohab Anil
	PLO VI	
51	U.I. Haydeé Chaves - 6º ao Ensino Médio/EJA	Jussandra Araujo V. Gonçalves Maria de Lourdes Cutrim 99617- 3863 Luzenir Andrea (Adj) 98869- 8492
52	CE Profª Maria Helena Duarte - 3º ao Ensino Médio	Rosimary Rebouças Marcelo Valente (Adj) 98853-7536 / 98128-3966
53	U.E. Ecilda Ramos de Sousa - 2º ao Ensino Médio/EJA	Raimunda Alves de Sousa Elizabeth Correa (Adj) 98845-1925 / 98131-0205
54	U.I. Prof. José Nascimento de Moraes - 6º ao ENSINO MÉDIO	Francisco de Assis Pimentel Araújo Karina (Adj) 99976-5239 98199- 8657
55	U.I. Prof. José Nascimento de Moraes - Anexo Canaã	Francisco de Assis Pimentel Karina (ADJ) 99976-5239
56	C.E. Manoel Beckman - Ensino Médio	Rua 51 s/n Bequimão
57	C.E. Maria Mônica Vale - Ensino Médio	Rua 24 s/n Vinhais
	PLO VII	
58	C.E. Estado do Pará - 2º ao ENSINO MÉDIO	Rua Machado de Assis n 16 Liberdade

59	U.I. Dr. Antônio Jorge Dino - 2º ao Ensino Médio	Rua do Correio s/n Bairro de Fátima
60	C.E. General Artur Carvalho - 7º ao Ensino Médio	Rua Antônio Vieira da Silva s/n - Bairro de Fatima
61	C.E. Humberto de Campos - Ensino Médio	Av. Kennedy s/n
62	C.E. Fernando Perdigão - Ensino Médio	Av. Getúlio Vargas n 2321 - Monte Castelo
63	C.E. Gonçalves Dias - Ensino Médio	Rua Arnaldo Vieira s/n – Alemanha
64	C.E.Profª Margarida Pires Leal - Ensino Médio	Av. dos Franceses s/n – Alemanha
65	C.E. Dorilene Silva Castro - Ensino Médio	Rua Pedro II s/n Coroadinho
	PLO VII	
66	C.E. Pio XII/2º ao Ensino Médio	Av. dos Franceses s/n Vila Palmeira
67	Colégio Militar 02 de Julho - 6º ao ENSINO MÉDIO	Av. dos Franceses s/n Vila Palmeira
68	Colégio Militar Tiradentes - 6º Ao Ensino Médio	Rua do Arame s/n Vila Palmeira (antigo Colun)
69	U.I. Estado do Rio Grande do Norte - 2º ao Médio	Rua P s/n Radional
70	C.E. Lara Ribas - 2º ao ENSINO MÉDIO	2ª Trav. Stº Antônio s/n Santo Antônio
71	U.I. Estado do Ceará - 6º ao Ensino Médio (1ª série)	Rua 25 s/n CohebSacavem
75	C.E. Dr. João Bacelar Portela - Ensino Médio	Rua Jorge Damous s/n Ivar Saldanha
76	C.E. Coelho Neto - ENSINO MÉDIO	Rua Jorge Damous s/n Ivar Saldanha
	PLO IX	
77	C.E. Coelho Neto - 5º ao ENSINO MÉDIO	Rua General Artur Carvalho s/n Turu
78	C.E. Coelho Neto - Anexo Juventude (Prisional)	
79	C.E. Vinicius de Moraes - 9º ao ENSINO MÉDIO	Rua Boa Esperança s/n Divineia
80	C.E.Emésio Dário de Araújo - 6º ao ENSINO MÉDIO	Av. Sol Nascente s/n Sol e Mar
81	U.I. Viriato Corrêa - 4º ao ENSINO MÉDIO/EJA-NOT	Rua do Piquizeiro s/n Ingaúra
82	C.E. Paulo Freire - Ensino Médio	Av 6 s/n Conj. Habitacional Turu
83	CE. Professora Estefânia Rosa da Silva antiga: C.E. Roseana Sarney - Ensino Médio – agora:	Rua 18 s/n Habitacional Turu
84	CINTRA - 3º ao Ensino Médio	Rua da Companhia n 1 Anil
85	CINTRA - ANEXO VOVÓ ANÁLIA	
	PLO X	
86	C.E. Francisco A. Ximenes – 7º ao Ensino Médio	Av. Sarney Filho s/n Vila Embratel
87	C.E. Y Bacanga – 5º ao Ensino Médio	Qd H s/n – Anjo da Guarda
88	C.E. Vicente Maia – 6º ao Ensino Médio / EJA	Rua da Acácia s/n Anjo da Guarda
89	U.E. Cruzeiro do Sul – 7º ao Ensino Médio	Estrada da Vila Nova s/n Vila Nova
90	U.E. Cruzeiro do Sul / Anexo Alto da Esperança – 2º ao Ensino Médio (alunos que cumprem medidas sócio-educativas)	Alto da Esperança
91	C.E. Antônio Ribeiro da Silva – 1º ao Ensino Médio	Av do Contorno s/n Sá Viana
92	C.E. Vila Maranhão – 4º ao Ensino Médio	Rua da Igreja s/n Vila Maranhão
93	C.E. Profª Dayse Galvão Sousa – Ensino Médio	Av. do Contorno s/n Vila Embratel
94	C.E. Anjo da Guarda – Ensino Médio	Rua Palestina Qd. E s/n Anjo da Guarda

	PLO XI	
95	U.I Desembargador Sarney - 7º ao ENSINO MÉDIO	Rua Hemetério n 173 São Francisco
96	U.I Sousândrade - 7º ao Ensino Médio/1ª série-matutino	Praça São Roque s/n Lira
97	CE Modelo Benedito Leite	Praça Antonio Lobo s/n Centro
98	CE Nerval Lebre - Ensino Médio	Rua Barão de Itapary s/n Camboa
99	CE Liceu Maranhense - ENSINO MÉDIO	Parque Urbano Santos s/n Centro
100	CE Bernardo Coelho de Almeida - Ensino Médio	Rua Celso magalhaes n 561 Centro
101	C.E. João Francisco Lisboa - Ensino Médio	Rua Oswaldo Cruz s/n Canto da Fabril
102	Centro de Educ. de Jov. e Adulto-CEJA	Av Barão de Itapary s/n Camboa
	PLO XII	
103	CE Dr. Tarquínio Lopes Filho/7º ao ENSINO MÉDIO	Maracajá s/n São José de Ribamar
104	CE Ribeiro do Amaral/2º ao ENSINO MÉDIO	Av. Principal – Maioba do Genipapeiro
105	CE Sete de Setembro - Sede/2º ao ENSINO MÉDIO	Rua do Colégio – Maiobinha
106	CE Sete de Setembro - Anexo Juventude e Esperança/EJA Fundamental e Ensino Médio	
107	CE Salustiano Trindade - 7º ao Ensino Médio	Av Trindade s/n Matinha – São Jose de Ribamar
108	CE Estado da Guanabara - ENSINO MÉDIO	Rua 28 de Julho n 99 Ribamar
109	C.E. Estado Da Guanabara - Anexo Parque Vitória	
110	C.E. Estado Da Guanabara - Anexo São Benedito	
111	CE Cidade de São José de Ribamar- CAIC/ ENSINOMÉDIO	Rua São Silvestre n 125 Ribamar
112	CE São José de Ribamar / ENSINO MÉDIO	Rua Olho D'Água s/n Ribamar
113	CE São José de Ribamar - Anexo Bom Jardim -ENSINO MÉDIO	Bom Jardim – Ribamar
114	CE São José de Ribamar - Anexo Juçatuba -ENSINO MÉDIO	Juçatuba - Ribamar
115	CE São José de Ribamar - Anexo Vila Dr. Julinho/Gregório Botão-ENSINO MÉDIO	Vila Dr Julinho – Ribamar
116	CE São José de Ribamar - Anexo - Vila Sarney Filho -ENSINO MÉDIO	Vila Sarney Filho – Ribamar
117	CE São José de Ribamar - Anexo Panaquatira -ENSINO MÉDIO	Panaquatira – Ribamar
118	CE Carlos Melo - ENSINO MÉDIO	Rua 10 s/n Vila Operaria – São Jose de Ribamar

Fonte: MARANHÃO/ SEEDUC/URE. Unidade Regional de Educação de São Luís – URE
Rua da Paz nº 472 – Centro/Telefone: 3214-1625/3266-4146 ure@educacao.ma.gov.br